



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

JANDERSON MARTINS DOS SANTOS

**AS DESCRIÇÕES NOMINAIS ANAFÓRICAS EM
NARRATIVAS ORAIS**

**BELÉM – PARÁ
2010**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

JANDERSON MARTINS DOS SANTOS

**AS DESCRIÇÕES NOMINAIS ANAFÓRICAS EM
NARRATIVAS ORAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Linguística – da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eulália Sobral Toscano.

**BELÉM - PARÁ
2010**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará, Belém/PA

Santos, Janderson Martins dos, 1982–

As descrições nominais anafóricas em narrativas orais / Janderson Martins dos Santos; orientadora, Maria Eulália Sobral Toscano. – 2010.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2010.

1. Anáfora (Linguística). 2. Análise do discurso narrativo. 3. Narrativa (Retórica). 4. Referência (Linguística). I. Título.

CDD - 22. ed. 410



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. MARIA EULÁLIA SOBRAL TOSCANO - Presidente
Universidade Federal do Pará

PROF^a. DR^a. FÁTIMA CRISTINA DA COSTA PESSOA - Membro
Universidade Federal do Pará

PROF^a. DR^a. IZABEL CRISTINA RODRIGUES SOARES - Membro
Universidade Federal do Pará

PROF^a. DR^a. MARILÚCIA BARROS DE OLIVEIRA - Suplente
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Aos meus amados pais, **Antônio e Socorro**, pelo apoio e incentivo aos meus estudos e por sempre afirmarem, em tom de verdade, “Meu filho, você é capaz!”.

À **Profª. Drª. Maria Eulália Sobral Toscano**, pela confiança a mim creditada, pela orientação segura e, ao mesmo tempo, descontraída. O modo humano, com o qual me orientou, transformou minhas inseguranças no desejo do trabalho concluído.

À **Profª. Drª. Izabel Cristina Rodrigues Soares**, cujas contribuições, no momento da qualificação, foram de extrema importância para clarear minhas ideias e imprescindíveis aos resultados deste trabalho.

À **Profª. Drª. Fátima Cristina da Costa Pessoa**, pelas críticas construtivas, durante a qualificação, que me fizeram repensar o percurso de minha pesquisa.

À **Profª. Drª. Walkyria Magno e Silva** que, com sua personalidade firme, fez-me aprender como, de fato, deve ser escrito um texto acadêmico, ainda que esse não fosse o objetivo de sua disciplina.

À **Fabiana, minha amada**, por sua paciência, dedicação e amor incondicional. Sua presença em minha vida foi primordial para a consecução deste trabalho.

A **todos os meus familiares**, e aos de minha noiva, que compreenderam minha ausência nos finais de semana.

Aos companheiros de curso: **Marly Magno**, parceira nos trabalhos do curso e fiel companheira de viagem, **Conceição, Arimir, Elias, Mariza, Karina, Eunice, Bené e Rita** com quem compartilhei momentos de dúvida e, sobretudo, de aprendizagem.

Ao **Prof. M. Sc. Antonio Messias Nogueira**, grande amigo e incentivador de meus estudos.

À **Profª. M. Sc. Nélia Martins**, pela leitura crítica que fez dos meus artigos. Sua contribuição ao longo do curso é inquestionável.

Às **Irmãs da Congregação do Preciosíssimo Sangue**, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar da sala de aula.

À **Ana Cristina**, diretora da Escola Estadual Lameira Bittencourt, pelo constante apoio.

À **Ana Sousa**, pelo incentivo e contribuições imprescindíveis no momento da seleção do mestrado e, sobretudo, por ser uma amiga de verdade em todas as horas.

Aos amigos: **Inéia, Shirlei, Pablo, Elizabeth, Maria José, Carlinhos Gomes, Christiane, Cleonice, Rosimar, Meck**, por suas palavras repletas de incentivo e carinho.

À **Maria Marcelino** (in memoriam), uma segunda mãe, que acompanhou de perto todo meu percurso acadêmico, dedicou-se ao meu bem-estar e torceu por minhas vitórias, e o fez com intenso amor antes dessa breve ausência.

E, por fim, ao **José Victor Neto**, grande amigo, que me apresentou as narrativas orais dos vigilantes noturnos de Castanhal e disponibilizou, com satisfação e humildade, esse rico *corpus* para a realização desta pesquisa.

A minha família, Antônio, Socorro, Josiene, Jacob, Rayra, Rafael e Fabiana, que constituem a verdadeira motivação para essa árdua caminhada. Eles são a razão das minhas conquistas.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
I QUADRO TEÓRICO	13
II OBJETIVOS	14
III CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO	15
1 ROTEIRO METODOLÓGICO	17
1.1 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	17
1.2 PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO	22
1.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	23
2 A NARRATIVA ORAL	25
2.1 DEFINIÇÃO DE NARRATIVA ORAL	25
2.2 A ESTRUTURA DA NARRATIVA ORAL	27
3 O QUADRO TEÓRICO DA REFERENCIAÇÃO	32
3.1 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO	33
3.2 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO	36
3.3 ANÁFORA: UMA ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO REFERENCIAL	39
3.3.1 Anáforas encapsuladoras	42
3.3.2 Rotuladores metadiscursivos	43
3.3.3 Descrições nominais anafóricas (DNAs)	45
4 FUNÇÕES DAS DNAs NAS NARRATIVAS ORAIS	49
4.1 IMPRIMIR RELEVO POSITIVO	51
4.1.1 Relevo de elementos do cenário socioespacial da narrativa	52
4.1.2 Relevo de ações	58
4.2 DNA COMO ESTRATÉGIA DE AVALIAÇÃO	61
4.2.1 Avaliação de ações	62
4.2.2 avaliação de predicções de personagem	66
4.3 A (MULTI)FUNCIONALIDADE DAS DNAs E AS SEÇÕES DA NARRATIVA ...	68
5 GRAUS DE ARGUMENTATIVIDADE DAS DNAs	70
5.1 DNAs COM ALTO GRAU DE ARGUMENTATIVIDADE	72
5.2 DNAs COM BAIXO GRAU DE ARGUMENTATIVIDADE	81
5.3 OS GRAUS DE ARGUMENTATIVIDADE DAS DNAs E AS SEÇÕES DA NARRATIVA	83

OBSERVAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	96

RESUMO

O presente estudo investiga o uso de descrições nominais anafóricas em narrativas orais, mais precisamente, a relação existente entre o uso dessas formas e as partes que constituem a estrutura da narrativa. Observamos as funções que as descrições nominais anafóricas exercem em decorrência dessa relação, bem como a orientação argumentativa que tais expressões imprimem no discurso do narrador. Para esse empreendimento, seguimos um percurso teórico no qual discutimos conceitos de narrativa oral, definimos estrutura da narrativa e problematizamos referenciação, anáfora e as estratégias de referenciação com núcleos nominais, entre as quais destacamos as descrições nominais. Para os estudos da narrativa oral e sua estrutura, recorremos, de modo particular, aos estudos de Labov (1972). Quanto à referenciação, anáfora e estratégias de referenciação, seguimos os postulados de Marcuschi (2005; 2007), Koch (1996; 2001; 2004; 2005; 2006; 2008), Mondada e Dubois (2003) e Lima (2004). O *corpus* deste estudo é constituído por dez narrativas orais gravadas em vídeo e, posteriormente, transcritas. Os informantes são vigilantes noturnos que atuam no centro de Castanhal (PA). Fazemos, a partir de nossa análise, uma classificação das funções que as descrições nominais anafóricas exercem nas diferentes partes da narrativa. Propomos, outrossim, uma classificação dessas formas, levando em consideração seus diferentes graus de argumentatividade.

Palavras-chave: narrativa oral, estrutura da narrativa, referenciação, descrição nominal.

ABSTRACT

This study investigates the use of nominal anaphoric descriptions in oral narratives, more specifically, the relationship between the use of these strategies and the constituents that form the structure of the narrative. We observe the functions nominal anaphoric descriptions exercise according to that relationship as well as the argumentative orientation that such expressions print on the speech of the narrator. To do so, we follow a theoretical path in which we discussed the concepts of oral narrative, we define the narrative structure and problematize the notions of referenciation, anaphora and referenciation strategies with nominal cores, among which we highlight the nominal descriptions. For studies of oral narrative and its structure, we used, in particular, the studies of Labov (1972). As for referenciation, anaphora and referenciation strategies, we follow the postulates of Marcuschi (2005, 2007), Koch (1996, 2001, 2004, 2005, 2006, 2008), Dubois and Mondada (2003) and Lima (2004). The corpus of this study is composed of ten oral narratives videotaped and later transcribed. Informants are night watchmen who work in the center of Castanhal (PA). Accordind to our analysis, we do a classification of the functions that the nominal anaphoric descriptions exercise in different parts of the narrative. We propose, instead, a classification of these forms, considering their different degrees of argumentativity.

Keywords: oral narrative, the narrative structure, referenciation, nominal description.

INTRODUÇÃO

Ler e analisar essas histórias sob o enfoque linguístico (...) é uma maneira de contribuir para o registro e o resgate das narrativas orais paraenses que fazem parte de um acervo literário produzido pela voz e pela memória desse povo; além, é claro, de homologar a importância do ato de contar histórias, costume popular necessário para a preservação da memória e da identidade cultural do povo paraense.

Antônio Messias Nogueira

Analisar narrativas orais tem sido, nas últimas décadas, uma produtiva estratégia utilizada por muitos pesquisadores para compreender as particularidades que envolvem a interação humana. Como bem afirma Duque-Estrada (2001), “a produção de narrativas é uma atividade universal”, e é esta realidade que justifica o grande interesse dos estudiosos por essa modalidade de texto.

Contar histórias sempre fez parte do cotidiano das pessoas. Escutamos histórias de nossos pais e avós desde criança, e elas nos acompanham por nossa adolescência e vão até a vida adulta, passando por um curioso processo de “contação” e “recontação” que as recria e as mantém vivas em nossa memória. São histórias que abrangem ora casos gerados pela rica imaginação de seus autores ou pelo imaginário de seu grupo social, ora acontecimentos que refletem experiências pessoais ou de outros indivíduos. Essas narrativas que passam de geração a geração são, em sua maioria, orais, formando um rico *corpus* para a pesquisa sobre a linguagem e a vida dos agrupamentos sociais.

A fim de corroborar a importância das narrativas orais na vida do indivíduo, Duque-Estrada (2001) comenta que o contato da criança com essa modalidade textual apresenta aspectos positivos, uma vez que é na infância que temos os primeiros contatos com as informações estruturadas em estados e eventos, apresentados cronologicamente através de

diversos episódios. As narrativas infantis, naturalmente, são repetidas nas interações entre crianças e adultos e, mais tarde, esse tipo de organização discursiva é utilizado para expressar experiências pessoais e relatar acontecimentos diversos. Assim, ainda segundo a mesma autora, os assuntos mudarão, mas a estrutura, armazenada na memória dos indivíduos, será solicitada tanto na produção quanto na compreensão dessas formas sociocomunicativas.

Quem vive no Pará, ou simplesmente teve contato com a cultura paraense, deve saber do costume da “contação” de histórias, cujas temáticas caracterizam, de modo muito particular, essa prática narrativa do povo paraense. Essas histórias, que dizem do orgulho desse povo por sua terra, colocam em foco o cenário paraense-amazônico, com suas matas, rios, igarapés, noites em interiores ribeirinhos, personagens heróicos, encantados ou assustadores.

Consideramos que analisar essas narrativas, especificamente, no nosso caso, sob a perspectiva da Linguística de Texto, é uma respeitosa forma de louvar, registrar e ainda resgatar essa prática de linguagem muito comum entre os paraenses. E, em consonância com Nogueira (2005), ressaltamos que o estudo de tais narrativas, sob um olhar linguístico ou sob qualquer outra perspectiva, é também uma forma de homologar a importância do ato de contar histórias, costume popular necessário para a preservação da memória e da identidade cultural do povo paraense.

Acreditamos que as narrativas orais despertam a atenção de seus ouvintes porque são geradas em meio a um processo de interação verbal repleto de estratégias discursivas que visam a fazer desfilar ante os olhos do(s) outro(s) os fatos narrados. A situação de produção das narrativas orais constitui, portanto, uma prática de criação de mundos discursivos, manifestados na interação linguístico-social entre o narrador e sua audiência.

Observar, nesses textos, o processo de referenciação parece-nos, portanto, relevante e bastante produtivo porque, num processo de produção discursiva, como é o das narrativas orais, evidenciam-se muitas particularidades no que diz respeito à progressão referencial,

decorrentes das reações da audiência e das várias semioses que compõem essa ação de linguagem (palavra, gestualidade, expressões faciais, movimento, espaço). Ademais, na Região Norte, onde a tradição das narrativas orais é muito forte, ainda é tímido o número de trabalhos que têm como escopo a análise de estratégias de referenciação nessa modalidade textual, fato que, de certo modo, também corrobora a importância desta pesquisa para os estudos linguísticos.

I QUADRO TEÓRICO

A presente pesquisa, realizada sob uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, situa-se no quadro teórico da Linguística Textual (LT), especificamente, no que diz respeito aos estudos sobre referenciação.

A LT começou a desenvolver-se na década de 60, na Europa, e de modo especial, na Alemanha. Sua hipótese de trabalho, segundo Fávero e Koch (2002), consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem. Desse modo, a LT ultrapassa os limites da frase e entende a linguagem como interação, daí a necessidade de se descrever e explicar a língua dentro de um contexto, considerando suas condições de uso. No quadro teórico da LT, assumem importância particular as questões de ordem sociocognitiva que envolvem, entre outras, a referenciação.

A referenciação tem sido objeto de pesquisa de muitos autores, tais como Apothéloz (2003), Mondada e Dubois (2003). No contexto brasileiro, merecem especial destaque os estudos de Koch (1996; 2001; 2004; 2005; 2006; 2008) e Marcuschi (2005; 2007). O principal pressuposto dessas pesquisas é o de que a referenciação é uma atividade discursiva. Assim, em conformidade com Mondada e Dubois (1995, *apud* KOCH, 2001), postula-se que

a referência é, sobretudo, um problema que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, e que o discurso *constrói* os “objetos” a que faz remissão (“objetos-de-discurso”), ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção.

Situamos nosso trabalho no bojo de estudos que defendem essa perspectiva sobre a referenciação, a qual ressalta o aspecto sociocognitivo das produções textuais.

Para fundamentar nossa análise, procedemos ainda ao estudo estrutural das narrativas orais, recorrendo de modo especial a Labov (1972), que, no artigo “The Transformation of Experience in Narrative Syntax”, sugere um modelo de análise de narrativas orais que julgamos de extrema relevância para o exame de nossos dados.

Labov propõe seis seções para uma narrativa completa: resumo, orientação, ação de complicação, avaliação, resolução e coda. Essa estrutura permitiu-nos tratar o fenômeno analisado neste trabalho de forma sistemática, com o propósito de investigar a relação entre o uso de descrições nominais anafóricas (doravante, DNAs) e as partes da estrutura narrativa.

II OBJETIVOS

O presente trabalho parte da hipótese de que há uma relação entre o uso de DNAs e as partes que constituem a narrativa, ou seja, que certas DNAs cumprem determinadas funções justamente por ocorrerem em dada parte da narrativa. Desse modo, buscamos investigar as funções dessas DNAs na estrutura da narrativa, a fim de atestar como elas podem, de fato, contribuir para a construção e compreensão das histórias. Delimitamos, a seguir, os objetivos desta pesquisa.

Objetivo geral

Analisar a correlação entre as DNAs e a estrutura das narrativas orais.

Objetivos específicos

- a) Apresentar definições de narrativa oral;
- b) Discutir a estrutura da narrativa;
- c) Definir a perspectiva de referência adotada;
- d) Evidenciar os tipos de anáfora;
- e) Determinar a configuração das DNAs no *corpus*;
- f) Investigar a função das DNAs na estrutura da narrativa;
- g) Analisar o grau de orientação argumentativa das DNAs no *corpus*;
- h) Observar em que medida há especificidade entre o teor argumentativo das DNAs e a estrutura das narrativas.

III CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos, que seguem uma ordem de apresentação de quadros mais gerais de discussão para quadros mais específicos, a fim de que se possa acompanhar de modo progressivo os passos que compuseram a realização desta pesquisa. Desse modo, no primeiro capítulo, *Roteiro metodológico*, discorremos sobre o processo de geração do *corpus*, justificando, ademais, sua escolha. Explicamos, também, o processo de transcrição desses dados, explicitando o tipo de transcrição eleito bem como os símbolos utilizados. Em seguida, relatamos os procedimentos de pesquisa adotados.

No segundo capítulo, *A narrativa oral*, tratamos de algumas teorias a respeito das narrativas orais. Apresentamos postulados de autores que se dedicaram a seu estudo, tais

como Labov (1972), D’Onofrio (1995), Duque-Estrada (2001), Hanke (2003), Cunha (2005), a fim de definir e caracterizar essa modalidade de texto.

No terceiro capítulo, *O quadro teórico da referenciação*, fazemos um panorama dos principais estudos acerca do fenômeno da referência até chegar ao conceito de referenciação como uma atividade discursiva. Para tanto, elegemos, principalmente, os estudos de Marcuschi (2005; 2007), Koch (1996; 2001; 2004; 2005; 2006; 2008) e Mondada e Dubois (2003). Os trabalhos desses estudiosos, de cunho sociocognitivo e interacional, traçam os caminhos para a compreensão do processo de referenciação. Discutimos, também, estudos referentes à anáfora, de acordo com Marcuschi e Koch (2002) e Lima (2004).

No quarto capítulo, *Funções das DNAs em narrativas orais*, analisamos as DNAs encontradas no *corpus* da pesquisa em relação à estrutura da narrativa, observando algumas particularidades entre o uso dessas DNAs e as partes que compõem tal estrutura. Investigamos as funções que as DNAs desempenham na geração das narrativas orais e, obviamente, em sua produção de sentido. Tecemos, ademais, algumas considerações a que chegamos, com base na análise dos dados.

No quinto capítulo, *Graus de argumentatividade das DNAs*, fazemos uma análise das DNAs no que diz respeito ao grau de orientação argumentativa que estas imprimem ao discurso do narrador. Ademais, analisamos a relação entre essa argumentatividade e as seções que compõem a estrutura da narrativa oral.

Por fim, em *Observações finais*, retomamos nossa hipótese de trabalho, a fim de verificar se esta se confirmou com base nas análises realizadas. Fazemos, outrossim, um retrospecto dos objetivos traçados no início do trabalho, relacionando-os com as conclusões a que chegamos ao longo deste estudo.

1 ROTEIRO METODOLÓGICO

As narrativas orais encontradas em Castanhal apresentam características resultantes da constante transformação que caracteriza a cultura popular, estando sujeitas a acréscimos e decréscimos, no que se refere aos elementos presentes em seu corpus. Portanto, apresentam consonâncias e dissonâncias em relação aos contos populares correntes na Região Nordeste, visto que conservam características referentes à estrutura invariável dos contos populares, bem como também apresentam elementos das culturas locais e dos ambientes amazônicos, caracterizando uma situação particular de adaptação dos mesmos.

José Victor Neto

No presente capítulo, explicitamos o percurso que nossa pesquisa seguiu. Parece-nos relevante, primeiramente, tratar do *corpus*, uma vez que a eleição das DNAs como objeto de análise partiu, exatamente, de nossa percepção da produtividade dessa estratégia de referenciação na construção das narrativas orais. Nesse tratamento do *corpus*, a que nos referimos, incluímos a história de sua constituição, sua documentação, bem como o perfil dos informantes/narradores e as particularidades que dizem respeito ao seu ofício, qual seja, vigilante noturno.

Em seguida, dedicamos um espaço exclusivo para tratar do processo de transcrição desse *corpus*, tendo em vista a importância desse processo para a análise dos dados.

Por fim, a título de esclarecimento, descrevemos, detalhadamente, a forma como procedemos para a realização da presente pesquisa.

1.1 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

A motivação para trabalhar com um *corpus* constituído por narrativas orais partiu de um particular fascínio pela prática de “contação” de histórias. Já na graduação, interessamo-nos

por analisar essa modalidade discursiva. No entanto, naquele momento, nosso objeto de estudo foram os marcadores discursivos. Desenvolvemos, portanto, um estudo sobre a ocorrência e a recorrência dos marcadores “aí” e “né” em narrativas orais, utilizando como *corpus* as narrativas pertencentes ao projeto intitulado “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” – INFNOPAP¹, do, então, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará (atualmente, Instituto de Letras e Comunicação), cujo objetivo principal era registrar e recuperar as narrativas orais populares da Amazônia paraense.

Agora, por ocasião do mestrado, elaboramos um projeto em que também analisamos narrativas orais, porém, sob a perspectiva da Linguística Textual, e tendo como objeto de estudo o fenômeno da referencialidade. Para esse empreendimento, valemo-nos de um grupo de narrativas documentadas na cidade de Castanhal. Nosso interesse por esse *corpus* surgiu da apreciação de um trabalho de conclusão de curso de um aluno da UFPA – Campus de Castanhal -, intitulado “Memória Insone”, em que foram analisadas narrativas orais, sob a perspectiva da literatura, contadas por vigilantes noturnos que atuam no centro da cidade de Castanhal.

O primeiro contato do documentador² com os vigilantes narradores foi puramente casual e espontâneo. Aquela “contação” de histórias na madrugada, que era considerada pelos próprios informantes/narradores como uma maneira de “espantar o sono”, despertou a atenção do documentador, de modo que, em pouco tempo, já havia se tornado um ouvinte contumaz das narrativas. Somente depois de um bom tempo de convivência, o documentador interessou-se por transformar essas histórias em objeto de estudo, adotando, portanto, uma postura

¹ O Projeto INFNOPAP é coordenado pela professora Maria do Socorro Simões, da Universidade Federal do Pará.

² O documentador das narrativas orais dos vigilantes noturnos de Castanhal (PA), foi o professor José Victor Neto que analisou essas narrativas em sua dissertação de mestrado, intitulada “Narrativas orais de castanhal: migração, ressignificação e contra-discursos à homogeneização cultural” (2008).

investigativa em relação à atividade narrativa dos vigilantes noturnos do centro da cidade de Castanhal.

Os narradores correspondem todos a uma mesma categoria profissional e, salvo algumas peculiaridades e subdivisões de tarefas no ofício, desempenham as mesmas atividades. São três os vigias noturnos, informantes³ desta pesquisa: MNS, de 38 anos; OTS, de 26 anos e JLO, de 70 anos. Eles atuam na vigilância de residências e estabelecimentos comerciais, no bairro do centro da cidade de Castanhal, no perímetro correspondente às ruas Maximino Porpino e Magalhães Barata, entre a Rua Senador Lemos e a Avenida Barão do Rio Branco. Há, nesse perímetro da cidade, duas atividades específicas de vigilância: a vigilância fixa, na qual os vigias passam todo o período correspondente ao trabalho em um mesmo local, geralmente sentados em cadeiras, tendo sua locomoção restrita àquele trecho de rua, indo de uma esquina a outra; e a vigilância itinerante, na qual os vigias, embora se utilizem de um ponto fixo de apoio, passam a maior parte do tempo de trabalho fazendo rondas, geralmente de bicicleta. Essas duas modalidades de vigilância não são, de modo algum, excludentes, havendo, por vezes, a alternância entre as duas modalidades por parte de um mesmo vigilante, de acordo com a extensão de sua área de trabalho. O interessante em se ressaltar essa peculiaridade do serviço dos vigias é destacar que, durante as rondas, vigias de áreas vizinhas se encontram. Eles geralmente já se conhecem e costumam travar longos diálogos durante as madrugadas. Esse movimento que se estabelece entre a ronda e a “pausa”, nos pontos de apoio para tomar café e água, bem como os encontros que dele decorrem, possibilitam o estabelecimento de uma teia comunicativa nas madrugadas do centro da cidade, através da qual as informações circulam, propagadas de “boca em boca”, como as narrativas orais que formam o *corpus* desta pesquisa.

³ Com a finalidade de salvaguardar as identidades dos informantes, eles são referidos apenas pelas iniciais de seus nomes.

Esses vigilantes têm ainda algumas características em comum no que diz respeito à escolaridade: em geral, todos apresentam um nível de alfabetização muito elementar. Em sua maioria, são provenientes das agrovilas de Castanhal ou de cidades circunvizinhas, e moradores de bairros distantes do centro da cidade.

A despeito de todas as adversidades que o meio urbano suscita, no caso específico dos vigias noturnos do centro de Castanhal, podemos atestar não só a existência de condições propícias à transmissão oral de narrativas, como também a existência das duas categorias de agentes imprescindíveis à prática da narração: um grupo de narradores – os vigias noturnos – e a audiência – outros vigias, moradores locais, prostitutas e transeuntes em geral –, o que atesta o vigor e a dinamicidade dessa prática que se tem conservado no cotidiano desses sujeitos.

Segundo Victor Neto (2008), as histórias contadas por esses protetores da noite são de uma riqueza ímpar, em que convivem tanto elementos típicos do imaginário popular amazônico, como personagens e situações bastante comuns à literatura oral nordestina, deflagrando uma cultura de tradição oral única, resultado de fatores históricos relacionados à ocupação humana no município de Castanhal.

A documentação dessas narrativas foi feita em duas etapas. A primeira foi realizada durante o mês de julho de 2004, na qual foi utilizado um minigravador de fitas cassete para registrar as narrativas. Essa coleta era realizada no próprio local de trabalho de cada vigilante, durante seu horário de trabalho. O grupo de vigias noturnos reunia-se em uma calçada, numa disposição de semicírculo, onde cada vigilante ali presente se revezava na narração entre, portanto, as condições de narrador e de ouvinte.

A segunda parte do processo de constituição do corpus foi realizada durante todo o segundo semestre de 2007, para a qual se utilizou uma filmadora no intuito de registrar os gestos e os demais recursos não verbais de que se serviam os vigilantes noturnos durante a

narração das histórias. Segundo Victor Neto (2008), a introdução da filmadora para registrar as narrativas ocasionou sensíveis mudanças na configuração socioespacial do evento discursivo, visto que cada qual passou a se posicionar sentado diante da filmadora para contar sua narrativa, ocupando uma posição de certo destaque, o que ocasionava a aglomeração de transeuntes, os quais aplaudiam os narradores ao final das narrações. A opção consciente pela mudança no equipamento de registro proporcionou, segundo o autor/documentador, um maior interesse dos vigilantes em narrar suas histórias, devido à platéia que se formava e à possibilidade de os narradores se assistirem, posteriormente, em uma tela de televisão, transformando a coleta de dados em um momento de extrema satisfação.

O documentador destaca que as gravações eram feitas em dias alternados, a fim de não comprometer a vigilância. Eram iniciadas, geralmente, por volta de 0:00h, e finalizadas por volta das 3:00h. Antes de começar a gravação da história, o documentador registrava os dados do informante e, a partir do momento em que iniciava o processo de gravação, o narrador não podia ser interrompido. Durante a gravação das narrativas, o documentador evitou falar muito, pois a intenção era deixar que o informante contasse sua história.

Com o objetivo de promover um ambiente de informalidade, durante a interação com os informantes, para que a “contação” das histórias se aproximasse de narrações espontâneas em situações de fala cotidianas, o documentador iniciava um diálogo com os narradores sobre assuntos diversos e, em seguida, motivava-os a contar suas histórias.

O registro das narrativas em áudio e vídeo permitiu-nos, entre outras coisas, flagrar fenômenos discursivos característicos de interações face a face. Entre esses fenômenos, destacam-se procedimentos linguísticos – marcadores discursivos, hesitações, repetições, correções – e não-linguísticos – gestos, olhares – que garantiram a geração de sentidos na contação de histórias.

1.2 PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO⁴

As normas de transcrição que seguimos, neste trabalho, foram adaptadas a partir das orientações de transcrição fornecidas por Preti (1993). Adotamos, de modo particular, a premissa postulada por Marcuschi (2000) de que “não existe a melhor transcrição”, já que todas as transcrições são mais ou menos boas, e o essencial é que o analista saiba quais são seus objetivos, para não deixar de assinalar o que lhe convém.

Para este estudo, transcrevemos as narrativas orais dando destaque não apenas ao turno do narrador/informante, mas também a algumas importantes intervenções de membros da audiência, que ali estavam participando do processo interacional. Dessa feita, os símbolos dos quais nos valemos reproduzem graficamente os fenômenos linguísticos e não-linguísticos identificados durante o ato discursivo dos vigias contadores de histórias.

O quadro que segue ilustra e exemplifica o sistema de transcrição adotado para este estudo.

OCORRÊNCIAS	SÍMBOLOS	EXEMPLIFICAÇÃO
<i>Palavras ou segmentos incompreendidos</i>	()	“levanta minha filha vai o café pra dá pro homem que ele vai sair cedo” ele ficou... mas rapaz que () neném é essa já? será que eu me enganei?”
<i>Hipótese daquilo que se ouviu</i>	(hipótese)	já era de madrugada... aí vieram tal tal... até aquela (na parte de dentro) que escutaram pra dentro do mato o cabra dizendo assim...
<i>Truncamento</i>	/	Foi embora da cidade... foi trabalhar num/no outra cidade passou um TEMPão prá lá...
<i>Entoação enfática</i>	Maiúsculas	aí ele ficou... aí disse “poxa a neném fazer café ?” aí ela chamou “ NENÉM NENÉM ”... aí ela disse “senhor papai”...
<i>Alongamento vocálico</i>	::	aí disse... “é mermo...” aí o pobre foi foi... quando chegou bem pertinho o cabra POU::... aí PUFF...

⁴ É importante esclarecer que, embora a documentação das narrativas tenha sido feita pelo professor José Victor Neto, sua transcrição é de nossa responsabilidade.

<i>Interrogação</i>	?	entraram dentro do mato... antes deles chegar lá pertinho... “quer ver o laço do cão?”
<i>Qualquer pausa</i>	...	pois é... aí foi assim... aí eles tinham passado por um comercio...
<i>Gestos</i>	((gesto))	aí comprou veneno né?... aí bebeu uma cachaça e botou veneno dentro da outra ((o informante faz um gesto como se estivesse despejando algo em uma garrafa)) que ia trazer pros outro...
<i>Discurso direto</i>	“discurso”	aí... um.. um... um dizia assim “rapaiz vumbora... bora lá?”
<i>Comentários do documentador</i>	[comentário]	e aí rapaiz eles saíram pa:: ir brincar... [o Informante inicia a narrativa]

Durante este trabalho, decidimos apresentar apenas trechos das narrativas analisadas, tendo em vista sua grande extensão. Como alguns trechos que utilizamos como exemplo concentram mais de uma seção da narrativa, utilizamos o negrito para evidenciar exatamente aquele que equivale à seção sob análise para, desse modo, viabilizar melhor compreensão das observações feitas acerca do fenômeno analisado. Para destacar as ocorrências de DNAs nesses trechos, utilizamos como recurso o itálico.

Cabe esclarecer também, aqui, que para preservar a autenticidade do *corpus*, transcrevemos com fidelidade termos não-lexicalizados, truncados ou reduplicados, ou até mesmo pronunciados de modo peculiar pelos vigias/narradores.

1.3 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, analisamos um *corpus*, formado por narrativas orais, já documentado por outro pesquisador. No entanto, coube-nos a transcrição grafemática dessas narrativas, uma vez que o documentador, devido a particularidades de sua pesquisa, não as transcreveu.

De posse desses dados, fizemos uma análise piloto, a fim de observarmos fenômenos linguísticos referentes à referenciação. A partir dessa análise, percebemos a recorrência de descrições nominais anafóricas, particularmente em algumas seções das narrativas orais, objeto de estudo desta pesquisa.

Tendo em vista nossa hipótese de pesquisa, qual seja, a de que há uma relação entre o uso de DNAs e as partes que constituem a narrativa, procedemos ao estudo da narrativa oral, bem como ao de sua estrutura, a fim de defini-la e caracterizá-la, principalmente à luz dos pressupostos de Labov (1972) e Hanke (2003).

Realizamos leituras exploratórias sobre Linguística Textual, em particular, sobre os estudos que discutem a Referenciação, a fim de conceituar e descrever as particularidades desse fenômeno. Conceituamos, também, a anáfora, objeto de investigação no *corpus*.

Analisamos minuciosamente as narrativas transcritas, com o objetivo de identificar sua estrutura, isto é, as partes que as compõem. Em seguida, observamos a ocorrência das DNAs em cada uma das partes da narrativa oral para, então, tentar determinar quais possíveis funções textual-interativas as DNAs exercem na dinâmica de produção das narrativas orais dos vigilantes noturnos.

Com relação à análise, cabe salientar que ela é de natureza qualitativa. No entanto, buscando validar nossa hipótese de trabalho, quantificamos as ocorrências das DNAs em relação às partes da narrativa, de uma feita que tal quantificação, certamente, contribui para o refinamento de nossa análise. Em outros termos, ainda que esta pesquisa seja de caráter empírico-indutivo, precisamos observar a produtividade do fenômeno sob estudo para consolidar nossas conclusões.

2 A NARRATIVA ORAL

*Assim se imprime na narrativa a marca do narrador,
como a mão do oleiro na argila do vaso.*

Walter Benjamin

Neste capítulo, discutiremos, inicialmente, definições de narrativa postuladas por alguns estudiosos. Nosso intuito é observar como cada um dos autores citados concebe essa modalidade textual, para, então, apresentar o conceito de narrativa oral eleito para esta pesquisa.

Em seguida, trataremos da estrutura da narrativa. Fazemos uma descrição de cada uma das seções que constituem tal estrutura, tendo em vista que nosso trabalho parte da hipótese de que há uma relação entre a estratégia de remissão por meio de DNAs e as partes que compõem a estrutura das narrativas.

2.1 DEFINIÇÃO DE NARRATIVA ORAL

Embora não exista uma definição, consensualmente aceita nos estudos da linguagem, para o termo “narrativa”, admite-se que narrar é uma forma básica de atividade linguística. É esse fato que justifica os inúmeros estudos acerca dessa prática de linguagem.

Fruto de uma ação linguístico-interativa, a narrativa oral concentra particularidades que são muito relevantes para os estudos de diversas áreas da Linguística, como a Análise da Conversação, a Pragmática, a Análise do Discurso e, no nosso caso, a Linguística Textual.

Segundo Labov (1976, *apud* CUNHA, 2005, p. 30), a narração “é um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma seqüência verbal de orações à seqüência de eventos que (segundo se infere) ocorreram efetivamente”. Para esse autor, narrar

requer a habilidade de organizar os episódios em uma sequência coerente. É desse modo que o outro, o interlocutor, é capaz de entender a narrativa.

Cunha (2005) é consonante com a proposta de Labov, mas acrescenta que o gênero narrativa oral pode ser definido sob o ponto de vista de sua função social. Isto é, uma narrativa oral, antes de ser essencialmente um conjunto de sequências narrativas, é um evento que envolve atores sociais: um, que se propõe a contar um fato ocorrido no passado, e outro(s), a que se destina a história.

D’Onofrio (1995), sob um ponto de vista mais literário, afirma que, por narrativa, entende-se todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço determinados.

Segundo Hanke (2003), a habilidade de narrar, por ser uma prática inerente ao ser humano, é parte integrante da sua competência linguística. O autor afirma que, a partir das narrativas, são construídas versões sobre a realidade, e, sendo assim, como bem observa Mendonça (2001, *apud* HANKE, 2003, p. 118), elas servem como “ponto de fuga através do qual se torna possível a apreensão do cotidiano”. Elas são meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas “públicas”, ou seja, socialmente conhecidas.

Como a narrativa oral é sempre proferida e fabricada por alguém, ela pode parecer uma atividade monológica. No entanto, dessa atividade de linguagem sempre participa também a audiência, que coopera com sua construção. Em outras palavras, como não há narrativa oral sem narrador e sem ouvinte, o texto narrativo é produto da interação entre os sujeitos da cena enunciativa, sendo, portanto, interativamente construído.

Com efeito, o presente trabalho admite que a narrativa é uma forma básica de evento de fala, presente em toda a vida do homem, seja em situações mais informais do cotidiano, seja

em situações mais formais, institucionalizadas. Aborda o texto narrativo como uma atividade de co-produção discursiva que faz referência a uma série de ações ou acontecimentos passados reais ou ficcionais.

2.2 ESTRUTURA DA NARRATIVA ORAL

Segundo Labov (1972), as narrativas apresentam partes distintas. Para esse autor, uma narrativa completa pode apresentar a seguinte configuração: (a) Resumo; (b) Orientação; (c) Complicação (da ação); (d) Avaliação; (e) Resultado ou Resolução; (f) Coda.

Silva (2007), no artigo “A notícia como narrativa e discurso”, faz uma interessante abordagem das ideias de Labov acerca da estrutura narrativa. O autor destaca que, ao contrário dos estruturalistas que dirigiram sua atenção para a análise da narrativa estabelecida em textos escritos, principalmente o romance e o conto, Labov está interessado nos relatos orais de pessoas comuns sobre suas experiências de vida. As narrativas, que formaram a base da pesquisa de Labov, surgiram de modo espontâneo ou quase espontâneo, uma vez que os informantes eram induzidos a narrar, de forma não planejada, uma situação de perigo de morte por que passaram.

A partir dessa experiência e de suas constatações, Labov elabora uma teoria da narrativa, fundada na estrutura da narrativa (partes) e nos elementos (orações) que a compõem.

Observemos como Labov (1972) descreve cada uma das seções da narrativa:

(a) Resumo – fornece um breve sumário da história. Ocorre antes da história propriamente dita e encerra o objetivo desta.

(b) Orientação – informa o ouvinte sobre o tempo, o lugar, as pessoas e a situação de fala. Ela pode ocorrer logo após o resumo em forma de orações livres, ou iniciar a narrativa, quando esta não apresentar resumo, ou ainda, ao longo da narrativa, ou mesmo vir encaixada em outras seções.

(c) Complicação – conta a história através de uma série de orações narrativas concatenadas. É a unidade básica da narrativa, e confunde-se com a própria definição de narrativa.

(d) Avaliação – revela a atitude do narrador em relação ao que conta. Essa atitude é mostrada por meio da ênfase de alguns aspectos do que está sendo narrado e da emissão de juízos de valor sobre acontecimentos e comportamentos.

(e) Resolução – encerra o final de uma série de acontecimentos. Nessa seção, o narrador pode também apresentar efeitos e resultados do acontecimento narrado.

(f) Coda – assinala o encerramento da narrativa. Consiste em uma série de orações livres que fecham a sequência das ações da história e indicam que nenhum dos acontecimentos que seguem são importantes para a narrativa; pode também conter observações gerais ou mostrar as consequências dos acontecimentos sobre o narrador. Algumas codas têm a propriedade de preencher a lacuna entre o fim da narrativa propriamente dita e o presente, promovendo a mudança de enquadre interativo: narrador e audiência retornam à atividade de linguagem em que estavam engajados antes do início da narrativa. Além dessas funções, "uma boa coda deixa o ouvinte com um sentimento de satisfação e completude de que as questões foram rematadas e explicadas." (Labov, 1977, *apud* OLIVEIRA JR., 1995, p. 2).

Labov ressalta que essa estrutura é passível de inúmeros encadeamentos e encaixes, sendo a complicação o próprio motor da narrativa, uma vez que é nela que encontramos a modificação nos estados de coisa, isto é, a passagem de uma situação *x* para uma situação *y*. O resultado ou a resolução acontece, naturalmente, quando essa cadeia de ações modificadoras ou transformadoras cessa.

Labov (1972) afirma que a avaliação revela a importância da história para o leitor/ouvinte e evita que se diga: “e daí?”. A avaliação da narrativa forma uma estrutura secundária que é concentrada na seção de avaliação, mas pode ser encontrada sob várias formas por toda a narrativa. Pode haver também orações avaliativas que não se referem a um acontecimento ocorrido, mas a um que não ocorreu. Isto é, o contraste entre o que ocorreu e o que não ocorreu, mas poderia ter ocorrido, serve para avaliar a narrativa.

A avaliação, segundo os estudos de Labov (1972), pode se apresentar de diferentes modos, a saber:

- a) **externa** – o narrador para a narrativa, volta-se para o ouvinte e diz-lhe qual é seu ponto de vista sobre o fato narrado; há necessariamente aqui a suspensão da ação;
- b) **encaixada** – o narrador não interrompe abertamente o fluxo das orações narrativas, preservando assim sua continuidade dramática;
- c) **ação avaliativa** – o narrador descreve o que as pessoas fizeram e não o que elas disseram, constituindo um passo a mais na dramatização da avaliação de uma narrativa;
- d) **elementos avaliativos** - podem ocorrer em quaisquer pontos da narrativa; são eles: intensificadores, comparadores, correlativos e explicativas.

A nosso ver, estes quatro modos de avaliar podem ser organizados em dois grandes grupos. Observe-se que, segundo as descrições mencionadas, os modos a) e b) constituem um grupo de estratégias que está muito mais voltado para a dimensão da interação que se instaura entre narrador e audiência. Já os modos c) e d), que constituem o segundo grupo, são responsáveis por concentrar procedimentos linguísticos que visam à avaliação daquilo que está sendo narrado.

Ademais, acreditamos que esses modos de avaliar, embora tenham as suas peculiaridades, não são utilizados de forma excludente pelos narradores. É muito provável que interajam entre si, criando, portanto, uma dinâmica de avaliação na qual o narrador se vale, ao mesmo tempo, de diferentes estratégias de avaliar, com o intuito de compartilhar com a audiência seu posicionamento acerca do que está contando.

As partes da narrativa podem, portanto, ser vistas como uma série de respostas para as seguintes perguntas subjacentes:

- resumo: do que se trata?
- orientação: quem, quando, o quê e onde?
- avaliação: e daí?
- complicação: o que acontece?
- resolução: o que finalmente acontece?

Ressalve-se, contudo, que nem toda narrativa apresenta todos os elementos elencados por Labov.

Labov desenvolve, assim, uma análise formal, baseada em padrões determinados que dizem respeito a unidades estruturais invariantes, e uma análise funcional que evidencia duas funções sociais da narrativa – a referencial e a avaliativa. A função referencial consiste em dar ao ouvinte informação por meio da recapitulação da experiência do narrador. A função avaliativa consiste em ressignificar o acontecimento narrado sob a perspectiva do narrador.

Retomaremos alguns dos pressupostos de Labov acerca da estrutura da narrativa oral, aqui discutidos, nos capítulos 4 e 5 deste trabalho, uma vez que, nestes, serão analisadas as ocorrências das DNAs e sua relação com as instâncias da narrativa.

3 O QUADRO TEÓRICO DA REFERENCIAÇÃO

Para nós, inseridos na concepção de linguagem como atividade sócio-cognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e os aspectos situacionais interferem na determinação referencial, duas pessoas sabem que falam da mesma coisa, ou sabem como conduzir um mesmo tópico não porque usam o mesmo item lexical, nem porque as coisas estão previamente prontas, mas porque negociam sentidos e partilham formas de ver o mundo.

Vânia Maria Lescano Guerra

Não é de hoje que se buscam meios para elucidar o mistério que envolve a aquisição do conhecimento. Desde os gregos, percebe-se o interesse do homem ocidental por questões relacionadas ao acesso à realidade e pelos distintos modos de construir o conhecimento. De acordo com Marcuschi (2007), as respostas a essas questões variaram enormemente, desde o sofista Górgias, para quem era impossível o conhecimento, até os nossos dias, quando se postula que a ação comunicativa é uma das bases para a construção do conhecimento e para a produção do sentido. Segundo essa perspectiva, a cognição é reflexo de operações que executamos sobre o mundo com o intuito de construí-lo discursivamente.

Assim, indo ao encontro do que postula Marcuschi (2007), construir conhecimento não equivale a construir retratos da natureza ou do mundo e sim dar tratos racionais à natureza e ao mundo, uma vez que o saber sobre o mundo é uma fabricação socialmente elaborada (mediante atividades coletivas) e linguisticamente comunicada (com mecanismos textuais estabilizados em instrumentos semiológicos supraindividuais). Ou seja, conforme lembra Mondada (1997, *apud* MARCUSCHI, 2007), a maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação linguística sobre o mundo, já que as atividades de categorização têm uma dimensão discursiva. É nesse contexto fecundo de discussões sobre os fenômenos que envolvem a atividade discursiva que surgem os estudos relacionados à

referenciação, vista como uma ação interativa e não representacional que fornece meios de acesso para a elaboração de sentidos.

3.1 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO

No início dos estudos da Linguística Textual, a questão da referência resumia-se, basicamente, a abordagens acerca da coesão. A intenção não era discutir, em termos semânticos ou filosóficos, a referência, mas descrever, no interior de um texto, certas estratégias de organização e encadeamento textual que ocorrem por meio de retomadas e antecipações, caracterizando, portanto, a coesão referencial.

Os estudos advindos de um movimento desencadeado por um grupo de pesquisadores franco-suíços, entre eles Mondada e Dubois (2003), marcam a cisão entre essa visão tradicional e representacional da referência e as pesquisas mais recentes, de tendência sociocognitivista. No Brasil, são os estudos, principalmente, de Marcuschi (2007) e Koch (2008) que seguem essa última orientação teórica. Esses autores brasileiros retomam, em suas discussões, os estudos sobre a referência, para elucidar questões bastante complexas, como as anáforas sem antecedente explícito – anáforas indiretas – e as operações de nominalização. Assumem o pressuposto fundamental de que os processos referenciais são uma atividade discursiva, reflexo da interação entre os sujeitos à medida que o discurso se desenvolve.

Assim, conforme Barros (2007), a partir da visão processual da referência, por isso de agora em diante *referenciação*, afirmam-se a dinamicidade e a indeterminação do processo referencial. A autora acrescenta ainda que, desse modo, negam-se os pilares em que se assentam os estudos tradicionais da referência, retirando-se a questão do âmbito meramente semântico e pensando-a num domínio pragmático e sociocognitivo.

Partindo dessa visão sobre o fenômeno da referenciação, compreende-se que a língua não é um sistema ontológico que “carrega em si o mundo”. E mais, que as categorias linguísticas são produtos de processos semióticos complexos, observados no interior de relações intersubjetivas contextualizadas. Dessa maneira, a referência é “aquilo que designamos, representamos, sugerimos, quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*” (KOCH, 2006, p. 57). Com essa posição, desfaz-se, então, a tão difundida ilusão, a que fazem alusão Mondada e Dubois (2003), de que existe um mundo objetivo, “pronto” para ser percebido cognitivamente pelos indivíduos racionais, e assume-se que a mudança e a instabilidade não são problemas, mas apenas características inerentes ao discurso e à cognição.

Conforme Mondada (2005), os objetos-de-discurso são entidades que não nascem de uma relação especular com os objetos-do-mundo ou de uma representação cognitiva, pelo contrário, são entidades produzidas interativa e discursivamente pelos participantes de um evento comunicativo. Os objetos-de-discurso são constituídos nas e pelas relações discursivas. Por essa razão, eles não são pré-existentes ao discurso e não apresentam estrutura fixa, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva.

Uma vez adotada essa noção de instabilidade que existe na relação entre a linguagem e as coisas mundanas, é pertinente, para este estudo, discutir as diferentes formas usadas pelos sujeitos para construir o mundo. Segundo Mondada e Dubois (2003), “as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22).

A título de exemplo, essas autoras comentam que “a variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, por exemplo, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa: ela pode ser igualmente tratada de ‘antieuropéia’ ou de ‘nacionalista’, segundo um ponto de vista ideológico adotado; diacronicamente, um ‘traidor’ pode tornar-se um ‘herói’.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22-23).

Sobre essa questão, Koch (2008) considera que

a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constróem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro de diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos –, bem como situar-se dentro de contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. (KOCH, 2008, p. 32)

Com base nessas considerações, assumimos que a referenciação consiste na construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Esse postulado nos conduz à conclusão de que, por ocasião da interação verbal, os sujeitos criam suas próprias categorias das coisas do mundo, baseando-se em percepções influenciadas por questões de cunho histórico, social, cultural, contextual, situacional e ideológico. Portanto, as diferentes categorias nada mais são que resultado das práticas de linguagem e não, como se já postulou, um espelhamento ou mesmo um mapeamento das coisas do mundo.

Dessa forma, confirmamos a ideia de que a referenciação constitui uma atividade sociocognitiva, por meio da qual o sujeito faz suas escolhas de modo a realizar seu projeto-de-dizer. A esse respeito, Koch (2008) afirma que

as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com os outros sujeitos, em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ela: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2008, p. 33)

Com base nesse breve panorama acerca do fenômeno da referenciação, admitimos que a referência não pode mais ser estudada sob uma visão representacionista da linguagem e que, portanto, estamos diante de uma atividade sociocognitiva.

A partir de agora, seguindo a dinâmica de discussão do presente trabalho, abordaremos as principais estratégias de referenciação utilizadas pelos sujeitos em interação e que, de certo modo, constituem-lhe a memória discursiva. E é exatamente este o objeto das discussões que seguem.

3.2 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

Concebida a referenciação como a (re)construção de objetos-de-discurso, cabe-nos discutir, agora, as estratégias responsáveis por realizar tal ação discursiva.

Koch (2008) propõe que, na constituição da memória discursiva, estão envolvidas as seguintes estratégias de referenciação:

- a) construção/ativação: [é o processo discursivo por meio do qual] um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, ativado na memória, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo.
- b) reconstrução/reativação: [é o processo por meio do qual] um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo, que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco).
- c) desfocalização/desativação: [é o processo que ocorre] quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. (KOCH, 2008, p. 33-34)

Existem, basicamente, dois processos de ativação de novos objetos no modelo textual dado, quais sejam, ativação “ancorada” e “não-ancorada”. Esses termos são utilizados por Koch (2008), no entanto, foram cunhados por Prince (1981, *apud* KOCH, 2008). Considera-

se que a ativação é ancorada sempre que um novo objeto-de-discurso é introduzido baseado em informações constantes do texto. A interpretação desse objeto-de-discurso é feita com base em algum tipo de associação entre ele e elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo. Koch inclui entre esses casos as chamadas anáforas associativas e as anáforas indiretas de modo geral. A autora descreve, de forma breve, que uma ativação será “não-ancorada” quando um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no cotexto, o que faz com que este passe a ter um “endereço cognitivo” no modelo textual. Ocorre categorização do referente se tal objeto é representado por uma expressão nominal.

Quanto à reativação, trata-se de um processo por meio do qual objetos-de-discurso são reintroduzidos por expressões nominais que, além de garantir a progressão referencial, adjungem ao objeto-de-discurso reativado novos significados.

Desse modo, em consonância com Koch (2008), uma vez criado um objeto-de-discurso, pode ocorrer sua retomada (com ou sem recategorização) ou pode haver simples remissão a esse objeto. O objeto assim reativado permanece em foco, originando-se, desse modo, uma cadeia referencial.

No que tange à desativação, trata-se de um processo por meio do qual o objeto-de-discurso em foco passa a ocupar posição marginal, isto é, nos termos de Schutz (1970, *apud* KOCH, 2008), o objeto-de-discurso deixa a posição de *tema* para ocupar o *horizonte* da percepção do indivíduo, dando lugar a um novo objeto, constituindo então o foco. Não obstante, após um período de afastamento, o objeto desativado pode ser trazido de volta ao foco, dando continuidade à cadeia referencial anteriormente iniciada.

A autora observa que, com a repetição constante das estratégias de referenciação, é possível ocorrer a estabilização no modelo textual; no entanto, esse modelo é continuamente reelaborado e modificado por meio de novas referenciações. Dessa feita, sempre que um nóculo cognitivo é posto novamente em foco, ocorrem mudanças com relação à categoria

construída anteriormente, e isso ocorre basicamente pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente.

A título de esclarecimento, valemo-nos de um exemplo de Koch (2008), no qual podemos observar o movimento de construção e reconstrução de objetos-de-discurso:

Com a perigosa progressão *da demência bélica de Bush 2º*. [construção] cabe uma indagação: para que serve a ONU? Criada logo após a 2º Guerra Mundial, como substituta da Liga das Nações, representou uma grande esperança de paz e conseguiu cumprir seu papel durante algum tempo, amparando deslocados de guerra, medindo conflitos, agindo pela independência das colônias. [...] É. Sem guerra não dá. Num mundo de paz, como iriam ganhar seu honrado dinheirinho os industriais de armas que pagaram *a duvidosa eleição de Bush 2º*, *o Aloprado36*? [Nova construção a partir de uma reativação] Sem guerra, coitadinhas da Lookheed, da Raytheon (escândalo Sivan, lembram?). Com a guerra à vista, estão faturando firme. A ONU ainda não abençoou *essa nova edição de guerra santa, do terrorismo do bem contra o mal* [reconstrução por recategorização] já nem disfarça mais. [...] *O Caubói Aloprado* [reconstrução por recategorização] já nem disfarça mais. [...] (Juracy Andrade, “Delinquência internacional”, *Jornal do comércio*, Recife, 8 fev. 2003). (KOCH, 2008, p. 48)

O exemplo dado mostra-nos quão dinâmico é o processo de construção de sentidos. Koch (2008) destaca que, nesse texto, podemos perceber claramente a categorização e a recategorização de um referente, a saber, G. W. Bush. Este passa por um curioso processo de construção e reconstrução, de alto teor argumentativo, que tem em vista o alcance dos propósitos comunicativos do autor do texto.

A autora chama a atenção para fato de a matéria exigir alguns conhecimentos prévios do leitor, para que assim o texto alcance seu objetivo comunicativo. Vejamos: para entender a expressão nominal “demência bélica de Bush 2º”, ativada no início do texto, é necessário saber que, no momento histórico em foi que escrita a matéria, Bush era o presidente dos Estados Unidos e que seu pai também já o fora. É esse conhecimento de mundo que permite entender o uso do numeral ordinal “2º”, comumente usado na designação de papas, reis e imperadores, que, nesse contexto, opera uma ironia. No entanto, para compreender a expressão toda é necessário saber, também, que esse presidente estava impondo ao mundo uma guerra que, para a maior parte da opinião pública, parecia mais um ato insano. A

expressão seguinte, “a duvidosa eleição de Bush 2º, o Aloprado”, reativa o referente anterior, acrescentando-lhe, porém, informações. Neste caso, o leitor deve ter informações sobre o processo eleitoral suspeito de fraudes pelo qual passou o referido presidente. Ademais, a presença do epíteto “o Aloprado” tem a intenção de despertar no leitor um olhar crítico acerca dos desmandos exagerados e atrapalhados de Bush. Para compreender a expressão “essa nova edição de guerra santa, do terrorismo do bem contra o terrorismo do mal”, que retoma o objeto “guerra”, o leitor precisa ter conhecimento de que as guerras santas ocorreram entre os cruzados, cristãos, representantes do “bem”, e os “infiéis”, não cristãos, representantes do “mal”; entretanto, na guerra referida no texto, ambos os lados são caracterizados por traços negativos, porquanto são terroristas. Por fim, para compreender a expressão “o Caubói Aloprado”, que recategoriza o objeto “Bush”, é necessário que o leitor tenha conhecimentos a respeito dos costumes do presidente, assim como a respeito de seu estado americano de origem, a saber, Texas.

O exemplo de Koch demonstra que o processo de compreensão pressupõe a interação entre diferentes sistemas de conhecimento, entre os quais estão o linguístico e o enciclopédico.

3.3 ANÁFORA: UMA ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO REFERENCIAL

Nos estudos concernentes à referenciação, encontram-se as estratégias de progressão referencial. A progressão referencial é responsável por garantir tanto a coesão quanto a coerência textuais, e por dar andamento ao texto.

Sobre esse fenômeno, Lima (2004) afirma que

A progressão referencial (...) está relacionada à introdução, manutenção e gerenciamento de referentes no discurso. Os elementos, uma vez introduzidos, são retomados e mantidos por diversas estratégias, como a pronominalização, a repetição, a recategorização, o uso de sinônimos, hiperônimos e mesmo de

antônimos, nominalizações e ainda outros. Novas informações vão sendo acrescentadas ao referente e a progressão do tópico permite que ele seja designado por nomes que inicialmente não seriam previsíveis, formando uma cadeia referencial. (LIMA, 2004, p. 59)

Assim, entende-se que a progressão referencial é o reflexo das práticas interacionais dos sujeitos, que agem não apenas em prol da continuidade de objetos previamente introduzidos no texto, mas também a favor de uma construção de sentidos, promovendo, assim, o desenvolvimento da cadeia tópica.

Consideramos pertinente comentar sob que conceito de anáfora o presente trabalho se apoia, uma vez que essa categoria apresenta, dentro dos estudos linguísticos, diferentes concepções, das mais estreitas às mais amplas.

Segundo Lima (2004), existem divergências quanto aos critérios de definição do fenômeno da anáfora. Tais divergências põem de um lado estudiosos como Kleiber (2001, *apud* LIMA, 2004) ou Halliday (1985, *apud* LIMA, 2004), que defendem concepções mais estreitas do fenômeno; e de outro, estudiosos como Apothéloz (1995, *apud* LIMA 2004), Berrendonner (1995 *apud* LIMA, 2004), Marcuschi e Koch (2002), que são partidários de uma concepção mais ampla.

Os que primam pela concepção mais estreita consideram a anáfora como “um fenômeno fundamentalmente ligado à coesão textual e caracterizado pela retomada de um segmento de texto por outro” (LIMA, 2004, p. 82). Assim, o anafórico refere-se a seu antecedente. A autora destaca que, para essa concepção, a anáfora deve ser correferencial e o antecedente deve estar explícito. Pontua, ainda, como característica adicional do anafórico, quando este é um grupo nominal, sua introdução por um determinante definido e, além disso, a existência de alguma relação semântico-lexical ou léxico-estereotípica (por exemplo, uma relação meronímica ou de ingrediência) entre os nomes núcleo do anafórico e seu antecedente.

Sobre a segunda visão da anáfora, Lima (2004) afirma que

(...) a concepção ampliada foca-se mais na dinâmica textual e na construção de objetos-de-discurso (Apothéloz, 1994; Berrendonner, 1995; Mondada e Dubois 1995; Marcuschi e Koch, 2002). Para os partidários dessa concepção (...), as anáforas servem tanto à continuidade e manutenção referenciais quanto à construção dos sentidos no texto, sendo fundamentais para o processo de referenciação. Como os aspectos centrais da análise estão relacionados a essa dinâmica, o traço fundamental da anáfora é a retomada ou a remissão a elementos anteriores do contexto que alguns elementos textuais (notadamente pronomes e grupos nominais) demandam para o cálculo do seu sentido. Seguindo essa concepção, portanto, para caracterizar a anáfora o fundamental é a continuidade referencial, ou melhor dizendo, que referentes anteriormente ativados participem do cálculo do sentido de novas expressões introduzidas. (LIMA, 2004, p. 82-83)

A partir do exposto, consideramos que a segunda concepção é a que melhor contempla o fenômeno, objeto de estudo do presente trabalho, uma vez que consideramos que as DNAs, que ocorrem no *corpus* desta pesquisa, funcionam não simplesmente como elementos de remissão a objetos previamente introduzidos, mas operam a recategorização desses objetos, atuando, assim, na construção de novos sentidos no texto.

De acordo com Koch (2004), é o processo de reconstrução/reativação que se encarrega de manter em foco, no modelo de discurso, objetos previamente introduzidos, dando origem a cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. A autora distingue as seguintes estratégias de progressão referencial:

- a) uso de pronomes
- b) uso de expressões nominais definidas
- c) uso de expressões nominais indefinidas

Anáforas representadas por formas lexicalizadas, ou seja, por expressões ou formas nominais, desempenham diferentes funções cognitivo-discursivas de singular importância para a construção do sentido do texto. Ao reativarem os objetos-de-discurso, elas promovem sua recategorização. Sobre essa questão, Koch (2004) afirma que:

Como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, elas (as expressões nominais) possibilitam (...) a sua (re)ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação ou focalização* na memória ativa (ou operacional) deste; por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente; ou, em se tratando de nominalizações, ao encapsularem e rotularem as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada como de informação nova. (KOCH, 2004, p.70)

A remissão por meio de formas nominais constitui, portanto, segundo Koch (2005), uma atividade de linguagem por meio da qual se (re)constroem objetos-de-discurso, cuja função textual-interativa é atribuir à produção discursiva em que se inserem orientações argumentativas, com vistas à realização da proposta de sentido do enunciador.

Por questões meramente metodológicas, seguiremos um percurso diferente de Koch (2005), em relação à apresentação das estratégias de progressão referencial operadas por formas nominais. Apresentaremos, primeiramente, os encapsuladores e os rotuladores. Em seguida, discutiremos as descrições nominais, por ser esta a estratégia que focalizamos no *corpus* deste trabalho.

3.3.1 Anáforas encapsuladoras

As anáforas nominais encapsuladoras referem o uso de uma forma nominal para recategorizar referentes precedentes ou subsequentes do cotexto, resumindo-os e encapsulando-os sob a forma de um rótulo. De modo particular, essas anáforas, consideradas “complexas”, não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, genéricos e inespecíficos (estado, fato, fenômeno, circunstância, condição, evento, hipótese etc.). Segundo Koch (2005), esses usos exigem do leitor/ouvinte a capacidade de interpretação tanto da expressão em si, como da informação cotextual. Na maior parte das vezes, essas expressões nominais são introduzidas por um demonstrativo e desempenham duas funções

textuais importantes: rotular uma parte do cotexto que as precede e criar um novo referente textual, que servirá de tema específico para os enunciados seguintes.

Para fins de esclarecimento, valemo-nos de um exemplo retirado de Koch (2005):

O sorriso de Lula Lisa

No Museu do Louvre, em Paris, descobriu-se na semana passada que o sorriso de Mona Lisa, na tela de Leonardo da Vinci, *está desbotando devido à umidade ou poluição*. É possível detectar o mesmo *fenômeno* no Palácio do Planalto. Desbota ali, por outro motivo, o sorriso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Você se lembra daquele presidente que vivia rindo? Pois bem, Lula agora deu para aparecer nas fotos com ar deprimido. Entende-se por quê. Descobriu que governar o Brasil não é fácil, ao contrário do que dizia o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. (KOCH, 2005, p.36)

Observe-se que a expressão nominal “*fenômeno*” constitui-se um objeto-de-discurso que sumariza uma porção de texto enunciada anteriormente, “*está desbotando devido à umidade ou poluição*.”, garantindo, assim, a progressão referencial. Esse objeto não remete simplesmente a um segmento do texto, mas rotula esse segmento sob a perspectiva do enunciador.

Segundo Galvão (2008), essa estratégia é muito recorrente e produtiva nos discursos argumentativos, por ser um poderoso instrumento de manipulação do leitor. Por vezes, os nomes núcleos ganham reforço de modificadores, categorizados por Conte (2003) como “axiológicos”. Esses modificadores imprimem, no nome núcleo do sintagma encapsulador, a atitude positiva ou negativa do produtor textual (modificação interpessoal) ou apenas o classificam ou o definem de modo a reforçar o papel manipulador da estratégia (modificação ideacional).

3.3.2 Rotuladores metadiscursivos

Os rotuladores metadiscursivos constituem um tipo de rotulação que não objetiva a sumarização de um segmento anterior, mas que focaliza a própria atividade enunciativa,

qualificando-a como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva. Segundo Jubran (2003, *apud* KOCH, 2005), os referentes rotulados metalinguística ou metadiscursivamente são claramente entidades discursivas, no sentido de que focalizam a atividade enunciativa. Koch (2008) orienta que, nesses casos, não ocorre uma retomada referencial, tampouco correferencialidade, uma vez que se opera um desdobramento do discurso. Portanto, o que ocorre, de fato, é o próprio discurso sendo tomado como seu objeto.

É relevante comentar que alguns autores preferem o termo “metalinguístico” para designar esse tipo de operação, já outros usam os dois, metalinguístico e metadiscursivo, porém, distinguem a rotulação metalinguística pela propriedade que tem de empacotar uma porção textual sob a égide de um nome ilocucional ou de atividade languageira. Francis (2003) prefere o termo “metadiscursivo” e postula que os nomes metalinguísticos,

[...] rotulam uma extensão discursiva como sendo um tipo particular de linguagem. São usados pelo escritor para forjar relacionamentos localizados inteiramente dentro do próprio discurso; eles instruem o leitor a interpretar o status lingüístico de uma proposição de um modo particular [...]. (FRANCIS, 2003, p. 202)

A autora denomina as rotulações metalinguísticas e/ou metadiscursivas como “nomes de ação” e/ou nomes metalinguísticos. Segundo a autora, por meio delas, menciona-se um segmento anterior do texto, qualificando-o metadiscursivamente:

a) como determinado tipo de ato de fala (afirmação, declaração, promessa, conselho, advertência etc.);

b) como um tipo de atividade linguístico-cognitiva (descrição, explicação, relato, esclarecimento, comentário, sondagem etc.);

c) como um processo cognitivo (análise, reflexão, avaliação, opinião, atitude etc.).

A título de exemplificação, observe-se o exemplo seguinte, retirado de Koch (2005):

A atual voga nacionalista reproduz os mitos de sempre. Reveste-se, entretanto, de um verniz mais bajulatório, publicitário e “democrático”, em comparação a iniciativas de outros tempos. “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”: *o lema* traduz

para a primeira pessoa o famigerado e antigo mote da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. (KOCH, 2005, p.42)

Como é possível perceber, a expressão nominal “o lema” não faz remissão a um objeto específico enunciado anteriormente no cotexto. O que se vê é uma forma particular de fazer referência a todo um enunciado, a saber, “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”. O enunciador remete ao próprio discurso e ainda, com o referido rótulo, sinaliza para seu interlocutor como esse ato de fala deve ser interpretado.

3.3.3 Descrições nominais anafóricas (DNAs)

Segundo os estudos de Koch (2005), a remissão por meio de uma descrição nominal, com função de categorização ou de recategorização de referentes, “implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto” (KOCH, 2005, p. 35). Em outras palavras, consiste, de modo geral, na ativação, a partir de pressupostos comuns aos envolvidos em dada interação, de características ou traços do referente que o locutor procura salientar ou enfatizar. Observe-se, a propósito, o exemplo abaixo:

O americano Ray Charles pertenceu a uma categoria rara de artistas: a dos legítimos inventores. [...] *Esse artista único* morreu na quinta-feira passada, 10 de junho, por causa de problemas de fígado. (KOCH, 2005, p. 36)

Indubitavelmente, a DNA destacada faz remissão ao objeto-de-discurso “Ray Charles”, no entanto, sua utilização opera uma recategorização desse objeto. Ao atribuir à DNA a predicação “único”, o enunciador chama a atenção do leitor para o talento de Ray Charles, enquanto artista, enfatizando ser este um atributo de poucos. Esse posicionamento é ratificado no segmento “pertenceu a uma categoria rara de artistas”, que reflete essa percepção do produtor em relação ao músico.

De fato, a escolha de uma determinada DNA, definida ou indefinida, pode fornecer ao leitor/ouvinte informações relevantes para aquela situação de interação, acerca das opiniões, crenças e atitudes do próprio enunciador, evidenciando a percepção do enunciador sobre o objeto-de-discurso.

Segundo Koch (2008), outra particularidade muito comum no uso de DNAs é o fato de o produtor, por ocasião da interação e tomado por diferentes propósitos, ter a intenção de fornecer, a seu interlocutor, informações sobre propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita não ser conhecidas por este. Observe-se o exemplo da própria autora:

O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais. [...]. ‘O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada’, repete *o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia*. (KOCH, 2008, p. 38)

Aparentemente, o texto/exemplo apresenta uma função meramente expositiva, ou seja, de fornecer informações ao leitor sobre a gestão do prefeito e seus respectivos empreendimentos imobiliários. Contudo, essa primeira ideia se desfaz diante do uso da descrição nominal “o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia.”, que retoma o objeto-de-discurso “prefeito”. Percebe-se que o sentido atribuído pela descrição nominal a esse objeto não tem a função apenas de fazer o leitor conhecer fatos da vida pregressa do referido prefeito, mas sobretudo de pôr em evidência uma atitude que vai de encontro à história política do gestor municipal.

Podem-se denominar *expressões ou formas nominais definidas* as formas linguísticas constituídas, minimamente, de um *determinante definido* seguido de um *nome*. Em consonância com Koch (2004), de modo geral, as expressões referenciais definidas assumem, em português, as seguintes configurações:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Com relação aos elementos que compõem as descrições, a autora propõe que estes devem ser representados pelas seguintes categorias:

Det. → Artigo definido/Demonstrativo

Modificador → Adjetivo/Sintagma preposicional/Oração relativa

É também objeto de estudo de alguns pesquisadores o fato de algumas DNAs também poderem ser precedidas por artigos indefinidos e ainda permanecerem com função anafórica. Sobre essa questão, Koch (2006) afirma que os indefinidos não se restringem a apenas introdutores de novos referentes. Esse fenômeno pode ser observado no exemplo abaixo, extraído de Koch (2004):

Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia de Ebola* já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (KOCH, 2004, p.74)

Observe-se que o objeto-de-discurso “Uma catástrofe”, ativado no início do enunciado, veicula uma informação de teor muito genérico, uma vez que o lexema “catástrofe” pode nomear diferentes acontecimentos. Ao fazer remissão a esse objeto por meio da DNA “uma epidemia de Ebola”, o produtor do texto recategoriza-o, esclarecendo aos interlocutores de que catástrofe se trata, realizando, portanto, seu propósito comunicativo.

A discussão feita até aqui, bem como os exemplos apresentados, serviu-nos, entre outras coisas, para ratificar o que estamos afirmando, em consonância com os autores citados, que os

chamados “referentes” são, em verdade, objetos-de-discurso. A abordagem acerca das DNAs, de modo particular, ratifica a ideia de que tais objetos são construídos sociocognitivamente no bojo da interação. Isto é, por serem “altamente dinâmicos”, como afirma Koch (2008), transformam-se e reconstroem-se constantemente no curso da interação.

Os postulados aqui discutidos acerca das DNAs nos servem, de modo considerável, para elucidar os aspectos envolvidos em nossa pesquisa. Nesta, as DNAs assumem, no geral, a seguinte configuração:

DET + NOME

No entanto, em alguns casos há, depois do nome, um adjetivo com função de modificador, assumindo as DNAs, nessas ocorrências, a seguinte configuração:

DET + NOME + MODIFICADOR

De posse dessas categorias, seguiremos para a análise dos dados, a fim de discutir em que medida se dá a relação entre as estratégias de progressão referencial por meio de DNAs e as partes que compõem a estrutura das narrativas orais.

4 FUNÇÕES DAS DNAs EM NARRATIVAS ORAIS

O narrador usa assim a avaliação para selecionar, estruturar e comunicar o que, do seu ponto de vista pessoal, é significativo. Por meio da avaliação, pode-se compreender a maneira em que o narrador interpreta e expressa os acontecimentos e como ele pretende que o seu interlocutor os interprete.

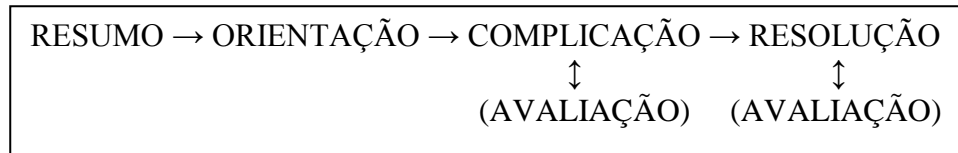
Maria da Piedade Moreira de Sá

Neste capítulo, analisaremos as ocorrências de remissão por meio de DNAs e a função que tal fenômeno desempenha nas partes que compõem a estrutura das narrativas.

Conforme exposto no capítulo 2, nossos estudos acerca da estrutura das narrativas estão ancorados nos postulados de Labov (1972). Assim, antes de iniciarmos a análise, ressaltamos que esse autor reconhece a existência de narrativas mínimas, isto é, narrativas que não contêm todas as cinco partes, já mencionadas neste trabalho anteriormente. Segundo Labov, uma narrativa mínima pressupõe pelo menos dois eventos ordenados sequencialmente, ou, nas palavras do próprio Labov (1972, p. 361), “uma narrativa mínima se define como aquela que contém uma única juntura temporal”.

Nossa intenção, ao retomar essa discussão, é chamar atenção para o fato de que nem todas as narrativas analisadas neste trabalho são completas no sentido de apresentar todas as instâncias, quais sejam: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. Há, entre as narrativas que analisamos, por exemplo, algumas que concentram as seções de resumo e de orientação numa mesma sequência narrativa, há outras em que a seção de avaliação não tem localização determinada, aparecendo, em muitos casos, encaixada em outra seção, assim como há algumas em que não se percebe de forma explícita a coda.

A despeito dessa variação na configuração estrutural das narrativas orais, observamos que, no *corpus* desta pesquisa, as narrativas apresentam uma estrutura que, no geral, tem a seguinte configuração:



Dessa feita, analisaremos a ocorrência das DNAs nas seções de orientação, complicação, resolução e avaliação tendo em vista que, na configuração básica das narrativas do nosso *corpus*, são as seções que concentram um maior número de informações, possibilitando não apenas a ocorrência, mas a recorrência do fenômeno objeto de nossa pesquisa.

Com relação à seção de avaliação, no entanto, cabe salientar que esta não constitui uma parte fixa nas narrativas que analisamos, ela aparece encaixada nas seções de complicação e de resolução, conforme descreve o gráfico acima. A esse respeito, Frias (2008) comenta que:

Conquanto o ordenamento temporal de pelo menos duas ações no passado seja indispensável para caracterizar uma narrativa, Labov e Waletzky, em seu artigo clássico de 1967, já consideravam que uma narrativa sem *avaliação* seria vazia, sem propósito, faltar-lhe-ia significado (Labov e Waletzky *apud* Mishler, 2002: 99). A avaliação não tem necessariamente uma localização específica dentro da estrutura narrativa, nem um formato determinado: a avaliação pode estar contida em algumas frases, num comentário de um personagem da história, num adjetivo do narrador, até numa entonação. (FRIAS, 2008, p. 74)

Sobre o procedimento linguístico-discursivo que opera o encaixe da avaliação nas seções já mencionadas, discutiremos em 4.3, onde tratamos das DNAs com função de avaliação. Passemos, então, à análise dos dados.

4.1 IMPRIMIR RELEVO POSITIVO

Conforme Labov (2006), a construção de uma narrativa envolve um “jogo de operações cognitivas”, a pré-construção da narrativa, que o narrador realiza antes de começar a narrativa. Essa pré-construção pode se dar também durante o transcorrer da narrativa, no interior de cada uma das partes que a compõem, isto é, em cada instância da narrativa construída podem ser observadas certas operações cognitivas que visam a evidenciá-la.

Segundo Busse (2009), os elementos colocados em destaque ou rebaixados durante a narrativa podem apontar para essa pré-construção em que o narrador tenta projetar alguns resultados de suas manobras textuais e orientar para a representação dos sentidos que pretende sobre o que é narrado. Consideramos, então, que na construção da narrativa, quando o narrador insere uma determinada DNA em seu discurso, há, em verdade, o uso de uma estratégia discursiva subjacente, ou seja, o narrador faz certas escolhas lexicais que visam pôr em relevo informações relevantes para a construção do sentido acerca do que está narrando e isso colabora de modo direto para a construção de cada uma das partes que compõe a estrutura da narrativa oral. Por relevo, Travaglia (1999) define o fenômeno por meio do qual o enunciador destaca ou rebaixa elementos do texto com vista a dar-lhes proeminência ou a fazer com que passem despercebidos. Em outros termos, o enunciador se vale de procedimentos vários para marcar “de alguma forma informações que considera essenciais, importantes e outras que considera menos importantes dentro do tópico que está desenvolvendo” (TRAVAGLIA, 1999, p. 79).

Travaglia (1999, p. 77) relaciona “destaque” e “rebaixamento” a duas formas de relevo, quais sejam, relevo positivo e relevo negativo. Com relevo positivo, dá-se um destaque especial às informações que passam a figurar no “plano mais elevado” do texto. Com o relevo

negativo⁵, as informações passam a figurar num “plano mais inferior” e, argumentativamente, são desativadas com relação àquelas que se encontram em destaque. Cabe ressaltar que, no âmbito do presente trabalho, interessa-nos tratar apenas do relevo que põe em evidência informações na cadeia textual.

Sobre os elementos que podem ser colocados em proeminência, isto é, que podem receber relevo positivo, Travaglia (1999), em nota, esclarece:

Os elementos que se colocam em relevo seriam “partes” do conteúdo ou certos tipos de conteúdo (como, por exemplo, ações que constituem os episódios de uma narrativa que aparecem em partes da narrativa como a complicação e a resolução em relação ao pano de fundo que aparece em partes da narrativa como orientação e avaliação) dentro do desenvolvimento do tópico discursivo ou se dá relevo a certas unidades, relações, mudanças de tópico, etc. Assim, podem ser colocados em relevo: a) episódios de uma narrativa em relação ao cenário, descrições de personagens, ações de pano de fundo; b) ações em relação a outras por razões emotivas; c) determinados conceitos; d) um argumento em relação a outros; e) a introdução de um novo subtópico ou a volta a um subtópico; f) determinadas relações entre proposições; g) uma forma de dizer em relação a outra que talvez o falante considere menos apropriada, etc. (TRAVAGLIA, 1999, p. 128)

Analizamos a seguir algumas ocorrências de DNAs na construção das narrativas orais, observando a que informações tais ocorrências pretendem dar proeminência, sua relação com a estrutura da narrativa e quais as razões que motivam o uso dessa estratégia de referenciação.

4.1.1 Relevo de elementos do cenário socioespacial da narrativa

Inicialmente, faz-se necessário explicitar que consideramos como cenário socioespacial o conjunto de elementos que o narrador utiliza como pano de fundo para as ações dos personagens. Trata-se, especificamente, da construção de um quadro contextual onde são evidenciadas características relevantes do ambiente em que ocorrem as ações da narrativa, bem como a apresentação e descrição de personagens. O estabelecimento desse quadro

⁵ Segundo Travaglia (1999), no relevo negativo, o falante procura fazer com que algo passe despercebido, provavelmente algo que não se pode deixar de dizer, mas a que não se quer que o interlocutor dê muita importância. Um recurso para esse fim seria falar rápido e baixo. Como não foram encontradas ocorrências desse tipo de relevo em DNAs, ele não incorporará nossa análise.

funciona como um importante meio de fazer com que a audiência acompanhe a progressão referencial da história narrada.

Dessa feita, passemos à análise do primeiro tipo de ocorrência de DNA. Observemos o seguinte excerto:

[1]

O cara... o cara estudou desde criança, é ... começou estudar, e se preocupou muito com o estudo dele... estudou estudou assim... aprendeu tanto que chegou a ... a disperceber das outras coisa, ficou só no estudo. Se formou, aí... ele se formou na sua cidade como *o doutor da lei*... ele era o doutor da lei... daí chegou um tempo que ele... é:... num falava mais com ninguém só... se a gente chegava lá pra falar com ele ele ficava sentado assim só lendo e você falava com ele... cumprimentava ele... ele só falava bom dia sim e pronto qualquer pessoa podia ser a melhor pessoa a pessoa mais importante que fosse... e o outro irmão dele que estudou estudou tanto que ficou doido... andava na rua num ia mais em casa e a família nem já... é... dava muita atenção pra ele e esse doutor da lei ficou estudando... todo muito ia lá chegava lá falava com ele... nada...

Narrativa (5)

A narrativa (5) conta a história de um homem que sempre se dedicou aos estudos. Porém, com o tempo, foi-se distanciando das outras pessoas de seu povoado, porque se considerava superior por ter adquirido muitos conhecimentos. Esse fato chama a atenção do Rei daquele lugar, o qual procura o inteligente homem para uma conversa, no entanto, este ignora o rei. Incomodado com essa atitude, o rei intima-o a comparecer ao castelo para que passe por um desafio: responder corretamente a três perguntas. O homem se vê numa situação desesperadora, pois o rei determina que uma resposta errada o levará à morte.

O excerto [1] concentra duas seções da narrativa, a saber, resumo e orientação. De acordo com o que já mencionamos, a seção de resumo opera uma sumarização de toda história, ao passo que a orientação concentra elementos necessários para a geração da narrativa, tais como o tempo, o lugar, bem como os personagens, sua(s) atividade(s) e/ou situação.

No supracitado fragmento, o enunciador se vale da DNA “o doutor da lei” para fazer remissão ao objeto-de-discurso “o cara”, que designa o personagem sobre o qual discorre a história narrada. Obviamente, consideramos que a escolha dessa expressão responde ao

propósito comunicativo do narrador de dar proeminência a informações acerca de um personagem relevantes para a progressão referencial da narrativa. Compreende-se que, ao iniciar a condução da narrativa, o narrador, num jogo interativo com sua audiência, enuncia um conjunto de orações que sumariza a história narrada, ou seja, um homem que passou a se dedicar inteiramente aos estudos, à leitura, à busca pelo conhecimento e, por alcançar um considerável nível intelectual, passou a menosprezar as demais pessoas daquele lugar.

Por meio da DNA “o doutor da lei”, o narrador atribui uma predicação a esse personagem, essencial para a continuidade da história, uma vez que é o fato de ele ter sido rotulado dessa forma que gera, nos ouvintes, a expectativa sobre suas ações, preparando-os para o que está por vir. Infere-se, portanto, que a escolha da mencionada DNA constitui um recurso de que o narrador lança mão para construir, com êxito, o cenário socioespacial da narrativa, e assim, dar continuidade a seu projeto-de-dizer.

Em [1], o relevo de informações estabelecido por meio da referida DNA contribui significativamente para a constituição do quadro contextual da narrativa, constituindo-se, portanto, uma produtiva estratégia de construção da seção de orientação, porquanto é nessa seção que o narrador fornece todas as informações necessárias à contextualização do que narra. É possível, inclusive, identificar, nas narrativas, outras ocorrências de DNAs com essa mesma função, fato que corrobora a produtividade dessa estratégia.

Analisemos outro exemplo:

[2]

aí quando foi um dia né ele já tava com... mês e meio e quando foi um dia.. ele disse... ele pensou assim... de pegar uma outra estrada ((faz gestos com a mão indicando o caminho)) né pra vê se achava de que ter medo... pegou outra estrada né () andou andou aí passou numas nuns casarão né tal e tal... aí chegou na casa de dois veinhos... mas os veinho *um casal*.. aí chegou... “rapaz não dá pra ocê arranjar um/dormida pra mim?” né... ele disse “rapaz é o seguinte minha casinha aqui é apertado... é só nós dois mas é muito pequena mas tem esse casarão aqui ((aponta com a mão)) que eu arranjo pra você ficar”... *um casarão velho anTIgo* né... e lá era assombrado... de noite... parecia muita visagem né...

Narrativa (1)

A narrativa (1) conta a história de um homem que, em razão de suas conquistas na vida, havia se tornado muito rico. Seu desafio era conhecer o medo, por isso, decidiu sair pelo mundo em busca do que ter medo. O trecho supramencionado narra o momento em que o personagem principal chega à casa de um casal de idosos para pedir abrigo por uma noite. O casal justifica que a casa em que vivem é muito pequena, mas que o homem “sem medo” pode alojar-se num velho casarão abandonado. Ali, naquele cenário assombrado, o personagem vê a possibilidade de conhecer o sentimento do medo.

No excerto [2], temos a ocorrência das seguintes DNAs: “*um casal*” e “*um casarão velho anTIgo*”. A primeira faz remissão a “*dois velho*”. A segunda remete a “*casarão*”. Nos dois casos, as DNAs dão relevo a informações necessárias à boa compreensão dos acontecimentos que estão sendo narrados. Isto é, no primeiro caso, dizer que se trata de um casal de velhinhos, enquanto no segundo, construir um cenário de assombração, em consonância com nosso imaginário sobre os lugares onde ocorrem fenômenos sobrenaturais. Acrescente-se que nesta segunda DNA, a entoação enfática do vocábulo “anTIgo”, bem como o uso do marcador interativo “né”, logo em seguida, contribuem para imprimir mais proeminência às informações e colocá-las no horizonte de percepção do ouvinte, integrando-as de forma eficaz a sua memória discursiva.

Dar proeminência, por meio das DNAs supracitadas, ao fato de que os anfitriões são dois velhinhos ou um casal de velhinhos, bem como ao fato de que o casarão em que o destemido homem se hospedou era velho e antigo, além de ajudar a construir a seção de orientação, gera a expectativa de que realmente o personagem será aterrorizado por algo sobrenatural naquele velho casarão, porém, essa expectativa é “quebrada” no decorrer da história. Ora, o homem sem medo passou a noite toda num casarão que, a julgar pelas suas características, deveria ser assombrado, mas em momento algum entrou em pânico. Foi o casal de idosos que, por meio de uma brincadeira, fez com que o homem conhecesse o

sentimento do medo, quando colocou dentro de uma caixa uma ave, que o narrador chama de “nambu”, e lhe deu de presente. Ao abrir a caixa, o pássaro voou dando um tremendo susto no homem sem medo. Esse fato aponta para outra expectativa que se cria e também é “quebrada”, a saber, não se espera que o casal, por ser idoso, faça uma brincadeira de tal tipo. Essas observações demonstram que essas DNAs “visam não apenas à representação de um estado de coisa, senão também a desenvolver um argumento e levar o interlocutor a apreender (ou construir) o *point* da narrativa” (SÁ, 1999, p. 63).

Ressalte-se que, além de colocar em relevo informações que tratam de personagens e de elementos espaciais que constituem o cenário das histórias, as DNAs podem dar proeminência a determinados fatos que, também, colaboram diretamente para a construção do quadro contextual da narrativa. A propósito, observemos o exemplo que segue:

[3]

É... essa história é do home que... reformava quadro de santo né... aí ele tirô a profissão dele pra andá no mundo reformando quadro quadro imagem tudo aquilo que ele via que pertencia a a santo a... sabe? aí ele fazia reformava aí onde... toda cidade que ele chegava ele ia... percorria a cidade todinha fazendo só aquele trabalho aí quando foi um dia ele chegô assim numa casa dum... dum cidadão tinha muita imagem tudo quanto era retrato tinha lá aí ele foi e começô a reformá aí ele encontrô um quadro assim cum retrato muito estranho aí ele ficô olhando assim ele conheceu que era *o retrato do cão... é:: retrato do sataná*s... aí ele falô “pôxa tempão reformando... é... quadro as imagem nunca tinha encontrado um negócio estranho desse jeito” aí ficou resolvendo se reformava ou não né mas como ele tinha... é...] tirado pra fazê só esse trabalho “num tem nada a ver, eu vou reformá” aí foi deu um grau lá bacana reformô e...

Narrativa (7)

A narrativa (7) conta a história de um homem que se dedicava a restaurar quadros. No início da narrativa, ao chegar numa determinada cidade, esse homem vê-se diante de uma difícil tarefa: restaurar um estranho quadro, o retrato de Satanás. O restaurador hesita bastante em realizar este trabalho, pois seu ofício era, conforme a narrativa, restaurar quadros de santos. E estes são, culturalmente, representações do “bem”, ao passo que Satanás, representação do “mal”, o que talvez justifique o temor do homem em restaurar o referido quadro. No entanto, o restaurador realiza o trabalho e segue seu caminho.

No excerto [3], temos a ocorrência de duas DNAs, quais sejam, “o retrato do cão” e “retrato de satanás”. As duas expressões remetem a um mesmo objeto-de-discurso, a saber, “um quadro muito estranho”. É interessante observar que o narrador enuncia, primeiramente, “o retrato do cão”, fazendo uma categorização do objeto-de-discurso, introduzido anteriormente, porém, em meio a seu jogo interativo com a audiência, ele vê a necessidade de recategorizar esse mesmo objeto, provavelmente, com o fim de deixar claro para seus interlocutores a quem, exatamente, ele se refere quando enuncia “cão”. O uso da DNA “retrato de satanás” opera tal recategorização, conduzindo a audiência à compreensão de que, embora o narrador tenha feito escolhas lexicais distintas na constituição das DNAs mencionadas, as duas fazem menção a uma mesma entidade que representa o mal: o diabo.

O uso dessas descrições na construção da seção de orientação responde ao propósito comunicativo do narrador de dar destaque a informações que são relevantes para a contextualização da narrativa. O narrador se vale das DNAs em questão como uma estratégia de promover a compreensão de sua audiência sobre as ações do personagem e, também, de colocar em proeminência a figura do diabo, tendo em vista que este aparecerá na seção que conduz ao desfecho da narrativa. Nesta, o restaurador de quadros é colocado perante o juiz por não ter pago dois ovos que comera em uma pensão que se hospedara e eis que surge um solícito advogado que se oferece para defendê-lo sem custo algum. O homem é inocentado e propõe pagar o advogado de algum modo, porém, este recusa, alegando que o restaurador já o havia pago quando restaurou seu retrato, fato que conduz à inferência de que o advogado era o próprio diabo.

De modo geral, as DNAs que atuam na construção da seção de orientação assumem a função de marcar informações relevantes para a progressão referencial da narrativa. A análise revela que o narrador utiliza essa estratégia com dois principais propósitos: a) orientar a audiência quanto à constituição do cenário socioespacial que servirá como pano de fundo para

a geração da narrativa; b) destacar elementos desse cenário que auxiliarão na compreensão de acontecimentos subsequentes. Com efeito, cria-se um quadro contextual que visa promover a compreensão dos diversos sentidos que serão construídos ao longo da narrativa, garantindo o êxito desse evento sociointerativo que constitui a “contação” de narrativas orais.

4.1.2 Relevância de ações

A análise do *corpus* apresentou evidências de que há determinadas ocorrências de DNAs que exercem a função de dar proeminência às ações dos personagens diretamente relacionadas ao fato narrado na história. Observemos o excerto que segue:

[4]
 (...) “mas rapaz isso daqui não é de mulher isso daí”.... só se levantou de lá da cama menino e ajuntou na carrera falou “AH isso daqui.. pra ocê aprender... lidar com ladrão”...(aí) ajuntou na carrera...aí foi ele caçar a mulher... cadê a mulher? ele tinha matado era a mulher... “puta que pariu... o *desgraçado* fez foi matar a minha mulher”... aí o joãozinho pegou menino e sumiu... foi embora da cidade... foi trabalhar num no outra cidade passou um TEMPão prá lá (...)

Narrativa (2)

O excerto [4] faz parte de uma narrativa que conta a história de um ladrão chamado Joãozinho que foi preso por um rei que comia pessoas. Este deixa o ladrão sozinho com sua esposa, que fora incumbida de prepará-lo para um almoço entre amigos. No entanto, o ladrão consegue distrair a mulher e a mata, servindo-a, em seguida, para o marido e seus convidados.

Nesse excerto, observa-se que, por meio da DNA “o desgraçado”, o narrador faz remissão ao objeto discursivo “ladrão”, operando, também, uma recategorização. Inferimos que o uso dessa DNA colabora de modo satisfatório para a construção da seção de complicação da narrativa, porquanto o elemento mais importante dessa seção é exatamente o conjunto de ações realizadas pelos personagens que conduzem ao clímax da história.

Dessa feita, ao utilizar essa estratégia de referenciação, o narrador faz uma escolha lexical que não está apenas agindo em prol da progressão referencial, mas que também

pretende chamar a atenção de sua audiência para a relevância que têm para a compreensão da narrativa as ações grotescas do ladrão, que mata a mulher do rei e a serve como comida.

Além disso, ao enunciar a DNA supracitada, o narrador coloca na boca do rei um sentimento de indignação ou raiva, o que reforça o peso das ações do ladrão, para a construção da narrativa.

Acreditamos, portanto, que o uso dessa DNA está em perfeita sintonia com os propósitos interlocutivos do narrador, uma vez que este está construindo uma seção da narrativa que tem como característica concentrar ações determinantes para o desenrolar da história, a saber, a seção de complicação.

Vale relembrar que, com base nos estudos de Labov (1976, *apud* OLIVEIRA JR. 1995), a complicação constitui o núcleo ou o esqueleto da narração, sendo formada essencialmente por cláusulas narrativas. Nela, conta-se o que ocorreu até antes do desenlace.

O excerto seguinte também apresenta uma DNA dando proeminência à ação do personagem, no entanto numa outra seção da narrativa, a resolução. Observemos o exemplo:

[5]
 chegou lá chamou “mulher... é o seguinte... eu descobri o segredo da visagem lá do sítio...” ela disse “tu descobriu? Como foi que tu descobriu?” ele disse “não... eu falei com a pessoa que tá devendo a promessa... então é o seguinte... a promessa tá aqui ó... tem quatro parte de dinheiro aqui... uma parte é pra dar pros pobre... a outra parte é pros filho dos pobre... uma parte é pra dar pro São José... e a outra é pra man/dar pra um padre pra celebrar uma missa na casa dele... **então é o seguinte... a parte que é pra dar pros pobre... nós somos pobre... então fica pra nós... a parte que é pra dar pros filho dos pobre nós damos pros nosso filho... porque num são nossos filho? Então são filho de pobre... isso não é pra gente falar pra ninguém... e a parte do São José nós tem esse aí... a gente dar uma parte pra ele... fica pra nós... e a parte pra celebrar a missa... o meu primo é padre... a gente chama ele aqui ele vem até de graça pra gente... então... realmente... num tem precisão de dar esse dinheiro pra ninguém...**” e isso foi o que eles fizeram... com o dinheiro das quatro promessa... ele *um cara muito inteligente* né? pegou ficou tudo pra ele... eu não sei se ele já gastou tudo o dinheiro... mas acho que ele ainda tem uma partezinha... [risos entre o narrador e audiência]

Narrativa (8)

A narrativa (8) conta a história de um homem que gostava muito de caçar. No entanto, entre os caçadores havia um mito de que na floresta aparecia uma estranha bola de fogo que afugentava todos que ali caçavam. O protagonista dessa narrativa resolve que irá caçar e

esperar que a tal bola de fogo apareça para ele, o que de fato ocorre. A bola de fogo conversa com o corajoso caçador e lhe diz seu segredo: ela é uma “visagem”, uma alma perdida que ainda não teve descanso porque, em vida, fez quatro promessas que envolviam doações de dinheiro para algumas pessoas, mas morreu antes de poder cumpri-las. O personagem, muito solícito, oferece-se para ajudar a “visagem”, prometendo-lhe que irá pegar a caixa de dinheiro enterrada por ela e cumprir suas promessas.

O trecho sob análise corresponde à seção de resolução e narra o momento em que o caçador, após ter pego a caixa cheia de dinheiro, chega a sua casa e conta todo o ocorrido para sua esposa. Em seguida, de modo muito inusitado, combina com a mulher como irá pagar as promessas feitas pela bola de fogo.

Em [5], há a ocorrência da DNA “um cara muito inteligente” que faz remissão ao personagem principal da narrativa, o caçador. Seu uso pretende dar relevo às ações do referido personagem que são determinantes para a construção da seção que corresponde ao desfecho da história. Observe-se que, ao usar tal descrição, o narrador coloca em evidência o modo “malandro” com o qual o personagem atua para cumprir as promessas da “visagem”, ou seja, ao rotulá-lo, na resolução da história, como “um cara muito inteligente”, o narrador não está tecendo um elogio, mas chamando a atenção da audiência para as ações imbuídas de esperteza do caçador.

A DNA supramencionada está a serviço da proeminência das ações do personagem que conduzem a um final inesperado da história, pois, ao contrário do que havia prometido, o caçador, agindo como um verdadeiro pícaro, ludibria a bola de fogo e se apossa do dinheiro que deveria ser dado a outras pessoas.

Essa estratégia de progressão referencial reflete de modo produtivo os propósitos interlocutivos do narrador que visa promover a construção da seção de resolução da narrativa, já que, segundo Labov (1972), essa seção é caracterizada pela apresentação de efeitos e/ou

resultados do acontecimento narrado. Ademais, ela promove uma quebra de expectativas na audiência quanto ao final da história, uma vez que, como se tratava de um humilde e solícito caçador, espera-se que ele, de fato, cumpra o acordo feito com a “visagem”, o que não ocorre.

A análise dos dados nos permite concluir que, de um modo geral, as DNAs com função de relevo de informações, sejam estas relacionadas ao cenário socioespacial da narrativa ou às ações dos personagens, têm por função preponderante e essencial assegurar o funcionamento da dimensão referencial da narrativa.

4.2 DNA COMO ESTRATÉGIA DE AVALIAÇÃO

Nesta seção, analisaremos o uso de DNAs como um procedimento linguístico de avaliação no decorrer da estrutura da narrativa. Consideramos que há uma relação muito estreita entre o uso dessas formas nominais e a avaliação nas narrativas orais. Nossas inferências estão ancoradas no fato de que a avaliação não tem uma localização específica dentro da estrutura narrativa, nem um formato determinado. Ela pode permear toda a narrativa, e pode tomar a forma de uma narrativa secundária, de algumas frases, de comentários de terceiros, de formas lexicais, até mesmo de uma entonação (LABOV, 1972).

A análise dos dados permitiu-nos constatar que, durante a construção das narrativas, muitas das DNAs identificadas tinham não só a função de fornecer informações relevantes para o bom andamento da história, mas também a de veicular um olhar avaliativo do narrador. Denominamos este tipo de função de avaliativo-referencial. Ou seja, são descrições nominais que, a um só tempo, transmitem um conteúdo informacional e veiculam uma orientação avaliativa. No entanto, cabe ressaltar que, embora possam apresentar essa dupla função, as DNAs a que nos referimos aqui assumem a função principal de avaliar, e a ocorrência destas mantém uma estreita relação, especificamente, com duas seções da narrativa, a saber,

complicação e resolução. Essa relação é fruto da própria natureza das referidas seções e será mais bem explicitada nas análises que seguem.

4.2.1 Avaliação de ações

Conforme mencionamos, foram identificadas *no corpus*, determinadas DNAs que, ao longo da geração da narrativa, assumem a função de avaliar as ações de personagens. Observemos o seguinte exemplo, o qual evidencia o uso dessa estratégia na seção de complicação:

[6]
 aí comprou veneno né... aí bebeu uma cachaça e botou veneno dentro da outra ((o narrador faz um gesto como se estivesse despejando algo em uma garrafa)) que ia trazer pros outro... aí comprou os dois saco... aí veio... botou o saco né... a cachaça dentro do saco né... aí veio...já chegando pertinho... aí disse “lá vem fulano... aí quando chegar mais perto tu atira”... o outro falou pro outro... aí disse... “é mermo”... **aí o pobre foi foi... quando chegou bem pertinho o cabra POU::... aí PUFF...** ((o narrador faz gesto de alguém atirando e outro caindo)) ele disse “corre lá... pega o saco... fulano já morreu vamo dividi o dinheiro”... “rapaz”... pegou o saco na perna assim.. pegou assim... ((gesto como se estivesse segurando o saco)) “rapaz *o pobre* vinha trazendo cachaça pra nós... olha”... “pô rapaz... mas já tá morto... bora beber”... aí o cabra levou a (garrafa)... [risos] aí tornou na boca...aí tornou... bebeu... ((gesto com a mão como se entornasse uma garrafa)) aí aquilo foi caindo... o cabra foi tomando a dele também... aí caiu pro lado... PO::...((gesto com a mão indicando que alguém caiu)) aí morreu também...

Narrativa (3)

A narrativa (3) conta a história de três amigos que, retornando de uma festa, ouvem uma estranha voz, vinda de um matagal, que lhes dizia “quer ver o laço do cão?”. Curiosos, os três amigos seguem a voz e encontram um saco cheio de dinheiro. Com o intuito de dividir o dinheiro encontrado, os três amigos decidem que um deles deve voltar a um comércio pelo qual já haviam passado, a fim de conseguir sacos para colocar a parte em dinheiro de cada um.

O excerto [6] narra o momento em que um dos personagens, que retornou ao comércio, planeja matar os outros dois, seus amigos, com cachaça envenenada, porém, ao chegar ao

local em que estes estavam, é recebido a tiros, pois eles também planejavam ficar com o dinheiro apenas para si. Compreende-se, portanto, que a cobiça pelo dinheiro encontrado desencadeia todas as ações dos personagens na narrativa.

Constata-se que, num trabalho de progressão referencial, o narrador, no segmento “aí o pobre foi foi...”, faz referência ao homem que voltou ao comércio, por meio da DNA “o pobre”, que configura uma recategorização daquele objeto-de-discurso. Essa recategorização se dá em virtude do que ocorre com esse personagem em consequência de suas ações e das ações dos outros personagens. O referido personagem passa de conspirador a vítima, o que, provavelmente, justifica a predicação “o pobre”.

Assim, no caso do exemplo [6], consideramos que o olhar avaliativo do narrador, expresso pela DNA “o pobre”, opera uma recategorização do objeto-de-discurso em questão, decorrente da avaliação que o narrador faz das ações dos amigos assassinos, bem como do destino trágico do personagem que morre baleado. É importante salientar que a remissão por meio de “o pobre” ocorre duas vezes no exemplo: a primeira, na fala do narrador, e a segunda, na fala de um dos personagens. O uso dessa DNA, na fala do narrador, caracteriza uma avaliação mais externa, uma vez que este se endereça à audiência, recategorizando o objeto-de-discurso em função do que está por vir. Nesse sentido, quando o narrador enuncia a descrição “o pobre”, ele, em certa medida, antecipa para a audiência a iminente tragédia que está por ser contada. A segunda ocorrência da descrição “o pobre”, inserida na fala de um dos personagens, a saber, “*rapaz o pobre vinha trazendo cachaça pra nois... oia*”, evidencia uma avaliação encaixada do narrador na fala do personagem. Por meio desse recurso, o narrador instancia no discurso do personagem a avaliação anteriormente feita e recoloca em cena a cilada de que foi vítima o personagem.

A DNA “o pobre” imprime, portanto, certa orientação argumentativa na narrativa. A audiência, a partir da enunciação dessa DNA, é levada a se solidarizar com o personagem e,

de um modo curioso, é induzida a vê-lo como um “coitado”, como a vítima da história, embora não o fosse, uma vez que também planejava matar seus amigos com a cachaça envenenada.

Sugerimos, então, que a relação entre o uso dessa estratégia de progressão referencial e a seção de complicação reside exatamente no fato de que são as ações dos personagens, ora positivas, ora negativas, que motivam os narradores a se valerem de DNAs que veiculam seu olhar sobre o narrado. Acrescente-se que é na seção de complicação que estão concentradas as ações mais importantes para a geração da narrativa, sendo, portanto, muito produtiva a inserção de DNAs de cunho avaliativo na referida seção.

A fim de ratificar a produtividade das DNAs com função de avaliação de ações na seção de resolução, analisemos o próximo excerto:

[7]

aí depois... chegou lá na casa dele com ambição... *um homem rico* né... aí falou “mulher agora tu faz o seguinte... pega logo lá um bocado de dólar e joga aqui dentro...” aí foi encheu a cesta aí só fazia encher e vaziar encher e vaziar né... aí foram bot/encheram tudo quanto foi lugar... aí ele tinha um quarto lá que não tinha nada... encheram de dólar e aí quando não tinha mais nem onde guardar a cesta já tava bandalhando né aí ele chamou o filho dele e falou “meu filho pega sua avó lá traz pra pra ver a cesta aí que como é engraçada né... aí o moleque foi trouxe a velhinha... *a velhinha coitada* tropicando aí quando chegou ela foi se agachar pra olhar a cesta aí caiu in dentro da cesta aí “TIRA TUA AVÓ DAÍ MENINO... de dentro dessa cesta...” aí foi tirar tinha outra avó... “tira de novo...” aí o moleque tirou ficou outra tirou uma ficou outra tirou uma ficou outra... aí... cada vez ele tirava ficava uma velha lá dentro e quando ele viu que a casa não tava cabendo mais aí ele falou “toca fogo nessa cesta senão vai sair muita avó daí de dentro...” aí o moleque tocou fogo na cesta aí... parou né... aí foi tanta avó que ele tirou que o dinheiro que ele tinha todinho num deu pra sustentar as velha né... acabou o dinheiro todinho e as velha ficou aí... até hoje ele tá lá trabalhando pra sustentar as velha...

Narrativa (6)

A narrativa (6) conta a história de um homem muito pobre que estava passando por muitas dificuldades. Ele tinha o hábito de sair para pescar em busca de alimento para sua família, porém, sempre voltava da pescaria com dois únicos peixinhos. Um dia, em uma de suas pescarias, esse homem é surpreendido por uma estranha cesta boiando na água que, em seguida, ele descobre que se trata de uma cesta encantada que dá em dobro tudo o que é posto dentro dela. A partir desse fato, decorrem todas as ações da narrativa.

O trecho sob análise corresponde à seção de resolução e narra o momento em que o compadre do pescador, após ter convencido o humilde homem a vender a cesta encantada, começa a explorar os poderes dessa cesta, aumentado de modo descontrolado e compulsivo o tamanho da riqueza que já possuía.

Em [7], há a ocorrência das DNAs “um homem rico” e “a velhinha coitada”. A primeira DNA faz referência ao compadre rico do pescador pobre. Seu uso pretende imprimir um olhar crítico do narrador acerca de uma ação que é determinante para a construção da seção que corresponde ao desfecho da história, qual seja, a compra da cesta encantada. Observe-se que, antes de enunciar “um homem rico”, o narrador usa a palavra “ambição”, o que reforça esse olhar avaliativo do narrador sobre as ações do personagem e, portanto, sinaliza para a audiência que a ação de comprar a cesta e explorar seus poderes é negativa, sugerindo que esse personagem será penalizado por suas más ações.

Outro fator que evidencia essa estratégia de avaliação nessa seção da narrativa é o uso do marcador discursivo “né”, imediatamente após a enunciação da referida DNA. Esse marcador tem função predominantemente interativa, marcando nas interações verbais um momento de contato do falante com seu interlocutor (PENHAVEL, 2005). Logo, subentende-se que, ao enunciar “um homem rico né”, o narrador se volta de forma mais direta para a sua audiência, interagindo com ela, como se pedisse seu apoio para aquele posicionamento de reprovação que ele assume frente ao comportamento do personagem.

Quanto à segunda DNA, “a velhinha coitada”, observa-se que o narrador opera uma recategorização do objeto-de-discurso “avó”. O uso do lexema “coitada”, na composição da DNA, coloca em evidência o olhar do narrador sobre o destino da senhora, num prenúncio de que algo ruim irá acontecer com ela. E assim se sucede: ao se dirigir para ver a cesta, a velhinha cai dentro dela e, como feitiço, ocorre uma inusitada multiplicação da avó a cada vez que tentavam tirá-la da cesta.

Dessa maneira, as duas DNAs supramencionadas estão a serviço da avaliação que o narrador faz das ações ambiciosas do homem. Observe-se que tanto a queda da velhinha quanto o final inusitado do homem rico constituem uma curiosa resposta a essas referidas ações. Assim, com a multiplicação da quantidade de velhinhas o personagem é obrigado a gastar toda a riqueza que já tinha e também aquela que obteve com os poderes da cesta, sofrendo uma espécie de castigo por tanta cobiça.

4.2.2 Avaliação de predicções de personagem

A análise das narrativas também revelou que as DNAs avaliativas não se restringem a avaliar ações de personagens, conforme se observou anteriormente. Há casos em que essas DNAs se voltam para o próprio personagem, mais precisamente, veiculando uma avaliação acerca de atributos destes. O exemplo que segue apresenta esse tipo de ocorrência. Analisemo-lo:

[8]
 “não meu amigo durma lá ca neném não tem problema não” aí ele pensou “porra dormir com neném e manhecer mijado o muleque vai querer me enjoar a paciência”... aí ele disse “não eu durmo aqui no chão mesmo” “tá bom” então dormiu aí quando foi de manhã aí o... o... o cara levantou aí falou assim “mulher mulher manda a neném fazer o café que o homem acho que vai sair cedo” aí ele ficou... aí disse “poxa a neném fazer café?” aí ela chamou “NENEM NENEM...” aí ela disse “senhor papai...” “levanta minha filha... (faz) o café pra dá pro homem que ele vai sair cedo...” ele ficou.. “mas rapaz... que (incompreensível) neném é essa? já será que eu me enganei?” tá bom... quando ele viu a *bichona* passou... Olha o *femAÇO*...

Narrativa (4)

A narrativa (4) conta a história de um homem que está andando pelo mundo e, todas as noites, pede abrigo em uma casa diferente. A cada estadia, esse homem passa por uma situação constrangedora em que sempre está envolvida a figura de uma mulher, o que gera comentários comprometedores a seu respeito: rumores de que tais situações ocorrem porque ele tem medo de mulher.

O excerto [8] corresponde à seção de complicação da narrativa e conta, especificamente, uma ocasião em que o personagem principal pede abrigo na casa de uma família. O pai, solícito, sugere ao homem que não há problema de ele dormir com a “neném”, no entanto, ele não aceita, afirmando não querer causar incômodo.

Com as DNAs “a bichona” e “o femAÇO”, que fazem remissão ao objeto discursivo “neném”, o narrador esclarece a sua audiência que a forma lexical “neném” não se referia exatamente a uma criança, conforme inferiu de modo equivocado o personagem principal, mas a uma bela moça.

No entanto, essas DNAs não se limitam a fornecer informações, elas veiculam também um comentário avaliativo acerca do objeto-de-discurso previamente introduzido a que fazem referência, o que pode ser constatado pelas escolhas lexicais que o narrador faz para remeter a “neném”. Ao utilizar as formas lexicais “bichona” e “femaço”, ambas no aumentativo, o narrador tem duas prováveis intenções: a primeira, evidenciar os atributos sexuais da moça, uma vez que, ao se referir à mulher como “bicho”, o narrador coisifica-a como objeto sexual, enfatizando que se trata de algo, realmente, “animal”. Em seguida, essa ideia é corroborada com a enunciação de “femaço”, que sugere que o personagem estava, de fato, diante de um objeto de desejo sexual. Essas DNAs põem em evidência o olhar avaliativo do narrador sobre a “neném”, colocando em destaque as qualidades físicas desse personagem. Isso, de certo modo, conduz a audiência a compartilhar da ideia de que, de fato, ao se negar dormir com a “neném”, o homem, personagem principal da história, perdeu a oportunidade de dormir na companhia de uma mulher que, em razão de seus atributos físicos, desperta desejos nos homens, fato que contribui para a fama de que ele tem medo de mulher.

Seguindo a mesma linha de raciocínio adotada nas análises anteriores, consideramos que as citadas DNAs, neste caso, avaliativas, também mantêm relação com a seção da narrativa em que ocorrem. As ocorrências de DNAs com função avaliativa são mais comuns

nas seções de complicação e resolução, por essas seções concentrarem as orações narrativas de maior importância para a construção da história. Ou seja, a avaliação é produtiva em seções que abrigam o maior número de informações relativas à trama da história e, conseqüentemente, relevantes para sua compreensão.

Dessa feita, consideramos que o uso de DNAs avaliativas funciona como um procedimento linguístico-discursivo, bastante produtivo, de encaixar a seção de avaliação em outras seções da narrativa, mais especificamente na complicação e na resolução. Não encontramos no *corpus* o uso dessa estratégia de progressão referencial em outras seções da narrativa, fato que aponta para uma provável especificidade da ocorrência de DNA avaliativa nas referidas seções.

4.3 A (MULTI)FUNCIONALIDADE DAS DNAs E AS SEÇÕES DA NARRATIVA

É óbvio que tanto as DNAs promotoras de relevo positivo quanto as DNAs avaliativas concorrem para a composição do quadro referencial das narrativas, mas o que parece mover os narradores na escolha de determinadas expressões nominais é o propósito de pôr em relevo um ponto de vista e, assim, valorizar a história.

De modo geral, pode-se observar que certas DNAs possuem mais do que um mero sentido referencial ou informativo. Conforme já mencionamos, estas visam não apenas à representação de um estado de coisa, senão também a desenvolver um argumento e levar a audiência a apreender (ou construir) o *point* da narrativa.

Em consonância com Sá (1999)⁶, consideramos que as DNAs que permeiam as narrativas nem sempre têm por objetivo o mero fornecimento de uma informação necessária à

⁶ Sá (1999) investigou os meios de que se serve o narrador para inserir descrições na história que está contando, e o papel que os segmentos descritivos desempenham na economia interna da narrativa.

boa compreensão dos acontecimentos que estão sendo narrados; no mais das vezes, as DNAs servem, também, para veicular um comentário avaliativo.

Consideramos que essas descrições são, portanto, multifuncionais e que a identificação de sua função se dá em termos de proeminência funcional, por se considerar que as mensagens verbais dificilmente preenchem uma única função, embora haja para cada mensagem uma ordem hierárquica de funções que lhe determina a estrutura verbal (TOSCANO, 1999, p. 117).

Com base na análise feita neste capítulo, observamos que a funcionalidade das DNAs mantém uma estreita relação com as seções que compõem a estrutura da narrativa. De igual modo, consideramos que a multifuncionalidade característica das DNAs também pode ser motivada pela seção da narrativa. Seções que acumulam muitas informações, como é o caso da complicação e da resolução, permitem que uma DNA possa assumir diferentes funções, sendo estas funcionalmente hierarquizadas em relação aos propósitos interlocutivos do narrador. Assim, por exemplo, podemos afirmar que no nosso *corpus* há DNAs que acumulam funções de construção textual-discursiva. A título de exemplo, em [4], a DNA “o desgraçado” acumula duas funções: a primeira, de relevo de ações, conforme apontamos na análise; e a segunda, de avaliação, uma vez que, ao enunciar essa DNA, o narrador acaba imprimindo um olhar crítico sobre a ação do personagem que recebe essa predicação, corroborando, portanto, a multifuncionalidade desses elementos.

Por fim, ainda de acordo com Sá (1999), admitimos que ao usar as DNAs, sejam estas de relevo de informações ou avaliativas, o narrador fornece à audiência elementos que lhe possibilitem não só entender e apreciar a história, mas também, e, principalmente, interpretar o que ela expressa ou pretende expressar, segundo a análise feita dos acontecimentos pelo contador da história.

5 GRAUS DE ARGUMENTATIVIDADE DAS DNAs

O narrador da tradição oral é um homem enraizado no seio do povo, donde tira sua sabedoria e os muitos conselhos que sabe dar para cada situação. As narrativas orais apresentam comumente uma dimensão utilitária, e o narrador, dotado mais de um senso prático em relação à vida do que de uma “filosofia abstrata”, procura em seu vasto repertório de experiências o conselho apropriado.

José Victor Neto

Com base nas análises feitas até agora, pudemos observar que as DNAs, quer ponham em relevo informações, quer avaliem ações ou predicções de personagens, orientam a audiência quanto à construção do *point* da narrativa, ou seja, toda DNA, de algum modo, orienta os envolvidos nesse processo interacional a fazer sentido do que está sendo narrado, conferindo, dessa forma, coerência ao discurso narrativo.

Nossa análise também permitiu distinguir as DNAs por seu grau de argumentatividade, corroborando, portanto, as observações de Koch (1996) acerca do uso argumentativo da linguagem:

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. (KOCH, 1996, p. 29)

Oliveira Neto (1999), em consonância com Koch, diz que a argumentatividade constitui uma atividade estruturadora de qualquer discurso, uma vez que a progressão deste se dá por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico de coesão e de

coerência textuais. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – o enunciador tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que este compartilhe de suas opiniões. Segundo o autor, é por isso que se afirma que em todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo.

Desse modo, considera-se discurso argumentativo, aquele em que o produtor fundamenta ou defende seus pontos de vista, suas opiniões, seja quanto a assuntos particulares, seja quanto a assuntos gerais.

Koch (1996) salienta que toda língua possui mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados. Tais mecanismos podem ser denominados, segundo a autora, como marcas linguísticas de enunciação ou de argumentação.

Ancorados nesses pressupostos, observamos que há determinadas DNAs que imprimem aos enunciados dos quais são constituintes uma orientação com um grau de argumentatividade mais elevado, obviamente, em oposição a outras que atribuem aos enunciados um menor grau de orientação argumentativa. Daí concluirmos que existe variação no grau de orientação argumentativa das DNAs: algumas são mais argumentativas e outras, menos argumentativas. Atestamos também que essa variação, menor ou maior grau de orientação argumentativa das DNAs, está relacionada às partes da narrativa em que essas descrições se encontram.

Consideramos, portanto, que as DNAs que permeiam nosso *corpus* funcionam como marcas linguísticas de argumentação. Não obstante, essa relação se dá em termos de proeminência funcional, tendo em vista o que já afirmamos anteriormente, isto é, o narrador ora enuncia determinadas DNAs que apresentam um teor de argumentação mais significativo, ora enuncia DNAs que imprimem um menor grau de orientação argumentativa.

Cabe ressaltar que para estabelecer essa categorização de DNAs mais, ou menos, dotadas de orientação argumentativa, elegemos alguns aspectos linguístico-discursivos que

pudessem fundamentar nossa análise, quais sejam: a) a categoria gramatical das palavras que compõem a DNA; b) os traços semânticos dessas categorias; c) a fonte enunciativa da DNA; d) a seção da narrativa em que a DNA está inserida. Vale esclarecer que esses aspectos não são excludentes. Partimos, pois, do pressuposto de que eles interagem entre si, obviamente em consonância com o processo dinâmico que constitui a “contação” de histórias. Explicitaremos essa análise nas subseções que seguem.

Por questões metodológicas, dividimos a análise do grau de argumentatividade das DNAs em duas partes. Primeiramente, iremos discorrer acerca daquelas que apresentam um grau elevado de argumentação, em seguida, discutiremos as que apresentam um baixo grau de argumentação.

5.1 DNAs COM ALTO GRAU DE ARGUMENTATIVIDADE

Com base nas considerações anteriormente feitas, observamos que há DNAs que apresentam um grau de orientação argumentativa superior em relação a outras. O excerto seguinte apresenta-nos um bom exemplo desse tipo de ocorrência de DNA:

[9]
 aí ele falou “tu fuma cara?” ele falou “fumo...” falou “me arranja um cigarro aí...” aí ele... pegou foi... pegou o cigarro deu pra ele... aí aí ele botou na boca e falou “agora acende pra mim...” aí ele levou a cara bem pertinho da dele né... [risos] ele pegou o isqueiro e riscou... quando ele riscou era uma caVEIra olha... o cara “AH:” [grito de susto] bem na água pulou na água e a caveira pulou atrás e saiu... até chegar na beira... aí o cara saiu pegou o mato... correu... aí “PUTA QUE PARIU... a *desgraçada*... [risos] era uma visagem que tava comigo na canoa...” aí tá bom... aí o cara chegou na casa dele todo espantado né... aí contou a história... aí o pai dele falou “rapá... eu não te falei... mas rapaz aconteceu?” “foi verdade...” “rapaz... agora tu vai parar...” “não... mas só por isso eu não vou parar não...” “rapaz para com isso rapaz...” aí tá bom...

Narrativa (9)

A narrativa (9) conta a história de um rapaz muito namorador que se apaixonou por uma moça que vivia num povoado do interior muito distante de sua casa. Todas as noites, o rapaz enamorado ia para a casa dessa moça, percorrendo um longo trajeto que incluía uma viagem

de canoa e uma intensa caminhada por trilhas dentro da floresta. Embora tivesse sido advertido diversas vezes, pela própria namorada e pelos pais, sobre os perigos de supostas “visagens” que assombram aqueles que insistem em enfrentar a floresta tão tarde da noite, ele não os ouvia, alegando que não acreditava nesse tipo de fenômeno sobrenatural.

O excerto [9] corresponde à seção de complicação da narrativa. Nela, o narrador conta o momento em que o personagem tem seu primeiro contato com uma “visagem”. Caminhando pela floresta de volta para casa, o rapaz percebe que está sendo seguido por um homem que, em pouco tempo, acompanha-o e, após alguns minutos de conversa, pede-lhe carona em sua canoa. O rapaz atende ao pedido e segue pelo rio na companhia desse misterioso homem cuja face não conseguia ver por conta da escuridão da noite. Em determinado momento, o carona pede um cigarro ao rapaz e, quando este o acende para o carona, ele é surpreendido pela imagem aterrorizante de uma visagem.

Embora ocorram outras DNAs no trecho, focalizaremos “a desgraçada” que remete ao objeto-de-discurso “caveira”. Observe-se que essa DNA, inserida no discurso do personagem, é carregada de emoção, refletindo a indignação do rapaz com o fato de ele ter sido ludibriado de forma tão inesperada por uma visagem. Essa forte emoção contida na DNA é corroborada pela enunciação de um palavrão com entoação enfática, a saber, “PUTA QUE PARIU”. Portanto, atribuímos a essa DNA um alto grau de orientação argumentativa, uma vez que ela pretende conduzir a audiência a compartilhar do mesmo sentimento de raiva que o personagem tem da “visagem” em consequência da atitude desta.

De acordo com Borba (1996), quando produzimos um enunciado linguístico para expressarmos uma visão de mundo (conjunto de crenças, avaliações, opiniões, seleção e registro do que ocorre no mundo objetivo), fazemos isso através do uso do léxico, ou seja, por meio de um conjunto de palavras usadas numa língua. Desse modo, as escolhas lexicais dos narradores no momento da enunciação das DNAs refletem, de certo modo, sua visão de

mundo e, ao mesmo tempo, orientam sua audiência quanto à avaliação dos elementos aos quais essas DNAs remetem.

Para justificar o alto grau argumentativo da DNA “a desgraçada”, consideramos, conforme afirmado anteriormente, algumas variáveis. Para a variável categoria gramatical, baseamo-nos, entre outros autores, em Câmara Jr. (1999). Este classifica os vocábulos formais, também chamados partes do discurso, de acordo com os seguintes critérios:

1º) o *semântico*, referente à significação das palavras do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua;

2º) o *formal* ou *mórfico* baseia-se nas propriedades da forma gramatical que os vocábulos podem apresentar;

3º) o *sintático* ou *funcional* diz respeito à função ou papel que a palavra desempenha em uma determinada oração.

Assim, de acordo com o critério mórfico, o termo “desgraçada” é um adjetivo, pois, conforme esse critério, o adjetivo é definido como uma palavra que apresenta as categorias de gênero e de número, com as flexões correspondentes. No entanto, o aspecto que mais denota essa classificação é o sufixo “-ada⁷”, sufixo nominal responsável pela formação de adjetivos e substantivos derivados de outras categorias.

Basílio (1995), em relação ao critério semântico, define o adjetivo como palavra que especifica o substantivo, promovendo a expressão de um teor praticamente ilimitado de especificações com o uso de elementos fixos, mas uma função dependente do substantivo por sua própria natureza e razão de ser.

Borba (1996), ao conceituar adjetivo, utiliza os seguintes critérios:

1º) a adjetivação implica um processo mental de diferenciação, discriminação e seleção;

⁷ Bechara (2004) afirma que o sufixo “-ada” está no grupo dos sufixos que formam “nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento e lugar” (BECHARA, 2004, p. 358)

2º) todo adjetivo é palavra de natureza abstrata;

3º) é próprio do adjetivo não incidir sobre si mesmo, mas sobre um suporte a que ele não leva a precisão concreta, ou seja, todo adjetivo comporta uma incidência sobre outra coisa que não ele mesmo.

Em consonância com os referidos autores, Souza e Rosalino (2009)⁸ argumentam que é papel do falante no momento da construção do discurso a escolha dos lexemas a serem usados, podendo, portanto, fazer uso de palavras portadoras de conteúdo objetivo ou subjetivo, dando a elas, de acordo com o contexto e a situação, um valor objetivo ou subjetivo. Os autores fazem a ressalva de que mesmo sabendo que todas as palavras se prestam a esse papel, o adjetivo nesse contexto ocupa uma posição relevante.

Para fundamentar essa constatação, os autores basearam-se em critérios semânticos estabelecidos por Borba (1996), o qual divide os adjetivos em *qualificadores* (QL) e *classificadores* (CL), e ainda denomina os adjetivos em *objetivos* e *subjetivos*. De acordo com autor, as relações que os adjetivos QL mantêm com o nome são internas pelo fato de apresentarem características essenciais ou acidentais à natureza do nome, como se constituíssem um traço dele. Já as relações que os CL estabelecem com o nome são externas, pois apenas colocam o nome numa determinada classe. Por isso, o autor considera qualificadores (QL) como descritivos e classificadores (CL) como definitórios.

Tendo como base a classificação dos adjetivos em *objetivos* e *subjetivos*, podemos dizer que os adjetivos QL são portadores de um conteúdo subjetivo e precisam de maior explicitação, pois esses adjetivos atribuem ao nome uma qualificação que está ligada ao julgamento pessoal do enunciador. Já os adjetivos CL possuem um conteúdo semântico fechado em si mesmo sendo classificados como objetivos, pois representam nosso modo de

⁸ Souza e Rosalino (2009) desenvolveram um trabalho que propõe um estudo especial dos adjetivos, buscando analisar em uma perspectiva semântica o comportamento dessa categoria gramatical na língua portuguesa falada, fazendo observações de como acontece a representação de tais adjetivos durante a fala, e quais as intenções dos falantes, quanto às escolhas lexicais por eles realizadas.

classificar entidades no mundo. Como se percebe, somente os qualificadores expressam opinião pessoal.

Desse modo, baseando-nos nesses pressupostos, atribuímos a classificação de adjetivo QL ao lexema “desgraçada”, núcleo da DNA sob análise, uma vez que a recategorização do objeto-de-discurso “caveira”, operada pelo referido adjetivo, é fruto de uma relação interna entre esses dois elementos, o que, por sua vez, decorre da situação delicada narrada: o homem vê-se enganado pela visagem, fato que o deixa com um sentimento de indignação. Essa constatação serve para corroborar que a DNA “a desgraçada” imprime um peso subjetivo ao enunciado em que está inserida, constituindo-se, portanto, como uma DNA de alto grau de argumentação.

Outra variável a se considerar para a categorização da supracitada DNA como de alto grau de argumentação é a fonte enunciativa. A análise apontou que esse tipo DNA ocorre com mais produtividade no discurso citado, ou seja, na fala de personagens. Acerca dessa questão, Fiorin e Savioli (2006) destacam, em seu trabalho, a questão da funcionalidade dos modos de reproduzir ou citar o discurso alheio. Para eles, “cada tipo de citação assume um papel distinto no interior do texto, e a escolha de um ou de outro, processada pelo narrador, pode revelar suas intenções e sua própria visão de mundo” (FIORIN; SAVIOLI, 2006, p. 184). Os autores discorrem sobre a intencionalidade de quem enuncia, expressa pela escolha do discurso direto ou indireto.

Optando pelo discurso direto, segundo os autores acima, quem enuncia cria um efeito de verdade, passando a impressão de que manteve a integridade do discurso citado e a autenticidade do que reproduziu. De modo curioso, tem-se a ideia de fidedignidade.

Dessa feita, verificamos que, ao colocar na boca de um personagem a DNA “a desgraçada”, o narrador atribuiu ao enunciado um maior grau de dramaticidade e promove, de forma eficaz, o envolvimento da audiência com o que está sendo narrado. Com essa

estratégia, o narrador conduz a audiência a compartilhar do mesmo sentimento do personagem.

Não obstante, a variável que consideramos de maior peso é a seção da narrativa. Para tanto, partimos do fato de que a complicação, seção em que está sendo usada a DNA “a desgraçada”, é uma das seções da narrativa que concentra o maior número de informações relevantes para a construção da dramaticidade da narrativa. Esse fato viabiliza, por exemplo, a ocorrência de enunciados carregados de emoção, em que é comum a ocorrência de DNAs mais argumentativas. Além disso, trata-se da seção em que é mais comum o uso do discurso direto, ou seja, a citação da fala de personagens, fato pouco recorrente em outras seções, como o resumo e a orientação. Dessa feita, afirmamos que há uma relação direta entre a ocorrência de DNAs com alto grau de orientação argumentativa e a seção de complicação da narrativa.

A fim de ratificar a discussão feita até aqui, recorreremos a exemplos já analisados anteriormente. Retomemos o excerto [4]. Nele, ocorre a DNA “o desgraçado”, coincidentemente a mesma forma lexical do exemplo anterior, porém no gênero masculino. Observe-se que as variáveis citadas anteriormente também recorrem na análise dessa DNA, uma vez que ela está inserida na *fala de um personagem da história*, o rei. O adjetivo “desgraçado” possui *uma carga semântica muito subjetiva*, referindo o ponto de vista do próprio narrador subjacente ao discurso do personagem. Por meio dessa estratégia de referência, o narrador não apenas informa o ouvinte sobre o ocorrido, mas, em virtude da seção que está desenvolvendo, *a complicação*, cria uma atmosfera de tensão e promove o envolvimento da audiência, uma vez que a expressão “o desgraçado”, de modo curioso, “pinta” um personagem vil, capaz de atos atrozos do ponto de vista de quem enuncia. Além disso, gera expectativas acerca da reação do rei que teve a esposa assassinada e servida como comida, fornecendo uma forte orientação argumentativa, no sentido de conduzir a audiência a também enxergar o personagem Joãozinho, o ladrão, a quem a DNA “o desgraçado” remete,

como um homem de comportamento bárbaro, além, é claro, de fazê-la compartilhar do mesmo sentimento de indignação do rei.

Constatamos, também, que há outra seção da narrativa que, por suas particularidades, motiva o uso de DNAs mais argumentativas. Trata-se da seção de resolução. Vale ressaltar que nessa seção concentram-se informações que sinalizam para a audiência o desfecho da narrativa, sendo, portanto, conjuntamente com a seção de complicação, uma seção carregada de dramaticidade. Analisemos o seguinte excerto:

[10]

aí ele pegou foi né... fez que saiu e se escondeu... mas seis horas assim quando ele olhou lá no paneiro o paneiro começou a se mexer lá... quando viu *a bichona* pulou... aí que ele foi acreditar né que era as mão... tá bom... ele escutou tudo não falou nada... quando foi de manhã ele levantou foi fez um fogo grandão... aí pegou as mão e jogou tudinho dentro do fogo... queimou tudinho... aí foi que ele voltou a ficar bom de novo e acabou as mulher que trabalhava pra ele... aí eu conheci uma delas... ainda vi ela trabalhando... [risos]

Narrativa (10)

A narrativa (10) conta a história de um homem que se separou da família e passou a se dedicar inteiramente à caça. Seus amigos o aconselhavam a arranjar outra mulher, pois ele vivia sozinho e não havia ninguém que cuidasse de suas coisas. No entanto, ele se recusava a querer outra mulher, alegando que mulher dava muita despesa.

Esse personagem tinha uma característica muito singular: era especialista em caçar guaribas. O caçador tinha um estranho hábito de matar as guaribas, cortar as mãos desses animais e guardá-las dentro de um paneiro, colecionando-as como se fossem troféus. Esse fato despertou a atenção de seu vizinho que o criticava, afirmando que esse hábito poderia lhe atrair males, mas o caçador não dava importância às observações do vizinho.

Passados alguns dias, o caçador de guaribas chegou da caça e encontrou sua casa completamente arrumada, todas as tarefas domésticas realizadas. Ele achou tudo aquilo estranho, mas gostou; pensava que algum vizinho lhe havia feito o favor de arrumar a casa. Seu vizinho, após ouvi-lo sobre o ocorrido, ficou curioso e resolveu descobrir o que estava

acontecendo. Certo dia, depois que o caçador foi para a floresta, seu vizinho ficou à espreita e descobriu que quem realizava todas as tarefas domésticas eram as mãos das guaribas que, como encantamento, transformavam-se em lindas mulheres. O vizinho ficou mais apavorado depois que ouviu umas delas dizendo que elas pretendiam dar uma lição no caçador. O excerto [10] corresponde, especificamente, à seção de resolução e narra o momento em que o caçador descobre que as mulheres são, em verdade, as mãos das guaribas mortas por ele.

Observe-se que, no excerto sob análise, colocamos em evidência a DNA “a bichona” que remete a uma das mulheres que realizava as tarefas domésticas. Consideramos essa ocorrência com alto grau de argumentatividade. Para tanto, consideramos que o termo “bichona”, segundo o critério mórfico, é um substantivo uma vez que admite a derivação de grau, nesse caso específico, de aumentativo. No entanto, este apresenta uma característica muito peculiar, uma vez que não assume a função principal dos substantivos que é nomear algo. O supracitado substantivo, de modo particular, carrega os traços semânticos de um adjetivo porquanto é um nome qualificador. Para tal consideração, apoiamo-nos em Neves (2000) que afirma que “um substantivo pode deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um adjetivo. Ele pode atribuir o conjunto de propriedades que indica como se fosse uma única propriedade (...), isto é, atuar como qualificador ou como classificador” (NEVES, 2000, p. 175).

Dessa feita, não consideramos “bichona” um adjetivo QL, mas um nome QL. Este é assim classificado por veicular uma caracterização que é carregada de subjetividade, dependendo, pois, de uma maior interpretação por parte da audiência. Assim, por meio da DNA “a bichona”, o narrador conduz sua audiência a compartilhar da mesma imagem que ele faz daquela mulher, qual seja, uma imagem carregada de erotismo.

A análise do grau de argumentatividade das DNAs na seção de resolução apontou para uma variação com relação às variáveis que fundamentam nossa análise. Os dados nos

mostraram que as variáveis “categoria gramatical” e “traços semânticos” se mantêm em consonância com as análises anteriores que focalizavam as ocorrências de DNAs com alto grau de argumentatividade, na seção de complicação, no entanto, houve uma variação com relação à variável “fonte enunciativa”, conforme se evidencia a seguir.

Quando ocorrem na seção de resolução, as DNAs com maior grau de argumentatividade aparecem, majoritariamente, na fala do narrador, ao contrário das que ocorrem na seção de complicação que, como já afirmamos, estão inseridas no discurso do personagem. Esse fato, a nosso ver, não diminui o peso da orientação argumentativa das DNAs, embora reconheçamos que, quando ocorrem na fala do personagem, elas apresentam um grau de orientação mais elevado, tendo em vista o que já foi mencionado anteriormente sobre essa questão.

Inferimos, portanto, que essa variação com relação à fonte enunciativa se deva, efetivamente, ao fato de a resolução concentrar as orações narrativas que constituem o desfecho da história. Embora também carregada de dramaticidade, fato que colabora para a ocorrência do tipo de DNA em questão, não é comum essa seção concentrar o discurso de personagens; ao contrário, é predominante o discurso do narrador em 3ª pessoa, que narra as ações finais e os efeitos dessas ações.

Retomemos um exemplo de DNA analisado em outra seção que também apresenta as mesmas particularidades do que foi discutido em [10]. Trata-se da DNA “a velhinha coitada” referida no excerto [7], o qual também ocorre na seção de resolução da narrativa. Embora tenhamos um sintagma nominal constituindo essa DNA, a palavra que lhe atribuí uma maior orientação argumentativa é o adjetivo “coitada”, também caracterizado como um adjetivo QL, devido à forte subjetividade que lhe é imputada. O narrador, ao enunciar a referida DNA, expõe um olhar carregado de pena sobre o destino desse personagem e, com efeito, faz com que a audiência compartilhe desse mesmo olhar, ratificando o peso argumentativo da referida

DNA. Ressalte-se, também, que essa DNA ocorre no discurso do narrador, corroborando o que afirmamos anteriormente.

5.2 DNAs COM BAIXO GRAU DE ARGUMENTATIVIDADE

Ao contrário dos exemplos anteriores, os exemplos que seguem, nesta seção, mostram-nos que há ocorrências de DNAs que apresentam um grau mais baixo de argumentatividade, embora tenham, obviamente, função relevante para a construção da narrativa. Observemos o primeiro exemplo desse tipo de ocorrência:

[11]

Era uma vez... tinha um cidadão que ele gostava muito de caçar... **então certo dia ele... caçando... encontrou... um lugar onde... as caça iam comer né... a espera... tava muito bom de caça... então lá era assim um sítio velho... um sítio antigo... no ditado dos antigo chamava-se tapera... uma tapera né... uma tapera é onde o pessoal já morou né... há muito tempo e abandonou... aí fica... cria mato e tudo... aí o povo mais antigo chamava tapera né... mas realmente é o sítio... daqueles sítio antigo... abandonado...**

Narrativa (8)⁹

O excerto [11] concentra, em sua maioria, a seção de orientação. Nele, destacamos o uso da DNA “daqueles sítio antigo... abandonado” que remetem ao objeto-de-discurso “tapera”. Nossa análise conduziu-nos à inferência de que essa DNA é pouco dotada de um peso argumentativo, ou seja, é uma DNA com baixo grau de argumentatividade. Para determinar essa categorização, levamos em conta as mesmas variáveis citadas anteriormente.

Primeiramente, em “daqueles sítio antigo... abandonado”, os termos que concentram o sentido da DNA são “sítio”, “antigo” e “abandonado”. O primeiro pertence à categoria dos substantivos, funcionando como uma forma alternativa de nomear o lugar citado pelo narrador, ou seja, funciona, na narrativa, como um sinônimo de “tapera”. O adjetivo “antigo”, assim como “abandonado”, concentram as informações mais relevantes para a compreensão

⁹ O resumo da narrativa (8) já foi feito na seção 4.1.2, p. 59 – 60.

da intencionalidade discursiva do narrador, isto é, a de esclarecer para a audiência como era o lugar em que ocorrem os fatos narrados e, desse modo, construir o cenário espacial da narrativa.

Para fundamentar a constatação de que a DNA supramencionada tem um grau de orientação argumentativa mais baixo, levamos em conta que “antigo” e “abandonado” são adjetivos CL, ou seja, pertencem à classe dos adjetivos classificadores. Isto é, apresentam um conteúdo semântico fechado em si mesmos, uma vez que veiculam informações e/ou caracterizações que apresentam baixo grau subjetividade. São, portanto, adjetivos que não expressam diretamente opinião pessoal, elemento essencial, em nosso estudo, para determinação do grau de argumentatividade de uma DNA.

Com relação à variável “fonte enunciativa”, verifica-se que as referidas DNAs ocorrem no discurso do narrador e, por isso, apresentam menor probabilidade de veicularem uma informação mais carregada de subjetividade, emoção e drama, que são elementos mais comuns no discurso de personagens. Associada a isso está a variável “seção da narrativa”. Ora, as DNAs citadas estão inseridas na seção de orientação, momento em que o narrador está construindo o cenário socioespacial da narrativa, ambiente pouco propício para a inserção de discurso de personagem.

Dessa feita, constata-se que a ocorrência de DNAs com baixo grau de argumentatividade é mais comum em seções que concentram as informações que servirão de base para a construção do quadro contextual da narrativa, como é o caso da orientação.

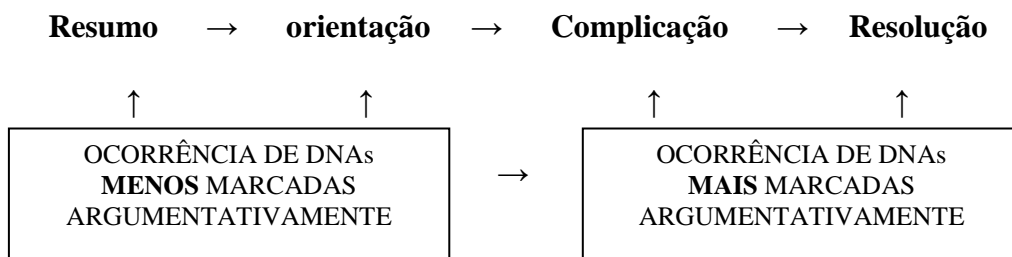
Com a intenção de ratificar essas observações, retomemos as DNAs usadas em [1] e [2]. No primeiro, temos a descrição “o doutor da lei” e, no segundo, temos as descrições “um casal” e “um casarão velho antigo”. Observe-se que nos três casos temos DNAs representadas, prioritariamente, por substantivos e adjetivos CL. Todas estão inseridas no discurso do narrador e ocorrem na seção de orientação de suas respectivas narrativas. Em

todas essas ocorrências, não se percebe uma intenção do narrador em defender um ponto de vista e, tampouco, em partilhar opiniões. As escolhas lexicais do narrador são imbuídas de objetividade, ou seja, essas DNAs estão muito mais a serviço da construção do quadro contextual da narrativa do que em prol de uma orientação predominantemente argumentativa.

5.3 OS GRAUS DE ARGUMENTATIVIDADE DAS DNAs E AS SEÇÕES DA NARRATIVA

Com base em nossa análise, inferimos que o narrador parece construir uma espécie de gradação ao longo da narrativa, quando da escolha dos lexemas que vão constituir as DNAs que enuncia.

Observe-se o esquema abaixo:



De acordo com o que sugere o esquema, o narrador elabora as DNAs conforme a seção da narrativa que está construindo. Nas primeiras seções, resumo e orientação, que constituem o quadro contextual da narrativa, o narrador enuncia DNAs representadas por substantivos em alguns casos e, na maioria, por adjetivos CL, que são os considerados de conteúdo mais objetivo. Além disso, essas DNAs ocorrem, exclusivamente, no discurso do narrador. Todas essas variáveis são responsáveis, portanto, pela ocorrência de DNAs menos argumentativas.

Por outro lado, nas seções de complicação e resolução, que concentram as ações da narrativa e, portanto, veiculam as informações mais dramáticas da trama narrada, o narrador se vale de DNAs representadas por adjetivos e/ou substantivos qualificadores. Estes são assim considerados por apresentarem um conteúdo semântico carregado de forte subjetividade, expressando opiniões e visões do mundo do enunciador. Quanto à fonte enunciativa, há uma variação: na complicação ocorrem, sempre, no discurso do personagem, porém, na resolução, ocorrem no discurso do narrador. Nos dois casos as DNAs são imbuídas de forte subjetividade, no entanto, conforme mencionamos, consideramos que a dramaticidade dos fatos se intensifica nas falas dos personagens. Tais particularidades fazem com que se considere essas DNAs que ocorrem na complicação e resolução como verdadeiros mecanismos de orientação argumentativa.

Ressalve-se que a análise dos dados nos mostrou que é possível encontrar DNAs menos argumentativas em outras seções da narrativa, além do resumo e orientação, embora esta última seção seja o ambiente mais propício ao uso desse tipo de DNA. No entanto, a ocorrência de DNAs com alto grau de orientação argumentativa só foi identificada nas seções de complicação e resolução. Essa constatação demonstra que há uma relativa especificidade no uso das DNAs em relação às partes da estrutura narrativa, no que concerne ao grau de argumentatividade das DNAs.

OBSERVAÇÕES FINAIS

A fala então muda do aqui e agora da conversação para o universo da narrativa: um outro tempo, frequentemente um outro lugar, habitado por outros participantes.

Polanyi

As observações finais deste estudo devem ser consideradas como uma retomada das reflexões expostas anteriormente e como a explicitação de algumas conclusões suscitadas ao longo de nossa pesquisa.

As narrativas orais constituem-se num valioso objeto de estudo para pesquisas relacionadas à produção discursiva dos sujeitos. Provavelmente, isso se deve ao fato de que sua produção é de natureza potencialmente sociointerativa, peculiaridade que permite observar os diferentes procedimentos linguístico-discursivos dos quais se valem os enunciadores para construir sentidos. Ademais, as narrativas orais, geralmente, refletem a cultura de um povo. No nosso caso, muitas dessas histórias visam dar destaque ao cenário paraense-amazônico, com suas matas, igarapés e personagens fantásticos, funcionando como um produtivo meio de preservação da memória e da identidade cultural do povo paraense.

No processo de produção das narrativas orais, despertou nossa atenção o uso das DNAs como estratégia de referenciação. Isso se deu, primeiramente, por conta de sua recorrência e, em seguida, por seu potencial enquanto estratégia de progressão referencial nas narrativas orais dos vigilantes noturnos de Castanhal. Interessou-nos, ademais, o modo como essas formas nominais atuam na construção de enunciados imbuídos de uma relativa orientação argumentativa, reflexo dos propósitos comunicativos dos narradores-enunciadores.

Com o intuito de analisar, minuciosamente, as diversas relações envolvidas nesse processo referencial, assim como as funções que as DNAs assumem na construção dos

sentidos nas narrativas, demos início a essa pesquisa. Para tal empreendimento, organizamos um percurso de estudo e, como primeiro passo, discorremos acerca do nosso *corpus*, constituído por narrativas orais contadas por vigilantes noturnos que atuam no centro da cidade de Castanhal (PA). Fizemos, inicialmente, um histórico desses dados, fornecendo informações sobre o grupo de narradores e sobre as condições de documentação dessas narrativas, tendo em vista a importância que o fator sócio-histórico tem para a análise de um evento interativo como é o fenômeno de geração de narrativas orais. Tratamos ainda do processo de transcrição, bem como dos símbolos empregados, visando a uma melhor compreensão dos registros orais documentados.

Seguindo o percurso de pesquisa, demos início à revisão da literatura relevante para a fundamentação de nosso estudo. Voltamo-nos, inicialmente, para o estudo da narrativa oral, a fim de analisar os principais postulados acerca dessa modalidade textual.

A partir dos pressupostos de autores como Labov (1976, *apud* CUNHA, 2005), Cunha (2005) e Hanke (2003), concluímos, nesta pesquisa, que a narrativa oral é uma atividade de linguagem, produto da interação entre os sujeitos da cena enunciativa, sendo, portanto, interativamente construída. É uma forma básica de evento de fala, presente em toda a vida do homem, seja em situações mais informais do cotidiano, seja em situações mais formais, institucionalizadas. Embora nossos dados tenham permitido analisar apenas o discurso do narrador, consideramos, também, que a narrativa oral se trata de uma ação de co-produção discursiva, uma vez que as reações da audiência influenciam o percurso discursivo do narrador.

Ainda em se tratando de narrativa oral, foi de primordial importância para a consecução deste estudo a teoria da estrutura da narrativa postulada por Labov (1972). Segundo o autor, as narrativas são organizadas em partes com características e funções distintas. Uma narrativa completa pode apresentar a seguinte configuração, conforme foi observado no item 2.2: (a)

Resumo; (b) Orientação; (c) Complicação (da ação); (d) Avaliação; (e) Resultado ou Resolução; (f) Coda. Esses postulados de Labov acerca da estrutura da narrativa nos serviram como uma relevante orientação no momento de estabelecer as funções que as DNAs, nosso objeto de pesquisa, exercem ao longo das histórias. Nosso objetivo principal, aliás, era ratificar a hipótese de que há uma correlação entre essas DNAs e as seções que constituem a estrutura das narrativas orais.

Para concluir o percurso teórico desse estudo, fizemos uma revisão dos principais estudos acerca do fenômeno da referenciação. Recorremos, de modo particular, aos estudos de Marcuschi (2002; 2005; 2007), Koch (1996; 2001; 2004; 2005; 2006; 2008) e Mondada e Dubois (2003). A partir dos postulados desses autores, adotamos para este trabalho a ideia de que a referenciação constitui uma atividade sociocognitiva, por meio da qual o sujeito faz suas escolhas de modo a realizar seu projeto-de-dizer.

Dentro dessa discussão acerca da referenciação, dedicamos um espaço para tratar da anáfora, visto que nossa análise se volta para o uso de DNAs nas narrativas orais. Adotamos, de modo particular, a noção de anáfora proposta por Lima (2004). A autora propõe que as anáforas servem tanto à continuidade e manutenção referenciais quanto à construção dos sentidos no texto. Discorremos acerca de algumas estratégias de referenciação por meio de formas nominais anafóricas, quais sejam, anáforas encapsuladoras, rotuladores metadicursivos e descrições nominais. No entanto, detivemo-nos nestas últimas, tendo em vista sua maior produtividade na construção das narrativas orais que analisamos.

Ancorados nessa abordagem sobre a prática de linguagem, partimos para a análise dos dados.

Considerando os objetivos a que este trabalho se propôs, verifica-se, por meio das considerações feitas até aqui, que, no geral, eles foram atingidos. Com relação, especificamente, ao objetivo geral, qual seja, o de analisar a correlação entre DNAs e a

estrutura das narrativas orais, podemos afirmar que: a) as DNAs assumem funções que são próprias da modalidade narrativa oral; b) tais funções estão estreitamente relacionadas com a seção da narrativa em que essas formas estão inseridas; c) o grau de orientação argumentativa das DNAs mantém relação com as seções que compõem a estrutura da narrativa. Retomemos, sucintamente, como isso ficou evidenciado.

Identificamos, primeiramente, ocorrências de DNAs que exerciam a função proeminente de atribuir relevo a determinadas informações que o narrador considerava importantes para a construção da narrativa. Para tanto, recorreremos à noção de relevo proposta por Travaglia (1999). Dessa feita, concluímos que as DNAs com função de relevo positivo podem evidenciar elementos do cenário socioespacial da narrativa e ações dos personagens.

Quando dão proeminência a elementos do cenário socioespacial da narrativa, essas DNAs ocorrem na seção de orientação da narrativa, uma vez que as DNAs em questão geralmente visam destacar informações acerca de personagens, cenários e fatos que contribuem para a contextualização da história, colaborando diretamente para a construção da referida seção. Assim, infere-se que as DNAs que atuam na construção da seção de orientação assumem a função de dar proeminência a informações consideradas essenciais para a contextualização dos fatos narrados e, portanto, garantem a progressão referencial da narrativa.

As DNAs que atuam em prol do relevo de ações dos personagens ocorrem em duas seções da narrativa, quais sejam, a complicação e a resolução. Isso se explica fundamentalmente porque essas instâncias da narrativa concentram de modo muito peculiar as principais ações narradas na história. Desse modo, compreende-se que o narrador faz determinadas escolhas lexicais que pretendem primordialmente chamar a atenção de sua audiência para as ações que importam na compreensão da narrativa. De modo particular, quando essas DNAs com função de relevo de ações ocorrem nas referidas seções, acabam

refletindo de modo produtivo os propósitos interlocutivos do narrador. Este visa promover a construção dessas seções, bem como criar expectativas na audiência quanto ao andamento e ao desfecho da história.

De modo geral, sugerimos que as DNAs com função de relevo visam assegurar o funcionamento da dimensão referencial da narrativa.

Nossa análise também nos conduziu à conclusão de que há DNAs que, além de garantir a progressão referencial da narrativa, assumem uma função preponderantemente avaliativa, ou seja, há determinadas DNAs que expressam uma avaliação acerca do que está sendo narrado. A escolha lexical feita pelo narrador, obviamente, é determinante para estabelecimento desse momento de avaliação. Quando as DNAs são usadas com essa função, infere-se que o principal propósito do narrador é evidenciar seu olhar avaliativo acerca dos objetos-de-dicurso previamente introduzidos e, dessa feita, valorizar a história e pôr em relevo um ponto de vista.

As DNAs com função de avaliação ocorrem predominantemente nas seções de complicação e resolução exatamente por conta do que já mencionamos anteriormente, isto é, a avaliação é produtiva em seções que abrigam o maior número de informações, principalmente aquelas que dizem algo a respeito dos personagens. Por essa razão, fizemos uma subclassificação desse tipo de DNA: DNAs de avaliação de ações e DNAs de avaliação de predicções de personagem. Nos dois casos, põe-se em evidência o olhar avaliativo do narrador sobre os personagens. No primeiro caso, a avaliação veiculada é fruto do peso das ações que o personagem pratica, enquanto, no segundo caso, a avaliação se volta para características subjetivas, ou até peculiares, atribuídas aos personagens.

As DNAs avaliativas funcionam como uma produtiva estratégia linguístico-discursiva de permear a seção de avaliação ao longo da narrativa, encaixando-a em outras seções.

Por fim, nossas análises nos conduziram à percepção de que, embora toda DNA nas narrativas orais forneça algum tipo de orientação quanto à construção de sentido, há algumas

que apresentam um grau de argumentatividade mais elevado. Para fundamentar essa constatação, recorreremos aos estudos de Koch (1996). Segundo a autora, quando nos encontramos inseridos numa interação linguística procuramos sempre dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa, e isso se dá por meio de certos mecanismos que ela denomina marcas “linguísticas da enunciação ou da argumentação”.

No caso das narrativas orais, essa força argumentativa pode vir inscrita nas DNAs, uma vez que elas conduzem a audiência segundo as determinações do projeto de dizer do narrador. No entanto, essa condição se estabelece em termos de graus de argumentatividade, ou seja, há DNAs que são mais argumentativas e outras, que são menos argumentativas.

Concluimos que esse grau de orientação argumentativa tem relação com as escolhas lexicais do narrador, com a fonte enunciativa das DNAs, bem como com a seção em que ocorrem. As DNAs enunciadas na seção de orientação têm como núcleo substantivos ou adjetivos CL com traços semânticos mais objetivos ou denotativos, apresentando, portanto, um menor grau de argumentatividade. Além disso, ocorrem, prioritariamente, no discurso do narrador.

As DNAs que ocorrem nas seções de complicação e resolução são formadas por substantivos e/ou adjetivos QL, carregados de forte conotação subjetiva, fruto do ponto de vista do narrador, fazendo com que estas veiculem uma orientação argumentativa de grau mais elevado. Quanto à fonte enunciativa, verificou-se que na seção de complicação essas DNAs ocorrem, de modo mais produtivo, no discurso do personagem, reforçando o peso de orientação argumentativa dessas formas, uma vez que as DNAs inseridas no discurso do personagem são dotadas de uma dramaticidade própria desse tipo de discurso. Já na resolução, essas DNAs mais argumentativas ocorrem, prioritariamente, no discurso do narrador, tendo em vista que se trata da seção que encerra a trama da narrativa, prevalecendo, portanto, a narração em 3ª pessoa.

Essas considerações contemplam nossa hipótese de que há uma relativa especificidade quanto ao uso de DNAs em relação à estrutura da narrativa, a saber: na seção de orientação, predominam as ocorrências de DNAs com baixo grau de argumentatividade, enquanto nas seções de complicação e resolução, é predominante o uso de DNAs com alto grau de argumentatividade.

É importante ressaltar que não foi identificada a ocorrência de DNA na seção da coda. E acreditamos que isso se deva à seguinte característica da coda: é uma seção da narrativa que apenas sinaliza o fechamento da história e a conseqüente mudança de enquadre interativo, ou seja, o narrador sai do enquadre da narrativa e instaura o da conversa casual.

Embora tenhamos analisado o uso de DNAs na seção de resumo, pareceu-nos pouco produtiva sua recorrência. Provavelmente, isso é decorrente do fato de o resumo ser a seção que concentra apenas um sumário da história narrada. Em verdade, essa seção é o ambiente propício para a ativação de objetos-de-discurso, tendo em vista que é nesse momento que se inicia a “contação” da história, sendo, portanto, pouco provável que o narrador recorra à estratégia de reativação de objetos-de-discurso por meio de DNAs.

Consideramos que este estudo foi muito produtivo, principalmente no que diz respeito às pesquisas sobre referenciação. Uma das razões para tal afirmação é a de que, embora a “contação” de narrativas orais seja uma prática linguístico-social muito presente no Pará, há ainda poucos estudos sobre essa modalidade textual na área da Linguística de Texto. Outro aspecto interessante que vale comentar é a interseção estabelecida, nesse estudo, entre referenciação e estrutura da narrativa, realizada por nós com o intuito de explicar o uso das DNAs pelos narradores/enunciadores.

Temos plena convicção de que ainda existe muito a ser investigado quanto ao uso de DNAs nas narrativas orais. Provavelmente, com a ampliação do *corpus*, possamos identificar mais exemplos de DNA que consolidem as conclusões suscitadas nesta pesquisa. Assim,

admitimos que, dada a exiguidade do tempo, faltou-nos discutir com mais profundidade os graus de argumentatividade das DNAs, bem como dedicar um espaço desta pesquisa para analisar a relação entre esses graus de argumentatividade e as funções das DNAs nas narrativas orais. Ademais, parece-nos relevante, também, aprofundar a análise das ocorrências de DNAs nas narrativas quanto à fonte enunciativa.

Indubitavelmente, é nossa intenção dar prosseguimento a este estudo, por ocasião do curso de doutorado, momento que poderá ser dedicado à ampliação dos horizontes desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- APOTHELOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BARROS, J. S. *Referência(ção) e discurso*. Disponível em: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/referenciacaoediscurso>. Acesso em: 15 ago. 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- BUSSE, S. Estratégias textuais-discursivas em narrativas orais do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO. *Anais do II Simpósio de Pesquisas em Letras da UNIOESTE*. Cascavel, Paraná, 2009. Disponível em: http://cacphp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Simpósio/simpósio_aspectos_6.pdf. Acesso em: 20 jan. 2010.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-188.
- CUNHA, M. A. *O marcador discursivo olha em narrativas orais e conversações*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005
- D'ONOFRIO, S. *Teoria do texto I: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- DUQUE-ESTRADA, M. P. C. *Marcadores tags em narrativas orais paraenses*. 2001. 233f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- FAVERO, L.L.; KOCH, I.G.V. *Linguística Textual: introdução*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo, Ática, 2006.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-81.
- FRIAS, M. V. “Falando com a Alma” em Discurso Político. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.04, v.1, Dezembro. 2008. p.71-94.

GALVÃO, A. N. *As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do Orkut*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

HANKE, M. *Narrativas orais: formas e funções*. Contracampo, Vol. 9, No 0, 2003

KOCH, I.G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez, 1996.

_____. A referenciação como atividade cognitiva e interacional / Conferência apresentada no Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, 2001.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Cap. III e V. p. 21-33; 51-79.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972. p. 352-96.

_____. Narrative pre-construction. In. *Narrative Inquiry 16.1*. John Benjamins Publishing Company, 2006. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/NPC.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2010.

LIMA, M. L. C. *Indefinido, anáfora e construção textual da referência*. Campinas: Unicamp. Tese de doutorado, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2000

_____.; KOCH, I. G. V. Estratégias de Referenciação e Progressão Referencial na Língua Falada. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado. Vol. VIII*. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, 2002.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005 p. 53-101.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-49.

_____.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, A. M. *Elementos cinésicos e paralinguísticos nas narrativas orais paraenses*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

OLIVEIRA JR., M. *Padrão Entoacional e Pausa na Narrativa Oral*. Publicação do autor, 1995. Disponível em: <http://www.oliveira.tripod.com/pdf/padepau.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2009.

OLIVEIRA NETO, J. N. Argumentação e intencionalidade na linguagem do amazônida paraense. *Revista do GELNE*. Ano 1, Vol. 1º, Universidade Federal de Pernambuco, 1999. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_11.pdf. Acesso em: 15 ago. 2009.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, p.1296-1301, 2005. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005>. Acesso em 10 jan. 2010.

PRETI, D. (org) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

SÁ, M. P. M. A descrição na narrativa oral. *Revista do GELNE*. Ano 1, Vol. 1º, Universidade Federal de Pernambuco, 1999. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_11.pdf. Acesso em: 15 ago. 2009.

SILVA, M. A notícia como narrativa e discurso. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia; Jornalismo, linguagem e discurso - Vol IV N 01*, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2200>. Acesso em: 10 ago. 2009.

SOUZA, A. C. S.; ROSALINO, J. S. N. A descrição semântica dos adjetivos presentes no corpus do projeto vestígios em mato grosso do sul. Disponível em: <http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/07/Arquivos/05.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

TOSCANO, M. E. S. *A construção do texto falado e a produção dos sentidos: o caso da correção*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 1999.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

VICTOR NETO, J. *Narrativas orais de castanhal: migração, ressignificação e contradiscursos à homogeneização cultural*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

ANEXOS

AS NARRATIVAS ORAIS

NARRATIVA (1)

Do cabra que nunca teve medo.... então ele vai andar pra ter medo... então foi assim... aí falou pra mulher.. ele era rico.. (né) disse mulher.. eu vou sair de casa até no dia que eu tiver medo eu volto... ele era rico... aí... aí ele saiu...(né)... e botou a sela no burro botou comida dinheiro se preparou e saiu... disse “olha no dia que que eu achar do que ter medo eu volto” aí a mulher disse “tá bem”... aí ((faz gestos com as mãos- estada os dedos)) ele se mandou (né)... (pausa longa) aí viajou... rapaz andou andou andou a burrinha ()... andou o dia todo... aí chegou numa casa pediu dormida o cara deu dormida no outro dia ó ((estala os dedos))... chão até no dia que achar do que ter medo pra poder voltar.. aí tudo bem... aí quando foi um dia né ele já tava com... mês e meio e quando foi um dia.. ele disse... ele pensou assim... de pegar uma outra estrada ((faz gestos com a mão indicando o caminho)) né pra vê se achava de que ter medo... pegou outra estrada né () andou andou aí passou numas nuns casarão né tal e tal aí chegou na casa de dois veinhos... mas os veinho um casal.. aí chegou... “rapaz não dá pra ocê arranjar um/dormida pra mim?” né... ele disse “rapaz é o seguinte minha casinha aqui é apertado... é só nós dois mas é muito pequena mas tem esse casarão aqui ((indica com a mão))... que eu arranjo pra você ficar”... um casarão velho anTIgo né... e lá era assombrado... de noite... parecia muita visagem né... aí o velho ☺ pensou assim esse cabra ☺ não vai agüentar até o dia amanhecer... disse “é então eu me arranjo () pois é aí é que eu quero porque... eu boto meu animal pra pastar”... que/tinha um sítio grande tinha muito pasto pra animal... “e eu durmo lá né”... tá bom aí ele foi... rapaz quando fechou a noite armou a redinha... né...aí deitou aí fez um fogo aí tava assando uma carne (né)... escutou o chiando dentro de casa lá vem lá vem... ele espiava né não via.. coisa nenhuma... rapaz aí quando foi umas horas... barulho () pra cima de casa lá vem ☺ esse cabra vai cair... e nada só visagem só visagem () amanheceu o dia né... aí di/”rapaz é o seguinte... aqui eu já passo já a noite eu não vou ficar mais aqui né eu vou embora”... aí che/aí de manhã falou com o veinho foi lá entregou a chave “rapaz é o seguinte... eu já vou porque eu... só vou inTÉ aonde eu achar uma coisa que me faça medo” () aí o veinho... “não rapaz fique com nós passe mais umas noite e tal né...e... ocê sabe só só dormiu pra li não conversou nem com nós agora o senhor fica a noite com nós aqui em casa né”... “tá bem aí.. tá bom” aí ficou lá né... aí quando ele foi... de manhã amanheceu o dia aí a velha tinha um tinha pegado uma nambu no OUtro dia tava debaixo lá de uma arapuca... escondida... aí o velho disse “olha tu pega essa nambu aí faz

uma caixa de papelão bem feitinha tu bota a nambu dentro quando ele for saindo de manhã tu entrega pra ele” di/assim “quandi você se lembrar de nós você abre essa caixa... pode tá onde tiver né”... ☺... aí deu a caixinha bem ajeitadinha aí o (cara) foi embora rapaz quando foi dando assim umas meio-dia aí ele lembrou lembrou da caixinha disse “AH a caixinha que aquela veinha me deu”... aí ele parou burra e já já é aqui () coisa que tem dentro... aí desceu né pegou a caixinha e destapou a nambu VRUM... na cara dele... ☺ chega ele abriu os braços... puta merda Olha de que ele tem medo de uma nambu... ☺ aí voltou... pois é.. foi te ter medo de uma nambu.... pois é.

NARRATIVA (2)

Pois é:: ai ela... falou “é o seguinte não tem jeito ai nós vamos fazer uma festa e vamos comemorar a morte desse camarada que nos vamos fazer um festejo”... tá bom aí saiu.. deixou lá disse “olha...” de manhãzinho botou ele pra partir um bocado de lenha.. amarrou uma corrente nas pernas dele falou “ah mulher vou sair pra convidar o pessoal pra vim pra cá... e tu fica fazendo esse camarada aí... quando chegar pra nós... fazê ele”... aí tá bom... aí ele pegou o machado e começou a cortar lenha aí chamou ela chamou ela falou “olha... cê faz o seguinte a senhora vá pegando essa lenha daqui... e vai levando pra lá((faz gestos com as mãos indicando o lugar)) logo pra perto do tacho... porque... até eu acabar aqui ((capaz)) ficar tarde... quando o rei chegar... e... tá tá capaz... de tá atrasado”.... tá bom... ela começou a pegar a lenha... cada vez que ele jogava ((faz gestos com as mãos indicando como ele jogava a lenha)) ele jogava mais perto... ela pegava a lenha e ia levando quando/ até que chegou uma hora que ela... chegou bem pertinho dele quando se abaixou... quando ela se abaixou pra pegar a lenha ele arrouchou o machado na cabeça dela... aí matou ela... e... meteu o machado na corrente e cortou a corrente do pé dele... e dis dismanchou ele lá... e cuidou de tratar ela e tudo... botou ela na panela e cuzinhou... os pedaços lá... ajeitou o almoço lá e tudo... quando... ele chegou né:: aí foi o seguinte... ele cortou... o negoço da mulher lá ((faz gestos com as mãos)) ☺botou numa vasilha☺... a prechecona lá bacana lá numa vasilha cobriu o bicho cabiludo que nem... o cabelo do oséas ((aponta para o amigo))... tá bom... quando...o gigante tava pra chegar... ele foi se deitou na cama né::... pegou o cabelo dela ((faz gestos indicando como era o cabelo dela)) e colocou lá de.. do lado de fora do... do cobertor da cama ajeitou tudinho lá na mesa o almoço e tudo deitou lá... tá bom... aí quando o gigante chegou... os convidados tudinho... “mulher cadê o almoço? tá pronto o almoço?” aí respondeu lá de dentro

do quarto “é... ((imitando a voz)) tá lá em cima da mesa vê como é que tu faz lá” “que foi?”... “nada depois... tava muito na quentura do fogo e me deu dor na cabeça uma febre... e eu tô me sentindo muito ruim aqui... vai... ajeitando lá que.. eu não vou prá lá não” “poxa deu problema a mulher aí... tá tudo pronto aí... umbora almoçar” aí foram almoçar... daí “a gente tá festejando a morte do... do ladrão pirigoso que ti/tem na cidade e agora não vai mais existir”... aí disse “olha ()... quando vocês acabarem aí tem um negócio de uma... de um... tira-gosto lá num... prato aí.. tu oferece lá pro pessoal” tá bom... quando ele foi descobriu Olha ((faz gesto indicando como era a precheca)) ☺ a prechecona da mulher☺☺... “mas rapaz isso daqui não é de mulher isso daí”.... só se levantou de lá da cama menino e ajuntou na carrera falou “AH isso daqui.. pra ocê aprender... lidar com ladrão”...((aí)) ajuntou na carrera...aí foi ele caçar a mulher... cadê a mulher? ele tinha matado era a mulher... “puta que pariu... o desgraçado fez foi matar a minha mulher”... aí o joãozinho pegou menino e sumiu... foi embora da cidade... foi trabalhar num no outra cidade passou um TEMPão prá lá aí.. quando já tava mais ou menos com uns quinze ou vinte anos que ele... num não vinha lá aí ele disse “é... agora eu vou.. dá uma volta lá na minha cidade”... deixou o cabelo crescer bem grandão mesmo ((faz gesto indicando como o cabelo e a barba cresceram)) barba tudinho ficou... aquele munduru de gente feia ((olha para os lados)) aí... mandou preparar um carro ((faz gestos))... fez um carro assim bem grande... todo de ferro... fez assim que nem um... um tanque né:: aí deixou uma janelinha lá... e pegou meio carote de gasolina pendurou do lado... aí... chegou lá na cidade saiu/chegou empurrando esse carro lá... aí ele gritava “olha o TANQUE TANQUE olha o TANQUE TANQUE o TANQUE TANQUE vai levando aqui o joãozinho... camarada que fez muito... muitas derrotas aqui na cidade... aí pela última vez ele veio se despedir... aí o pessoal ficaram “que diabo é aquilo?” aí ele gritando “olha o homem do TANQUE TANQUE o homem que veio... que passou muitos anos aqui na cidade comeu a mulher/matou a mulher do rei roubou o cavalo do rei... roubou o papagaio do rei... e hoje ele... tá aqui na cidade... dando a última volta pra se despedir”... aí o rei disse “AH rapaz... esse camarada foi quem matou minha mulher”... tá bom... eu vou lá olhar pra cara dele... chegou lá “cadê esse joãozinho?” “rapaz tá preso aí dentro”... “dá pra vê ele?” disse “rapaz é meio meio ruim de vê ele oh”... “mas eu queria vê porque esse... esse camarada foi quem matou a minha mulher” disse “AH agora não tem jeito ele já ta preso aí deixa ele ficar” disse “não... quero ao meno olhar pra cara dele”... “então faz o seguinte... eu vou abrir aqui... essa janela... o senhor bota a cabeça pra dentro... porque ele é pirigoso pra fugir” disse “ná ele é muito pirigoso mesmo” “pois é... eu vou abrir aqui essa porta o senhor entra mas só um pedaço pra dentro

pra num... num dá folga de ele sair” tá bom... aí... ele foi abrir a porta lá... abriu mandou ele olhar lá dentro tudo escuro né:: que é tudo vedado... quando ele meteu a cabeça pra ele olhar lá pra dentro ele agarrou pelas pernas e ((fez gesto com as mãos)) e empurrou ele pra dentro do tanque... empurrou e disse “é... senhor ()... o senhor tá falando com o Joãozinho mas aqui do lado de fora... e agora quem tá aí dentro é o senhor”... pegou meio de balde de gasolina e jogou lá dentro e tacou-lhe fogo... e essa arrumação... quando o pessoal da cidade viram o rei já tinha pegado fogo lá dentro... ele só fechou a porta... largou o carro meu amigo e ajuntou na carrera... até hoje... POde andar atrás dele que num... num consegue mais... mais pe pegar ele... e essa é a história do joãozinho... o o o homem mais ladrão da cidade.

NARRATIVA (3)

e aí rapaiz eles saíram pa:: ir brincar... ((o If. inicia a narrativa)) “essa é:: é:: é dos três amigos?” ((pergunta do documentador)) então... na hora ... é dos três amigos... tu vai saber... parece que eu contei lá no prédio... que eles saíram pra ir pra festa... Brincarum... brincarum... aí quando foi de madrugada... aí deram vontade de ir embora... já era de madrugada... aí vinheram tal tal... até aquela (na parte de dentro) que escutaram pra dentro do mato o cabra dizendo assim... “quer ver o laço do cão?” ((o If. gesticula apontando o dedo para cima)) aí... um.. um... um dizia assim “rapaiz vumbora... borá lá”... ((o If. gesticula com a mão e vira o rosto para o lado)) aí dois dizia que não, num era... “não rapá... dexa isso pra lá... ele já ta dizendo que é o laço do cão... que é que nois vamo fazer lá rapaiz?”... “não... vamo lá”... aí o cabra insistiu... aí fôro... né... entraram dentro do mato...antes deles chegar lá pertinho... “quer ver o laço do cão?” tava bem assim a voz... perto... aí fôro... quando chego era um saco cheio de dinheiro inté a boca... pois é... aí foi assim... aí eles tinham passado por um comercio... aí no comercio que eles tinham passado tava fechado... que era cedinho da manhã né... disse “mas nós já vamo que já passemos e já vamo de novo aí já abriu o comercio”... aí um volta... “vai comprar dois saco pra nós dividi o dinheiro... samo três né... pra cada um levar moeda em dinheiro pesa né?”... disse “rapaiz é mermo... então fulano tu vai... dois fica... pastorando lá o saco”... aí dois ficô e o cabra voltô... aí o cabra no caminho pensou assim... sabe de uma coisa... eu vou comprar um veneno e comprar uma cachaça... todos dois bebe e eu bebo também... eu bebo a minha aqui e num morro... e eles vão beber e vão morrer... aí eu fico só... só eu vô ficar com o dinheiro... entendeu?... aí comprou veneno né... aí bebeu uma cachaça e botou veneno dentro da outra ((o narrador faz um gesto como se estivesse despejando algo em

uma garrafa)) que ia trazer pros outro... aí comprou os dois saco... aí veio... botou o saco né... a cachaça dentro do saco né... aí veio...já chegando pertinho... aí disse “lá vem fulano... aí quando chegar mais perto tu atira”... o outro falou pro outro... aí disse... “é mermo”... aí o pobre foi foi... quando chegou bem pertinho o cabra POU::... aí PUFF... ((o narrador faz gesto de alguém atirando e outro caindo)) ele disse “corre lá... pega o saco... fulano já morreu vamo dividi o dinheiro”... “rapaz”... pegou o saco na perna assim.. pegou assim... ((gesto como se estivesse segurando o saco)) “rapaz o pobre vinha trazendo cachaça pra nós... olha”... “pô rapaz... mas já tá morto... bora beber”... aí o cabra levou a (garrafa)... [risos] aí tornou na boca...aí tornou... bebeu... ((gesto com a mão como se entornasse uma garrafa)) aí aquilo foi caindo... o cabra foi tomando a dele também... aí caiu pro lado... PO::...((gesto com a mão indicando que alguém caiu)) aí morreu também... aí o laço da cão era isso... aí morreu todos três... nem um nem outro pegou dinheiro... (o If. olha para alguém que está ao seu lado e ri)) morreu todos três... ((o If. tira o olhar da câmera e olha para o lado) “acabou?” ((o If. olha rapidamente para a câmera)) “acabou”... ((o If. olha para o lado))

NARRATIVA (4)

Essa história era um cara que... tava andando no mundo né ... ai ele era meio... assim meio medroso de mulher.. ai quando um dia ele andou... andou andou andou um dia todo... ai chegou numa casa... à noite... ai falou.. “senhora... a senhora pode... arrumar um canto pra mim dormir?” ai ele falou... “dá sim meu amigo com certeza você pode ficar”... ai tá bom ai ele ficou fizeram janta jantaram ai quando..((ele olha para alguém no lado)) quando foi na hora de dormir ele falou “meu amigo agora o senhor amarra a rede...aí” ele disse “a amigo pior é que eu não trouxe rede”.. “você não trouxe rede?” disse “não” “então você faz o seguinte não tem problema você dorme com... você dorme com a neném” aí ele falou “não meu amigo ih não se preocupe não por isso ninguém/(incompreensível) a gente ajeita uma pano aí no chão e dorme” “não bicho você dorme com a neném lá no quarto a neném dorme sozinha lá” “não não o que é isso deus o livre pode deixar que eu durmo aqui no chão mesmo” “não meu amigo durma lá ca neném não tem problema não” aí ele pensou porra dormir com neném e manhecer mijado o muleque vai querer me enjoar a paciência ai ele disse “não eu durmo aqui no chão mesmo” “tá bom” então dormiu aí quando foi de manhã aí o..o... o cara levantou ai falou assim “mulher mulher manda a neném fazer o café que o homem acho que vai sair cedo” ai ele ficou aí disse “poxa a neném fazer café” aí ela chamou “NENEM

NENEM “aí ela disse “senhor papai” “levanta minha filha vai o café pra dá pro homem que ele vai sair cedo” ele ficou.. mas rapaz que (incompreensível) neném é essa já será que eu me enganei?”... tá bom quando ele viu a bichona passou Olha o femAÇO aí puta que pariu ((ele olha para os lados balançando a cabeça)) “☺agora ou marquei dessa vez☺”... aí ta bom pegou ela saiu ele saiu atrás né chegou lá ele falou “bom dia moça” falou “bom dia” “moça me diga uma coisa... como é seu nome (incompreensível)” ela falou “meu nome é neném” ele disse aaa disse “olha você pode me chamar de manoel besta” ... aí... “mané besta?” ele disse “é..”. “por que que seu nome é assim mané besta?” ... “é porque eu deixei de dormir com a neném pra dormir no chão então é..é..é/ pode me chamar de mané besta não tem problema” ela “ah tá bom...” aí ele pegou... continuou né andando pensando porra já pensou/ aí andou andou aí quando foi de tarde de novo ele chegou numa casa aí tava só uma mulher né aí a mulher/ele pediu a dormida aí a mulher mandou ele/”pode ficar não tem problema” aí quando foi mais tarde ela disse “amigo tá na hora da gente dormir o senhor amarre a rede aí” ele disse “ah senhora eu não trouxe rede ó mas eu/não tem problema a gente ajeita uma pano aqui no chão” “ah então cê faz o seguinte cê dorme comigo porque eu sou solteira né eu não tenho marido” ele disse “AH não senhora” então ela era meia feinha assim sabe “não senhora deus o livre eu não posso fazer isso eu sou um cabra casado e tenho família não traio minha mulher” “que nada homem aqui só nós dois aqui não tem problema não” aí disse “não eu não posso eu não posso porque uma que eu sou crente e o cara quando é crente ele não pode trair a mulher dele” “é? então tá bom” aí dormiu quando foi de manhã levantou foi embora andou andou andou o dia todo de tarde chegou noutra casa aí foi pediu a dormida aí o cara mandou (incompreensível) aí ele dormiu ajeitaram um canto lá ele dormiu aí quando foi de manhã saiu um galo com um bocado de pintinho atrás né aí ele falou disse “égua esse galo com esses pintinhos... por que isso aí?” “ah porque foi ele que tirou esses pintinhos mesmo” “mas e e esses pintinhos não tem mãe (incompreensível)/ cadê a mãe desse pintinhos?” “não esse galo aí não gosta de mulher ele já foi casado e ele é crente ele não gosta de mulher” aí o cara se tocou né pô essa piada foi pra mim eu dispensei a ve/a mulher lá porque era crente né.. aí ele falou... “é ta bom tá bom” aí ele ficou com aquilo na cabeça aí... aí quando chegou/foi de tarde chegou numa casa de novo aí o cara pediu a dormida o cara disse “olha meu amigo é o seguinte a gente dá a dormida só que aqui meu amigo faz uma cruviana da peste” “ih vem cá meu amigo e que diabo é esse negócio de cruviana que eu não sei o que é?” aí ele disse “não ah/eh... a cruviana... é muito forte a cruviana que chega aqui ah.. ela só falta matar o cara” então o cabra que tava contando da cruviana né tinha uma velha lá dentro do quarto que era a

mãe dele e o cara não sabia né... tá bom o cara disse “en então eu eu dur durmo aqui mesmo” “rapaz umbora dormir lá pra dentro” “não meu amigo eu me ajeito por aqui mesmo (incompreensível)” ajeitou lá o cara dormiu quando ele se acordou ele olhou pro terreiro assim a velha tava acocada lá “filha da puta é a cruviana tu vai me pagá agora” voou num pedaço de pau lá doido e arrojou-lhe na cabeça da velha e a velha começou a gritá lá e ele baixou-lhe o pau e a velha gritando e ele baixou-lhe o pau e aí quando quando ele /((fazendo gestos com a mão)) o cara escutou lá dentro de casa correu quando chegou lá “o que é isso aí meu amigo” disse “a cruviana meu amigo que tá aqui no meio do terreiro e eu to metendo o caramba nela “aí o cara olhou “pelo amor de deus meu amigo não bata que isso aí é minha mãe”...ele falou “não isso é a minha cruviana que que tava deitado aqui que quando vi ela vinha entrando já oh” “não meu amigo deixe de sê sê besta a cruviana que a gente fala aqui é... o frio que é muito grande... aí aqui a gente conhece por cruviana”.. “poxa você não me avisou mas aí agora não tem jeito”... “é tá bom”... aí porra e a velha ficou todo quebrada lá o cara dormiu quando foi de manhã (incompreensível) foi quando ele falou “é rapaz vou deixar de ser besta tô só marcando” tá.. quando foi de tarde chegou na casa de outro cara aí pediu a dormida aí o cara mandou ele dormir quando foi na hora “meu amigo amarre a rede aí” “meu amigo pior que eu não trouxe rede óh tô sem rede” falou “AH então tá bom eu também e a mulher nós também não tem rede ... mas cê deita aqui dum lado e aí a gente dorme nós três só numa cama aí” “AH não senhor isso aí eu não faço” disse “por quê?” “ porque não dá certo esse negócio de nós dormir nós três só numa cama não dá certo” “NÃO meu amigo dá sim eu deito dum lado ocê deita do outro e a mulhé deita no meio num tem problema” ele “só meu amigo que eu tenho um defeito comigo óh... quando eu durmo assim perto da mulher do cara eu sonho assim diz que eu tô rolando rolando por cima da mulher dele e aí isso não dá certo ((aí o home disse))” “AHA então dá certinho comigo porque eu tô/eu também tenho um sonho feio que quando o cara sonha que ele ta rolando rolando por cima da minha mulhé aí eu também sonho que diz que eu dô/que eu pego lhe o telhado e meto-lhe o telhado nele diz que eu corto corto ((com o telhado)) ” aí ele falou “não meu amigo então borá fazê o seguinte nós vamo nós vamo dormir hoje todo sossegado ninguém vai sonhar porque... porque desse jeito desse sonho aí... não dá certo”.. dormiram lá acordaram e até hoje acho que não sonhou feio mais. [risos]

NARRATIVA (5)

O cara... o cara estudou desde criança, é ... começou estudar, e se preocupou muito com o estudo dele... estudou estudou assim... aprendeu tanto que chegou a ... a disperceber das outras coisa, ficou só no estudo. Se formou, aí... ele se formou na sua cidade como *o doutor da lei*... ele era o doutor da lei... daí chegou um tempo que ele... é::... num falava mais com ninguém só... se a gente chegava lá pra falar com ele ele ficava sentado assim só lendo e você falava com ele... cumprimentava ele... ele só falava bom dia sim e pronto qualquer pessoa podia ser a melhor pessoa a pessoa mais importante que fosse... e o outro irmão dele que estudou estudou tanto que ficou doido... andava na rua num ia mais em casa e a família nem já... é... dava muita atenção pra ele e esse doutor da lei ficou estudando... todo muito ia lá chegava lá falava com ele... nada... quando foi um dia, é... o reis, tinha um reis na cidade... o rei disse “eu vou lá... vou vê se esse cara num... num... num dá atenção pra ninguém mesmo...” ele era o reis claro que... né... todo mundo tinha que dá atenção pra ele... ele foi lá chegou lá ele tava lá falou “bom dia doutor... o sinhô que é o doutor da lei?” ele falou “positivo” “então eu vim aqui pra conversar com você” ele falou “pode sentar”... aí o rei sentou e ele começou... ficou lá num deu atenção não... ficou lendo passou mais ou meno uma meia hora lá e ele nada de dá atenção ele falou “Ó doutor... eu vou embora... daqui com oito dias... daqui com oito dias você vai me responder três perguntas... três perguntas você vai me responder... se você não responder todas três você vai... você vai sê morto pela força... vai ser enforcado” aí ele pegou... foi embora né... pronto... o doutor ficou... é... já pensando naquilo.. qual era as pergunta que ele ia responder se ele num tinha noção de nenhuma nem sequer... num conversava cmm ninguém e num tinha noção das pergunta por que ele num deu nem... é... iniciativa das pergunta... aí ficou... quando foi com uns três dias assim todo mundo passava... o olhar dele com a cabeça baixa lá triste pensando... já deixou de ler... encostou os livro todo sabendo que ia morrer porquê né o rei que ia perguntar pra ele... fazer as pergunta e ele num sabia responder por que... como é que ia saber? ele não conversava com ninguém pra ter idéia e tudo devido ele não dá atenção as pessoa já nem iam mais conversar com ele... aí um dia o irmão dele que era doido sempre passava lá na frente e via... aí desconfiou de que ele já num tava mais dano atenção PA... pra ler... aí ele entrou lá falou “é rapaz... o que é que tu tem? tá assim cuma cara diferente... esses dia eu tenho passado aqui num te vi mais lendo” “Ô rapaz... nem vem conversar comigo por que... tu num vai resolver meu pobrema...” “não, mas quem sabe eu num resolvo?” “não vai te embora daí...” aí ele veio ficou aí perto depois voltou falou “mas não dá de tu meno me dizer é... alguma coisa assim igual pra mim?” falou

“tá [jovem] eu que sô bom eu sô normal eu já não sei... o o é definir o meu caso imagine tu que é um doido” ele falou “num tem pobrema diz o que é” “foi o reis que veio aqui e eu num dei atenção pra ele e ele foi embora disse com oito dias que era pra mim ir lá lá no palácio dele reponder essas três perguntas...” aí ele falou assim “rapaz quem sabe eu num respondo essas três perguntas?” “eu sei...” “mas fala pra mim” “ele passou aqui disse pra mim responder três perguntas pra ele se eu não responder eu vou ser morto é... enforcado eu vou entrar na forca” ele disse “pois intão dá pra mim essa aí... por que já sou doido eu num presto pra nada num tem quem nem me mate... deixe que eu vou responder pra ti” “tu vai mesmo?” falou “vou” “tudo bem... olha... é:: quando chegar no dia seguinte tu passa aqui e eu vou te falar” “tá bom” quando foi no dia o doido chegou lá disse “olha vai ser nove horas” a... que ele tem que se apresentá lá no palácio do rei... “o que é que tu quer?” ele falou “olha... tu quer comida? tu que comer bem? que é... te alimentar bem porque vai morrer?” ele falou “Ó... num quero não... quero que tu me dê... é... quero que tu me dê um dinheiro aí só pra mim comprar um lanche antes deu chegar e eu quero que tu dê a tua roupa... o teu traje todinho tudo que pertencesse que tem de tu levar como doutor eu quero que tu me dê tá bom?” aí ele pegou deu a calça né... deu palitó deu sapato tudinho... equipou ele todo bem bacana... pegou o dinheiro lá e deu pra ele se despediu dele disse “pode deixar que se eu morrer num adianta nem ir atrás por que num resolve nada mesmo é um favor que vocês tão fazendo pra mim” “tá bom” quando chegou lá entrou... sim antes dele chegar... ele entrou num comércio assim pra comprar alguma coisa pra comer... ele olhou assim e viu a imagem de cristo é um Cristo crucifixo... aí ele perguntou pra ele... ele ia se lembrando de Deus muito se lembrando de Deus... aí ele perguntou pro homem da do comércio lá “com... quanto é que custa esse... esse Cristo?” aí ele falou “é quatrocentos” só que o dinheiro que ele tinha num dava prá... pá pá comprar e sobrar pra merenda né... ele falou “é mais eu vou comprar por que Cristo é... é mais necessário quem vai me ajudar” aí comprou... comprou o Cristo quatrocentos é... cruzeiro né nesse tempo era... aí foi embora... quando chegou lá o rei já tava esperando mermo... falou “pronto senhor [tô] pra responder suas pergunta” “você veio responder tá preparado?” ele falou “tô” “então eu quero que você me diga... você sabe o que eu li falei? se você num responder as três pergunta tudo certo você vai ser morto enforcado?” falou “num tem pobrema” “aí de nós dois vai termos que decidi o qual é o... que vai é... fazer o certo né o que eu quero que você me diga agora quantos quilo a lua pesa?” reis falou pra ele “quero que você me diga quantos quilo a lua pesa?” falou “lhe digo agora pode o senhor baixar ela que nós vamo pesar ela já já e me dê a balança e me empreste sua balança aí” falou “que que balança?

eu num tenho balança rapaz e como é que eu vou baixar a lua pra mim [pô] pra ti pesar?” ele falou “como é que cê quer que eu saiba o peso dela seu num posso nem tocar nela onde ela tá? então se o senhor baixar ela eu peso e vou lhe dizer o peso já já quanto é... ela pesa” “não mas num tem condições” “então você num pode me fazer essa pergunta que... é... num vai valer” “é tá tudo bem então eu quero que tu me diga outra coisa” ele parou... ficou pensando assim o reis né olhando pra ele “o que eu quero que tu me diga outra coisa qual é o meu valor como reis da cidade?” “ah! Essa aí é mais fácil! Eu penso que o sinhô ia fazer outra pergunta mas essa pergunta? olhe o Cristo que é Cristo ele vale quatrocentos você como rei vale a metade é duzentos” aí ele explicou “por que cê fala isso?” “por que eu vi olha por que isso aqui é um Cristo eu comprei inda agora foi quatrocentos se você é reis você é menos de que Cristo é... vale a metade é duzentos mais ou menos”... “rapaz mas tu... será que tu vais definir todas pergunta?” falou “não... eu tô aqui pra isso” “pois então me diz o que é que eu tô pensando? é a última pergunta” “dizer o que o sinhô tá pensando?” “é a última pergunta” “dizer o que você tá pensando? essa é a mais fácil que tem você tá pensando que tá conversando com o doutor da lei... você tá conversando com o doido irmão dele é o num é?” ele disse “puta que pariu rapaz essa aí eu perdi” “então tchau!” foi embora chegou lá falou “Ó tá aqui eu num ti falei que eu resolvia tudinho teu pobrema? resolvi sem nem ter dificuldade”

NARRATIVA (6)

era um... era um cara que ele era muito pobre sabe? muito pobre mesmo aí... aí todo dia ele ia pescar aí ele pegava só dois peixinho bem miudinho né e levava pra casa dele...daí quando é um dia ele já tava desistindo já né que ele pescava tanto nunca matava nada...daí quando é um dia ele... ele tinha fumo né ele levo só um cigarro pro garapé... daí quando ele chegou lá ele tava sentado em cima dum pau lá fumando aí ele tinha puxado uns peixinho né aí tinha só um pedacinho do cigarro assim... aí ele pegou... daí quando ele foi pescar aí o bicho caiu né... aí vinha passando uma cesta aí caiu dentro da cesta a... a... o cigarro né... aí ele falou “porra meu cigarro caiu na água” ele olhou ia fumaçando dentro da cesta ele falou “Opa ainda bem que não molhou” aí foi ele agarrou a cesta trouxe pra beira quando chegou lá meteu a mão tirou o cigarro né... quando ele tirou disque fico outro lá “pô mas joguei só um por que tem outro?” aí ele foi tirou outro aí tinha outro tirou e tirou outro... aí né uma nessa hora que ele tirou a cesta pegou a cesta a... uma voz disse pra ele né tudo que ele botasse lá dentro ele... ele tirava um a mais né aí ele pegou o peixe botou lá dentro né aí tirou outro aí botou outro tirou outro botou

outro né aí tá bom... ele falou “eu vou levar pra casa essa cesta” aí ele foi levou pra casa aí quando chegou lá aí ele foi disse pra mulher né “mulher pega aí um pouquinho de arroz aí um pouquinho de feijão aí que tiver aí bota aqui dentro que você vai tirar muito agora” aí ela pegou um pouco de arroz botou lá aí tirando foi tirando tirando aí tá bom “pega o feijão” aí pegou o feijão botou né tirou tirou tirou tá bom... e farinha e tudo ele tirou a mais né... aí depois e a cesta tava velhinha já quase não prestando aí ele lembrou ele tinha um compadre rico né aí ele falou assim “olha mulher vai lá na casa do compadre e fala pro compadre me emprestar uma dólar” aí ela falou “mas marido pra que tu quer uma dólar?” “Não.. vai lá é só emprestado só prento botar aqui dentro e aí tira outra e devolve a dele” aí tá bom aí ela pego foi né falou assim “olha compadre o... o meu marido mandou dizer que é pro sinhô mandar... que é pro sinhô mandar pra ele uma dólar emprestada” aí ele falou “mas uma dólar? ele tá ele tá é doido é? cume que ele vai me pagar essa dólar?” disse “não... é emprestado ele vai lhe devolver” aí “não mas eu não vou mandar não que eu num sô doido” aí a mulher dele falou “ele num mandou dizer que é emprestada compadre? então manda o dinheiro pra ele por certo ele não vai gastar esse dinheiro” mas uma dólar pra eles é muito dinheiro né dava pra enricar qualquer um... aí ele pegou foi pegou a dólar e mandou pra ele né mando... aí ele ficou meio preocupado aí também ele num esperou levou ele chegou lá e botou dentro da cesta né e tirou logo uma dólar e ele mandou logo a dele né... aí foi botando lá e tirando dólar e dólar e dólar e aí... encheu logo umas mala lá de dinheiro e aí foi botando lá pá dentro dumas caixa e tudo... aí quando ele já tava numa posição que ele já tava rico já né que dava dele enricar aí ele... parou né aí foi comprou logo... comprou logo... mandou fazer foi uma fazenda mandou fazer comprar uns carro aí botou logo um monte de boi lá né terreno dele era grande aí o compadre dele era rico né e nem ligava pra ele aí passou tempo... aí o o rico tava lá na porta da casa dele né quando ele escutou boi né tá berrando e o rico num tinha boi né aí falou “égua tem uns boi berrando pro rumo daqui... isso é bem boi fugido que ta aí dentro” aí ele chamou o filho dele aí pegou um cavalo cada um pegou um cavalo e saíram... saíram pra pra olhar... quando chegaram lá era na casa do compadre dele né... aí ele falou “mas compadre como foi pro senhor ficar rico desse jeito compadre que você num era pobre?” “você lembra daquela vez que eu fui pescar que eu... eu mandei emprestar aquela dólar pro senhor lá?” ele disse “lembro” ele disse “pois é aquela dólar fez enricar aí foi o seguinte eu... eu fui pescar e aí eu peguei uma cesta né ia passando uma cesta aí caiu meu cigarro e caiu dentro da cesta daí eu fui tirar o cigarro ficou outro eu tirava um ficava outro e aí a... uma voz me disse que... era pra mim ir com essa cesta pra casa tudo que eu botasse dentro dela saía... de novo muitas coisa né

a mais até quando eu num quizesse mais aí é o seguinte quando eu cheguei aqui em casa aí eu botei feijão arroz farinha tudinho dentro e saiu muito aí eu me lembrei que eu... égua eu podia enricar mais rápido aí eu mandei emprestar sua dólar foi que eu botei aí dentro e essa dólar é que fez eu enricar né” aí falou “ah! compadre! então vamo fazer o seguinte agora que eu sei que você já tá rico você me vende essa cesta você ainda tem ela?” ele falou “tenho compadre tá aí tá bem velhinha mas ainda tem” “então você me arruma você me vende ela?” disse “não compadre eu num vendo não” disse “não compadre me venda você já tá rico” Aí ele disse “é então... eu vendo” “quanto é? eu dou tanto” aí ele deu um preço lá né aí depois... chegou lá na casa dele com ambição... um homem rico né... aí falou “mulher agora tu faz o seguinte... pega logo lá um bocado de dólar e joga aqui dentro...” aí foi encheu a cesta aí só fazia encher e vazar encher e vazar né... aí foram bot/encheram tudo quanto foi lugar... aí ele tinha um quarto lá que não tinha nada... encheram de dólar e aí quando não tinha mais nem onde guardar a cesta já tava bandalhando né aí ele chamou o filho dele e falou “meu filho pega sua avó lá traz pra pra ver a cesta aí que como é engraçada né... aí o moleque foi trouxe a velhinha... a velhinha coitada tropicando aí quando chegou ela foi se agachar pra olhar a cesta aí caiu in dentro da cesta aí “TIRA TUA AVÓ DAÍ MENINO... de dentro dessa cesta...” aí foi tirar tinha outra avó... “tira de novo...” aí o moleque tirou ficou outra tirou uma ficou outra tirou uma ficou outra... aí... cada vez ele tirava ficava uma velha lá dentro e quando ele viu que a casa não tava cabendo mais aí ele falou “toca fogo nessa cesta senão vai sair muita avó daí de dentro...” aí o moleque tocou fogo na cesta aí... parou né... aí foi tanta avó que ele tirou que o dinheiro que ele tinha todinho num deu pra sustentar as velha né... acabou o dinheiro todinho e as velha ficou aí... até hoje ele tá lá trabalhando pra sustentar as velha...

NARRATIVA (7)

É... essa história é do home que... reformava quadro de santo né aí ele tirou a profissão dele pra andar no mundo reformando quadro... quadro imagem tudo aquilo que ele via que pertencia a... a... santo a... sabe? aí ele fazia reformava aí onde... toda cidade que ele chegava ele ia... percorria a cidade todinha fazendo só aquele trabalho aí quando foi um dia ele chegou assim numa casa dum... dum cidadão tinha muita imagem tudo quanto era retrato tinha lá aí ele foi e começou a reformar aí ele encontrou um quadro assim com retrato muito estranho aí ele ficou olhando assim ele conheceu que era o retrato do cão... é:: retrato do satanás... aí ele falou “pôxa tempão reformando... é... quadro as imagem nunca tinha encontrado um negócio

estranho desse jeito” aí ficou resolvendo se reformava ou não né mas como ele tinha... é...] tirado pra fazer só esse trabalho “num tem nada a ver, eu vou reformar” aí foi deu um grau lá bacana reformou e... foi embora continuou aí ele tava... um dia ele passando numa cidade ele tava com fome aí ele chegou assim numa pensãozinha pediu pra... pa dona da pensão né arranjar uma comida pra ele lá vendesse pra ele que ele tava fazendo um trabalho e no momento ele tava sem dinheiro pa... pa pagar a merenda né... mas logo que ele arrumasse o dinheiro ele pagava ela foi e falou “Ó só tem ovos” “tudo serve tudo serve” aí ela foi cozinhou dois ovos e deu a merenda pra ele né... ele merendou depois que ele terminou de merendar ele já agradeceu a ela e falou “Ó você não se preocupe não que... eu tô reformando uns quadro aí umas imagem e logo que eu arrumar o dinheiro eu volto pra mim pagar a senhora “tá bom” aí ele foi embora com isso ele passou dois anos... pra poder voltar... aí no dia que ele voltou ele passou lá na cidade né... chegou lá na cidade foi que passou lá na pensão e... ia conversar com ela só que ele inda também já velho... é definido pa pagar né... aí conversou com ela lá... perguntou quanto é ela disse “Ó eu vou somar aqui... eu vou ver quanto que vai dar” pegou a caneta e foi... foi somar durante dois anos que ele tinha passado fora... os ovos que ele comeu tivesse produzido pinto... aí no caso já num saiu... mais já foi só franga aí esses bicho tavam produzindo... aí ela resumiu tudinho... deu uma quantia de de frango que num tinha como ele pagar... aí ela disse “Ó o senhor vai me pagar isso/esse total aqui” ele falou “mas dona eu num posso comer que eu vou pagar isso aí tudinho? eu vim com dinheiro certo pra pagar aquele né que eu tinha merendado” “é... mas depois de passar tanto tempo eu num posso deixar assim também só por aquele preço daquele tempo não o sinhô vai ter que me pagar é isso aqui” aí começou a... discutir com ele né... aí ela falou “é... você num vai me pagar por bem você vai me pagar lá no fórum” aí foi lá deu parte dele denunciou ele lá tal e o juiz mandou chamar ele... ele foi lá... ele disse “olha dia tal assim você vem aqui pra resp/ resolver esse pobrema” e agora o que é que ele faz? pensando saiu de lá pensando assim sem saber o que fazer na vida... aí ele falou “é num tem jeito jeito que tem é eu... ficar preso por que eu num vou ter como pagar... num tem ninguém por mim né... vivo sozinho no mundo aí no mundo de meu Deus... aí trabalhando aí sem parente nem aderente conhecia ninguém” aí ele quando ele vai assim aí ele olha se vem um cidadão aí todo alegre sorrindo pro lado dele tudo... encontrou com ele falou com ele... começou a conversar com ele perguntou como é que tava a situação dele ele falou “rapaiz tudo pra mim num tá muito bom não eu trabalhei aqui na cidade um tempão aqui aí na época eu tava sem nada aí eu achei de merendar ali num numa pensãozinha ali numa senhora e comi dois ovos né... fiz uma merenda

lá e foi embora... falei que logo que eu arrumasse dinheiro eu pagava só que aí completou dois ano eu vim passar aí e vim pagar... e ela me cobrou uma quantia de de galinha que tivesse produzido dois ano e que eu num tinha condição de pagar... aí me levou ali no fórum... deu parte de mim e tudo... e agora tal dia eu tenho que vim aqui pa resolver esse pobrema... eu tô achando que vou ficar preso” aí ele falou “olha mestre é o seguinte num... é... as coisa oferecido num tem preço mas se você quiser eu resolvo seu pobrema sinhô... pode deixar que eu sou adevogado... se o sinhô quiser no dia do seguinte você pode me esperar que eu venho resolver isso pra você” “você tem certeza?” o outro “tenho certeza pode deixar que eu venho” “então tudo bem combinado” aí passou um... passou uns dia né no dia da... da audiência aí o rapaz falou “Ó você vai me esperar lá e pode deixar que eu vou resolver... num é pra resolver sem que eu chegue... algum atraso que tiver mas pode falar pra ele lá que eu vou chegar” “tudo bem...” quando foi chegou no dia... era nove horas aí ele foi quando chegou lá sentou lá e ficou esperando ele... aí ele... esperou no horário certo e ô... e aí num chegou o adevogado dele... e aí a mulher chegou já com o adevogado dela esperando e o cara num chegou... e ele já tava agoniado... mandaram chamar ele lá fora... ele falou “não aguarde só um momento que o meu adevogado tá chegando” aí com pouco tempo chegou o cara o cara veio suado que já vinha correndo cansado chegou lá “bom dia meu patrão” “bom dia” “como é que tá?” “tá tudo bem” “já chegou a hora?” ele falou “já passou da hora” “então pode deixar que eu vou resolver” chegou lá com juiz “bom dia seu juiz” aí ele falou “bom dia você que é o adevogado desse rapaz?” ele falou “é sim sinhô” “e isso é hora de você resolver questão? você num sabia o horário que tava certo e marcado pra você vim resolver?” aí ele falou “tudo bem... só que tem um problema... eu quero pedir desculpa... você deve intender minha parte como adevogado que eu me comprometi de resolver o pobrema do rapaz aí... mas só que eu tinha que fazer um serviço amanhã e eu tinha que adiantar hoje... eu tinha que prantar um feijão amanhã e os trabalhador tavam... vão ter que esperar e eu tive que cozinhar esse feijão hoje e eu tenho... inté cozinhar esse feijão... aí foi o tempo de atraso e eu cheguei fora de horário” aí o juiz disse “dessa maneira que você vem resolver pobrema? você é adevogado desse jeito?” falou “por quê?” “como é que você vem resolver a questão do do... do... cidadão e vem chegar com história aqui que veio cozinhar feijão pra plantar? aonde você já viu feijão cozido nascer?” ele falou “nasce sim doutor... eu acredito que nasce por que esse home comeu dois ovos de galinha cozido tá com dois ano e a mulher cobrou esse tanto de galinha com ele... se o ovo cozido dá pinto então feijão cozido também nasce...” aí ele falou “vem cá os ovo que você vendeu pra ele tava cozido?” ela falou “tava” “então como é que você vem cobrar isso

ai? ovos cozido não produzem minha comadre... então si for assim você perdeu a questão porque se tivesse u... né... tivesse produzindo num tivesse cozido... tivesse cru tudo bem que podia nascer e crescer e criar um monte de pinto... mas desse jetio aí num tem direito não já que é assim você num pode... é... cobrar nada com homem” aí a mulher ficou triste né... saiu e ele saiu também chegou lá na frente o home disse “ Ô meu amigo eu num sei nem como lhe pagar e nem tenho dinheiro pra lhe pagar” ele disse “não sinhô o sinhô já me pagou você lembra daquele quadro que você reformou naquele tempo assim assim lá naquela casa e tal e tal? você olhou que era a imagem do cão?” ele falou “eu sei” “pois é aquilo é o meu retrato aquilo ali você tava reformando o meu retrato por isso que eu me apresentei pra você e fui resolver sua questão no dia que você precisar de mim pode contar que eu tô do seu lado até outro... um dia.

NARRATIVA (8)

Era uma vez... tinha um cidadão que ele gostava muito de caçar... então certo dia ele... caçando... encontrou... um lugar onde... as caça iam comer né... a espera... tava muito bom de caça... então lá era assim um sítio velho... um sitio antigo... no ditado dos antigo chamava-se tapera... uma tapera né... uma tapera é onde o pessoal já morou né... há muito tempo e abandonou... aí fica... cria mato e tudo... aí o povo mais antigo chamava tapera né... mas realmente é o sítio... *daqueles sítio antigo... abandonado...* tá bom... então lá tinha/aparecia uma visagem... quando a caça vinha o cara atirava... aí quando era daqui a pouco começava a aparecer uma bola de fogo... e eles/e raramente toda as pessoa que iam pra lá... quando chegavam lá... que dava um tiro... dava o primeiro tiro... aí quando aparecia aquela bola de fogo aí o cara descia e ia embora né... corria... ia embora com medo daquela bola de fogo... não esperava o resultado... tá bom... quando foi um dia... o camarada foi pra lá... aí virou... a espera lá tava boa... final de caça lá... aí ele foi... disse “(hoje) eu vou esperar ela aqui...” aí chegou lá ficou lá... aí veio uma caça ele deu um tiro... aí matou... aí ficou mais um pouco... aí quando deu fé lá se vem a bola de fogo... aquela bola de fogo grande assim clareando tudo e veio veio veio rodando... aí veio... aí chegou até onde ele tava... aí falou assim... falou pra ele... “EI... que é que tu faz aí?” aí ele falou “ eu to esperando a caça que eu... pra mim matar...” falou “e tu... o que é que tu faz aí?” disse “ah... eu tô cumprindo com a minha sorte...” ele falou “e qual é a tua sorte?” disse “não... a minha sorte é o seguinte... em vida... em vida... eu fez quatro promessa... e essas quatro promessa... chegou meus últimos dias de

vida e eu não consegui pagar... mas eu reservei o dinheiro pra pagar essas promessa... e num deu tempo de pagar porque eu adoeci e cheguei a morrer e hoje sou morto e não consegui pagar essas promessa...” ele falou “não... tu vai/tu quer pagar essas promessa?” ele disse “eu pago...” “então desce daí...” aí o cara desceu... chegou lá aí disse “olha... é o seguinte... bem aqui... tem uma caixa enterrada... essa caixa tá dividida em quatro partes... cada uma parte tem uma quantia de dinheiro... então presta atenção... uma quantia é pra eu dar pros pobre... eu fiz uma promessa que ia dar uma quantia de dinheiro pros pobre... a outra quantia eu fiz uma promessa que eu ia dar uma ajuda pros filho dos pobre... eu não ia dizer o tanto... então... realmente o que eu arrumei foi esse... e eu guardei esse/essa quantia pra dar pros pobre... e a outra quantia... eu disse que era pra fazer uma promessa no São José né... pro Santo São José que eu ia dar doar pra ele essa parte... e também chegou o momento d’eu d’eu a morrer e não consegui doar... entregar essa/pagar essa promessa que eu tinha prometido... e a outra parte é o seguinte... eu fiz a promessa de chamar um padre para celebrar uma missa na minha casa... e ia dar de oferta esse/essa parte... então cheguei a morrer e não consegui... não consegui pagar a promessa... aí então... dessas quatro... [o narrador interrompe a narrativa por conta do ruído causado por uma caminhão que passa na rua] então dessas quatro promessa foi que eu não consegui pagar...” ele falou “tu tem certeza que... que tá aí esse/essa caixa?” falou “tá... tu tem coragem?” falou “tenho” “então tu vai na tua casa pega uma enxada e vem cavar e tira...” ele disse “eu vou...” na mesma hora ele saiu e foi na casa dele pegou uma enxada e veio... chegou lá cavou cavou cavou aí achou... encontrou a caixa... destampou a caixa e tava lá... as quatro parte... ele disse “é... pegou caixa... aí... aí bola de fogo falou “olha... isso aí tu pode levar... e tu pode fazer isso aí que... que se não eu não vou ter sossego nunca...” “não... por isso pode deixar que eu vou fazer...” pegou... a caixa e levou pra casa dele... chegou lá chamou “mulher... é o seguinte... eu descobri o segredo da visagem lá do sitio...” ela disse “tu descobriu? Como foi que tu descobriu?” ele disse “não... eu falei com a pessoa que tá devendo a promessa... então é o seguinte... a promessa tá aqui ó... tem quatro parte de dinheiro aqui... uma parte é pra dar pros pobre... a outra parte é pros filho dos pobre... uma parte é pra dar pro São José... e a outra é pra mandar pra um padre pra celebrar uma missa na casa dele... então é o seguinte... a parte que é pra dar pros pobre... nós somos pobre... então fica pra nós... a parte que é pra dar pros filho dos pobre nós damos pros nosso filho... porque num são nossos filho? Então são filho de pobre... isso não é pra gente falar pra ninguém... e a parte do São José nós tem esse aí... a gente dar uma parte pra ele... fica pra nós... e a parte pra celebrar a missa... o meu primo é padre... a gente chama ele aqui ele vem até de graça pra gente... então...

realmente... num tem precisão de dar esse dinheiro pra ninguém...” e isso foi o que eles fizeram... com o dinheiro das quatro promessa... ele... um cara muito inteligente né? pegou ficou tudo pra ele... eu não sei se ele já gastou tudo o dinheiro... mas acho que ele ainda tem uma partezinha... [risos entre o narrador e audiência]

NARRATIVA (9)

Essa aí foi/era o cara que:: ele era muito namorado né... todo canto ele tinha uma namorada... aí um tempo ele arrumou uma... uma namorada assim do interior né... que era muito longe... e realmente ele tinha que ir um bocado de canoa... aí depois ele né deixava a canoa... saía por terra... pelo caminho... aí quando ele ia pra lá ele só voltava assim tarde da noite né... uma hora... meia noite... por aí assim... tá... toda noite toda noite ele ia... toda noite ele ia... aí sempre a namorada dele falava “rapaz... tu fica andando nesse caminho de noite... isso é perigoso... pode aparecer uma visagem...” e ele “que visagem... tenho medo de visagem não... não ando mexendo com ninguém...” “é... mas às vezes o demônio é sujo... ele acontece né...” aí falou “não... mas isso aí... eu ando com Deus eu ando com tudo...” aí sempre o pessoal avisava... tanto a namorada como a mãe dele né... pai e tudo avisava “rapaz... para com isso... tem muita mulher por aí...” “não... mas eu gosto da menina lá...” aí quando é um dia... ele vem de lá pra cá... lá pra casa dele né... aí... quando ele entendeu assim que vinha alguém atrás dele... ele olhou pra trás vinha um cara atrás dele... aí o cara veio veio veio até que acompanhou ele... aí ele falou “ei rapaz... tá andando por aí...” e ele “é rapá... tô aqui...” “senhor vem da onde?” “é rapaz... eu venho daí de dentro... eu tenho uma namorada pra aí... aí toda noite...” falou “pô... ainda bem que a gente se... se encontrou porque eu vinha com medo né... no escuro...” a visagem falando com ele né... [risos] “eu vinha com medo aí no escuro aí... aí ta bom que a gente é parceiro...” aí disse “todo dia tu vem?” ele falou “venho... todo dia eu venho...” aí foram conversando... chegou lá na beira do rio... aí ele foi pegar a canoa aí ele falou “é::...” “pô rapaz... tu bem que podia me dá uma carona... porque... porque eu tô de pé... tô sem canoa...” falou “então bora... senta aí...” aí ele foi e sentou lá na frente da canoa... ainda sentou de frente pro cara... no escuro... aí tá bom... o cara remou remou remou... foram conversando e tal... ele falou “rapaz... tu não tem medo de andar nesse escuro aí?” “não... num tem medo não... aqui não tem visagem não... lugar aqui é calmo...” falou “rapaz... olha que isso aí... um dia tu ainda vai encontrar ainda né... porque tu sabe... um mato desse aí tem muita coisa boa mas também tem muita coisa ruim...” “não... isso aí não existe não... esse negócio de visagem assim... o pessoal fala... eu não acredito que existe visagem...” “será tu

que não acredita mesmo?” falou “não... não acredito não... é conversa isso aí... não existe pessoa que morre e num volta mais não...” “rapaz... olha que volta...” “não... não volta mais não... se voltar mas eu nunca vi e tenho fé em Deus de um dia não vê...” aí ta bom... “mas é bom tu ter um pouco de cuidado porque... é perigoso... é perigoso e eu te digo porque eu sou experiente nisso...” avisando ele mas sendo a visagem né... [risos] que tava com ele...aí tá... aí quando chegou perto da casa dele assim aí ele falou “olha cara... eu vou... eu vou ficar bem ali...” falou “não... aí tá bom... daí já dou meu jeito...” aí ele falou “tu fuma cara?” ele falou “fumo...” falou “me arranja um cigarro aí...” aí ele... pegou foi... pegou o cigarro deu pra ele... aí aí ele botou na boca e falou “agora acende pra mim...” aí ele levou a cara bem pertinho da dele né... [risos] ele pegou o isqueiro e riscou... quando ele riscou era uma caVEIRA olha... o cara “AH::” [grito de susto] bem na água pulou na água e a caveira pulou atrás e saiu... até chegar na beira... aí o cara saiu pegou o mato... correu... aí “PUTA QUE PARIU... a desgraçada... [risos] era uma visagem que tava comigo na canoa...” aí tá bom... aí o cara chegou na casa dele todo espantado né... aí contou a história... aí o pai dele falou “rapá... eu não te falei... mas rapaz aconteceu?” “foi verdade...” “rapaz... agora tu vai parar...” “não... mas só por isso eu não vou parar não...” “rapaz para com isso rapaz...” aí tá bom... quando foi na outra noite ele foi né... passou uns dias e ele foi... aí foi... quando chegou... quando chegou/veio da casa da namorada né... tarde de novo... aí chegou lá pegou a canoa... e cabreiro né... aí foi descendo... aí quando ele chegou lá na beira do rio assim ele olhou tava um cara gritando “SOCORRO... SOCORRO...” ele disse “égua... tem alguém passando mal ali...” aí foi foi... olhou assim era num galho que tinha lá fora assim... o pau caiu né pra dentro do rio aí ficou o galho lá fora... aí o cara tava lá... “EI RAPÁ... ENCOSTA AQUI PELO AMOR DE DEUS... me leva que eu entrei no fundo...” aí o cara ficou... cabreiro né com o negócio da visagem... aí disse “rapaz...” “não rapaz... pelo amor de Deus... me/é que... bati aqui nesse galho aí minha canoa afundou e eu tô indo aí pra baixo... eu tava pescando... aí...” “então tá bom... bora...” aí o cara embarcou na canoa todo molhado... era a visagem de novo... [risos] aí ele falou “rapaz... parece que tu tava com medo rapaz de encostar...” ele falou “era cara... porque semana passada eu vim daqui da casa da minha namorada... aí o cara me acompanhou né... aí eu tava vindo... conversando com o cara rapaz... quando chegou na hora o cara embarcou na canoa comigo... pediu a carona... aí quando chegou perto de casa aí ele pediu um cigarro aí eu fui acender... rapaz... não era uma visagem...” “tu é doido rapaz... era uma visagem?” disse “era cara... eu fui riscar com um isqueiro meu... fui acender o cigarro pra ele cara era uma caveira muito feia...” “ih:: meu Deus do céu... tu é doido... ainda bem que

tu veio cara... que tu me deu essa carona... Deus o livre se eu ver um negócio desse... mas rapaz... me conta aí me conta aí como é que foi...” aí ele contou tudinho direitinho e ele disse “mas rapaz...” aí eles já iam se aproximando da casa dele né... aí quando foi chegando ele falou “rapaz... olha... eu vou ficar aqui olha...” ele falou “mas rapaz... mas rapaz quer dizer que era uma caveira que vinha contigo doido?” ele disse “era bicho... era muito feia...” aí ele falou “vem cá... falar em cigarro... tu não tem cigarro aí?” ele falou “tenho...” “então me arranja um aí...” aí ele pegou um cigarro... deu pra ele aí... aí ele pegou e disse “mas rapaz... eu fiquei na onda com esse negócio da caveira... égua uma visagem assim deve ser muito feia...” ele falou “era cara... era muito feia...” “mas será que era tão feia desse jeito?” [repentinamente, o narrador aproxima o rosto da câmera] ele riscou o isqueiro... [o narrador faz gesto de acender o isqueiro] era a caveira de novo... [risos] o cara ajuntou na água de novo... [risos] e a caveira saiu atrás moleque... [risos] aí chegou na casa dele contando a história... “PUTA MERDA... agora unca mais eu vou...” acho que até hoje ele não foi mesmo mais não... [risos].

NARRATIVA (10)

Essa aí é um cara que... ele... tinha família... aí separou né da família e ficou morando só... aí o pessoal sempre falava pra ele “é o seguinte... arruma uma mulher cara... botar pra dentro da tua casa pra cuidar das tuas coisas... porque tu trabalha né... tu chega e não tem nada pronto...” “não... quero mulher não... mulher é só pra dar consumição...” aí tá... então ele era muito caçador né... matava muita guariba... tinha um dom pra matar guariba que não acabava mais... aí quando ele... toda vida que ele matava as guariba... que ele preparava aí ele pegava as mão das guariba e botava dentro dum panelo lá né... toda guariba que ele matava ele botava as mão lá... então já tinha um monte né... um panelo cheio... aí uma vez o (cunhado) dele falou pra ele “cunhado... joga essas mão velha fora daí... fica guardando...” falou “não cunhado... essas daí eu tô colecionando que é pra... quando chegar no final do ano eu saber quantas eu matei...” “que nada rapaz... joga isso daí... nojento isso aí... isso aí pode até lhe fazer mal um dia isso aí...” “não... deixa aí...” aí tá bom... aí quando foi... quando um tempo... chegou um tempo né ele ia caçar quando ele chegava em casa tava comida pronta... tinha casa varrida né... tava tudo feito... aí ele ficou “égua... será que é o vizinho que tá fazendo isso pra mim? é... tá bom... ao menos eu descanso...” deitou na rede e dormiu... quando era no outro dia ele saía pro mato de novo... quando ele chegava tava tudo pronto de novo... o quintal capinado e tudo... ficava preocupado com aquilo mas também não perguntava pra ninguém

né... aí quando foi um dia ele... ele foi conversando com o compadre dele e falou “rapaz... lá em casa tá acontecendo um problema lá eu não sei o que tá acontecendo lá... porque... toda vida que eu saio que chego pro... pro serviço... ta tudo pronto lá em casa...comida... roupa lavada... casa varrida... louça né tudo... até o quintal capinado e tudo... quem é que ta fazendo isso pra mim?” ele falou “é compadre... Deus tá lhe ajudando...” tá bom... aí no outro dia ele foi pro mato aí quando chegou a mesma coisa né... mesma coisa... ele trazia as caça... as guariba né... quando chegava lá preparava deixava lá salgada quando era no outro dia chegava e já tava tudo cozidinho... aí quando é um dia o compadre dele foi e disse “rapaz... esse... esse teu caso... isso é alguma mulher que tá querendo se juntar com o vizinho... e o vizinho não quer... ou então ela tá fazendo isso pra ver se ele... eu vou reparar quem é essa mulher...” aí foi e se escondeu lá... aí quando o cara saiu de manhã... quando ele viu as mãozinha começaram a se mexer lá no paneiro né... aí começou a pular... um monte de mulher... entendeu? do paneiro...cada uma mão daquela virava uma mulher... aí diz que ele ficou... aí uma saiu pra cozinha pa/prá fazer a comida... outra já ia varrer casa... outra já ia lavar a louça... outra ia lavar roupa outra ia capinar quintal né... era muito... aí ele ficou olhando e falou “PUTA MERDA...” aí diz que uma dizia assim “olha... bora fazer rápido que ele tá pra chegar né... de repente ele chega e num pode ver nós aí...” aí tá... quando elas terminavam iam pulando uma por uma dentro do paneiro de novo... até que quando foi um dia uma disse assim “vem cá.. a gente tá fazendo esse favor pra ele aqui... mas... como é que ele vai pagar nós?” aí uma falou assim “como é? te preocupa não... isso ele vai pagar com a vida dele... nós vamo matar ele porque ele mata a gente... e ainda deixa as mão aí... então a gente vai matar ele... só que a gente vai dar um ensino bacana aí primeiro pra poder...” aí o cara tava ouvindo né... aí ele foi chamou o compadre e falou “é o seguinte... pare com esse negócio de cê tá caçando porque isso aí vai trazer problema pra você...” “QUE PROBLEMA... deixa de ser besta... porque que eu vou ter problema?” ele disse “não... eu só quero que você pare... pare que isso aí não vai dar certo não... isso aí vai trazer problema...” “não... não tem esse negócio de problema não...” aí continuou né... aí o cara começou a sentir um negócio de uma dorzinha de cabeça... uma perna... aí o cara incomodado... querendo contar pra ele mas... tinha vergonha né dele dizer que era mentira... aí quando foi um dia ele falou pra ele “compadre você largue... porque isso aí que você tá fazendo... [o narrador boceja] isso aí é que... é o mato que tá (golpeando) você... que você ta sentindo essa dor... ele disse “que nada cara...” aí ele não agüentou e disse “compadre... quer que eu lhe diga a verdade?” e ele perguntou “porque compadre que você tá tão incomodado que eu pare de caçar?” aí ele falou assim “olha rapaz...

vou lhe contar... se você não acreditar você se esconda que você ver... esses favor que tão fazendo pra você aí que tão limpando a sua casa e tudo... isso aí é aquelas mão da guariba que você tem guardado naquela...” “mas compadre... deixa de cê ser besta compadre...” “é compadre... é isso mesmo... toda vida que você sai... cada uma mão daquela vira uma mulher e vão fazer as coisa pra você... e uma delas falou que você vai pagar... o favor que ele tá fazendo pra você com a sua vida... porque você vive matando elas... e guardando as mão...” “mas compadre deixe de ser besta... onde cê já viu uma mão dessa virar mulher...” ele “não... é com certeza... quer ver cê presta atenção...” aí ele não ligou né... achou que aquilo era mentira,, quando foi uma noite ele dormiu... quando ele se acordou abriu o olho... aí ele se lembrou né... ele viu estarem conversando pra dentro da casa... tudo quanto era canto era conversa... aí ele pegou... ficou olhando a cama... do lado tinha duas... já tinham tirado a roupa dele assim e tudo... aí se apavorou... mas só que também não acreditou que era... as mão né... aí logo uma ele se encantou logo nela... aí foi... ficou logo com ela... nessa noite... quando foi de madrugada ela falou “não... a gente já vai porque... não pode amanhecer aqui...” aí ele falou “pra onde é?” “não... a gente mora por aí...” aí saíram... ele... ele ficou alegre né... aí chamou o compadre dele e contou... que tinha dormido com uma mulher e tal... aí o compadre dele “compadre pare com isso... essas mulher são essas mão...” “que nada... uma mulher bonita daquela vai virar da mão de uma guariba deixe de ser besta...” aí tá bom... sei que ela continuou vindo toda noite né... toda noite toda noite com ele pra lá... quando foi um dia ele cismou... aí ele cismou que (aquilo) mesmo não era normal né... porque ele só via ela de noite... não via de dia e ela nunca dizia onde morava e tudo... quando foi um dia ele falou pra ela “olha... tu... tu vem dormir aqui que eu vou dar uma saída mas na hora que eu chegar... ao meno tu fica em casa...” aí ela “tá bom...” aí ele pegou foi né... fez que saiu e se escondeu... mas seis horas assim quando ele olhou lá no paneiro o paneiro começou a se mexer lá... quando viu a bichona pulou... aí que ele foi acreditar né que era as mão... tá bom... ele escutou tudo não falou nada... quando foi de manhã ele levantou foi fez um fogo grandão... aí pegou as mão e jogou tudinho dentro do fogo... queimou tudinho... aí foi que ele voltou a ficar bom de novo e acabou as mulher que trabalhava pra ele... aí eu conheci uma delas... ainda vi ela trabalhando... [risos]